Você não pode fugir dos seus sonhos para sempre,
ou não terá valido a pena viver



Doce Salvação

Thamires Santos

Doce Salvação

Thamires Santos

Obra: DOCE SALVAÇÃO
Registro: Acvtoris
Revisão: Thamires Santos.
Capa: Thamires Santos
Diagramação: Yasmim Mahmud Kader
Imagens: Pixabay e PNGtree

Santos, Thamires — 1ªed — Publicação independente 2018.
1. Literatura brasileira 2. Romance

A autora desta obra detém todos os direitos autorais registrados perante a lei. Em caso de cópia, plágio e/ou reprodução completa e/ou parcial indevida sem a autorização, os direitos do mesmo serão reavidos perante à justiça.
"Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998."

Copyright © 2019 Thamires Santos



Notas da Autora

Este livro contém gatilhos sobre violência doméstica, então, leia somente se não for fazê-la(o) mal.

À todos aqueles que amam, que sonham,
e principalmente, que desejam.

“O mundo não se divide em pessoas boas e más.
Todos nós temos Luz e Trevas dentro de nós.
O que importa é o lado que escolhemos para agir.
Isso é o que realmente somos.””
Harry Potter.



Sumário

Prólogo.

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

Epílogo.

Agradecimentos:

Sobre a autora:



PRÓLOGO

A vida é aquela caixinha de surpresas que a gente não espera existir. Estou caída no chão, ferida e devastada. Eu não aguento mais as pancadas horríveis que vem em minhas costas, a cada segundo, de cada golpe do desgraçado. Tudo o que eu sinto além de dor, é angústia e desespero.

Céus, eu sinto que vou morrer, mas eu não posso, ainda não.

As feridas abertas não se igualam a dor da decepção. Primeiro, as coisas começam bonitas e cheias de sorrisos, tudo está em perfeita harmonia e você se sente em um conto de fadas. Depois, você vê que não é bem assim. Você está vivendo um pesadelo enganoso e quando olha, está jogada de mãos atadas nele.

Meu corpo rola pelo chão, estatelado e sem forças. Sinto que meu pulso quebrou, mas não posso fazer nada. Encolho-me no chão, abraçando meu corpo, com uma mão na barriga. *Não, não, não*. Ele estaria em perigo. Sinto algo úmido em minhas pernas escorrer e os gritos do desgraçado enchem o ar.

"Você é uma vagabunda! Uma ordinária que me traiu! Você é uma piranha desgraçada que acabou com a minha vida! O que eu faço agora? Não vou sustentar filho que tenho certeza que não é meu! Vai morrer antes de receber algo de mim! Vagabunda! Eu te acolho na minha casa, deixo ficar, mesmo não querendo! Você acabou com minha vida quando largou aquela merda de orfanato! Por que não ficou lá? Uma foda por semana não

era o suficiente?!"

De novo, outro golpe e eu desmaio.



Quando abro os olhos, ele não está mais ali, está na cozinha, com certeza pegando uma lata de cerveja. Quanto tempo fiquei aqui? Ainda estou caída no chão, no mesmo lugar que me encolhi. Vejo uma única chance, Deus, ele vai me matar se eu não fugir!

Levanto-me devagar, cerro os dentes sentindo a fisgada no pulso, não posso usá-lo mais. Eu preciso correr, correr, correr!

Olho ao redor, a sala está revirada e com móveis caídos. O lixo se espalhou pelo chão, o cachorro fugiu quando ele bateu no coitado e estou ali, sozinha. Vejo a porta logo ali, é minha chance de fugir e sobreviver.

"*Ele vai me matar!*"

Começo a andar devagar, acelero o que posso no meio do caminho. Eu só preciso sair da casa e correr para qualquer lugar que possa me esconder. Coloco a mão na maçaneta, encolho-me ao ouvir o grito do desgraçado atrás de mim. Ele está vindo, me chamando, minhas pernas tremem.

"*Força, Malu, força. Por favor, seu filho precisa de você*"

Ele está vindo, mas eu não o verei mais. Saio pela frente da casa buscando uma saída, tentando correr, não consigo, o jardim é longo, mas chego rápido ao portão da frente, de saída.

— Cadê você, vadia?!

Ouço seus gritos atrás de mim, mas nem olho para trás. Ele está vindo, eu sei, mas não posso parar ou corro o risco de tremer de medo e travar onde estou, sem conseguir continuar a fugir.

Abro o portão para sair, mas não consigo ser rápida, antes de suas mãos se agarrarem ao meu cabelo. Não! Eu não posso deixar! Sou puxada para trás, caindo sentada. Sinto uma forte dor em meu ventre. Ele fecha o portão de novo e me encara nos olhos.

— Aonde pensa que vai, putinha? — diz baixo, só para mim. Tremo demais, não posso resistir. As lágrimas invadem meu rosto lavando o sangue da pele inchada.

— P-por F-f-avor... — gemo, angustiada, chorando.

— Você não vai a lugar algum.

Ele olha ao redor e vê, ao fundo, o taco de beisebol que usa para jogar com os amigos machistas que tem. Abrindo um sorriso lunático, vai até lá, achando que eu não fugiria. Errado, não posso mais ficar aqui. Ele vai me matar! Eu levanto e rolo por cima da mureta baixa, caio no chão da calçada e corro pela rua. Não olho para trás, para os lados e para lugar nenhum.

Eu só ando o mais rápido que consigo.

Primeiro veio o choque. Meu corpo está rolando no ar e batendo forte contra o vidro do carro. O impacto nele faz meus ossos racharem e eu voo pelos ares caindo no chão.

Estou morta? Meu filho está morto?

Estou viva. Deus, estou viva. Eu quero morrer! Estou tão desnorteada que não vi que na verdade a batida contra o carro foi de lado e cai rolando foi pelo chão. Não consigo mover nada do meu corpo, só fico de olhos arregalados encarando a frente. Estou em choque e com medo, paralisada e em agonia. O filho da puta tá olhando da varanda da casa, assustado, não de preocupação comigo, mas sim pelo medo de uma testemunha vê-lo ali, tentando me matar.

A porta do carro abre e alguém volta correndo, desesperado.

— Não, não, não. Puta que pariu! O que eu fiz? Moça, você tá bem?

Olhos azuis estão acima de mim. Vejo-os marejarem com medo e angústia, ele olha ao redor e vê o maldito do meu marido com o taco na mão e eu toda estatelado no chão. Como por instinto, entende, pega o celular e disca três números.

Ele não liga para a emergência. O maldito ergue o dedo do meio para nós e entra na casa, sinto o toque gelado das mãos do estranho em meu corpo. Não aguento nem gemer de dor quando ele me ergue para longe dali, me enfia dentro do carro e voamos para o hospital mais próximo.

Tudo o que resta de mim é um sorriso satisfeito.

De alguma maneira, eu consegui sair.



01.

Malu

Acordo num rompante de susto, ofegante e cheia de medo. As lembranças invadem minha mente, as memórias frescas como se tivessem sido ontem. Eu sinto em minha pele toda a dor daquele dia. Abraço meu próprio corpo com os tremores passando aos poucos, os cobertores não conseguindo me aquecer do frio na espinha. Suspiro, tenho que manter o controle.

O choro de Daniel invade o cômodo, tão nervoso quanto eu estou. Suspirando, levanto da minha cama indo até a pequena cama dele que ficava ali perto. De pé, aqueles olhos tão verdes quanto os meus encaram-me.

— Mamãe, mamãe! — ele me chama.

Pegando-o, volto para o meu colchão com ele aninhado ao meu pescoço.

— Sonhou com o que, neném?

— Um bicho preto e feio. — disse. Mesmo para seus cinco anos, já é muito eloquente. Os cabelos encaracolados como de um anjo ruivo caem até o pescoço — Ele mordia a mamãe.

— Já passou.

A pequena kitnet onde moramos fica apertada em dias normais, mas naquele, era ideal para abafar nossos medos. Cochilamos juntos e abraçados até o dia amanhecer.



— Vamos, Malu! Acorde ou vai perder a cliente de hoje!

Levanto em outro susto, Daniel já está acordado jogando no meu celular. O cretino desligou o despertador! Como ele sempre descobre minha senha? Corro até a porta toda descabelada, abrindo rápido, já sabia quem era àquela hora.

— Desculpe, Luci! — eu ofegava. — O Dan desligou o despertador de novo!

— Por que ele acorda tão cedo?

Dou de ombros. Luci entra, sorridente, correndo até a cama para brincar com o Daniel, enquanto eu vou até a cozinha preparar o café. Alta e cheia de tatuagens, ela é o mais próximo que tenho de amiga. Talvez a única.

Meu pequeno cômodo que chamo de lar abriga tudo, menos o banheiro, que fica em um cômodo do lado, então, alguns passos e estou no fogão.

— E ai? — ouço-a perguntar, enquanto assiste um vídeo com o pequeno. — Vai naquela entrevista de emprego hoje?

— Não sei. A velha quer fazer a unha na mesma hora e eu precisava do dinheiro. — bufo, irritada. — O aluguel está atrasado.

— Malu! Se você for e conseguir a vaga, vai conseguir pagar aluguel num lugar melhor! — ela grita, levantando. — É um lugar bacana, abriu esses dias. — Luci para do meu lado pegando a chaleira e passando o café

enquanto eu preparo os pães. — Sabe que precisa.

— E com quem eu deixo o Dan?! — a encaro. — Já não basta que eu fique sem o dinheiro, vou recusar mais uma vaga porque não posso largar ele!

— Você é teimosa, isso sim. — ela revira os olhos, adoçando o café. — Olha, vai primeiro e depois me diz. Podemos fazer uma vaquinha e alugar um lugar bacana para nós duas e eu fico com ele no seu turno.

— Você tá trabalhando lá?

Ela sorri, me encarando. Tem um olhar perverso, cheio daquela maquiagem perfeita.

— Peguei o turno da tarde — pisca.

— Sacana! Eu queria esse!

Ela gargalha, voltando para a cama.

— Agora vem e faz minha unha!

Rindo, eu vou.



De tarde, estou terminando de pintar a unha da velha Nora, enquanto Dan corre no quintal com Bob, seu bassê marrom. Ouvia seu discurso de sempre. *"Arrume um marido. Esse menino precisa de pai! Onde está o pai dele? Não é certo uma mãe sozinha assim"*

Quero esganá-la, mas o dinheiro ajuda a alimentar o próprio Dan, então, engulo o orgulho.

Nunca que ele conheceria o pai se dependesse de mim. E eu dava graças a Deus toda hora pelo cretino estar preso. Não sei o que faria se ele estivesse por aí e eu pudesse encontrá-lo a qualquer momento. Se bem que, ele foi preso porque meu salvador misterioso denunciou, né? Então, deve me odiar.

Nunca soube quem era, mas torço para um dia agradecer. Lembro apenas de olhos azuis muito profundos me encarando na estrada e no hospital, mas depois disso, tudo fica escuro. Ele deixou uma carta que o

médico me entregou, dizendo que sentia muito por ter de ir embora, mas que coisas horríveis aconteceram e exigiam sua atenção. Eu não podia cobrar nada, não é? Graças a essa pessoa, Dan estava vivo e eu posso ver seu sorriso todo dia de manhã. Ele quase não sobreviveu ao que passei, os médicos falavam em milagre e eu agradecia todos os dias, também, pelo meu pequeno milagrezinho.

Quando sai da casa de dona Nora, andei com o pequeno pela rua, pensando no que faria. Eu não posso negar que a chance de trabalhar e receber dignamente era tentador, mas me preocupava em deixar Dan com a louca da Luci. Ela não bate bem da cabeça e é irresponsável demais. E claro, eu não tinha mais ninguém que pudesse fazê-lo.

Babás eram caras. Escolas tinham tempo limitado.

Minha família toda é algo misterioso, nunca os conheci desde que fui abandonada em um orfanato aos dez anos e não lembro de nada antes disso. Disseram que cheguei lá sangrando, então, deve ter sido acidente. Quem sabe, eu não sei. Minha vida toda é feita de acidentes.

Atravessando o sinal, rápido, deixei os carros voltarem ao movimento. Digamos que o centro da cidade que moro no interior fica lotado pela tarde, cheia de estudantes, mas a noite é deserta. Volto andando pela principal até chegar na rua de casa, mas paro, suspirando. O lugar da entrevista é logo ali perto, cerca de duas ruas de distância.

Um grande bar estiloso, cheio de cervejas e música pop, foi aberto há uns dois meses. Estavam com vagas para moças no turno da noite, mas eu fico com medo de embarcar nessa. Abaixo de frente para Dan e o olho, mexendo em seus cabelos.

— Que foi, mãe? — ele encara meu rosto todo cheio de medo. — Tá doendo a cabeça de novo?

— Não. — eu ri. — O que você acha de ficar com a tia Luci pra mamãe trabalhar de noite?

Ele me encara mais curioso.

— Vai voltar pra dormir com eu?

— Talvez você já esteja dormindo, mas quando acordar, vou estar lá. — sorri, ele não parece muito convencido.

— Isso vai fazer você não chorar mais?

Aquilo foi pior que um soco em meu estômago. Suspiro para não me lembrar do último dia que o Rogério veio avisar do aluguel e me desesperei.

— Provavelmente, e a mamãe vai ter mais dinheiro pra comprar doces

pra você!

— Então, tá bom! Mas promete que vai tá lá quando eu acordar, todo dia!

Eu prometo sorrindo e beijando sua testa. Era tudo ou nada.

Vou para o bar com o coração martelando. Quando atravesso a entrada, vejo muita luz colorida e um jazz suave vindo das caixas de som em um palco. O balcão a direita, mesas redondas e piso escuro. Na parede atrás do balcão, uma coleção enorme de bebidas importadas, no palco, vários retratos com cantores famosos.

Vejo Luci atrás do balcão, servindo cerveja a um outro cara que parecia bêbado, ele fumava e falava gracinhas para ela, que fingia interesse. A safada sempre tirava dinheiro desses caras, mesmo nunca dormindo com todos. Não todos.

— Malu! — ela sorri, acenado, vou até lá sentando em um dos bancos com Dan no colo. Ele já estava com meu celular na mão em um joguinho da memória. — Veio para a entrevista?

— É, acabei com a unha da velha Nora mais cedo e consegui vir. — suspiro. — O que faço, exatamente?

— Espera que vou chamar a Betsy.

Fico ali, nervosa, olhando ao redor e absorvendo as informações do lugar. Há discos que replicam os prêmios de famosos, e letras de músicas pintadas nas paredes.

Dan ignora tudo, como sempre. A vizinha, que às vezes brincava com ele, ficava falando que ele é autista e tem problema. Problema tinha ela e aquela fuça de mau amada. Só que eu, como sempre, ignorava pelo bem das unhas que fazia de vez em quando e o dinheiro extra que ganhava. Fico ali, apenas o observando jogar todo concentrado e cheio de ideias, sua memória é incrível e é mais inteligente que muita criança que já vi naquela idade.

Alguém segura em meu braço e eu travo por completo. Um frio passa em minha espinha, sinto uma onda de pânico que afunda meu estômago. Quando olho, vejo o homem de jaqueta e chapéu me olhando, curioso. Eu quase gritei.

— Onde é o banheiro? — ele me pergunta.

— Não sei... — sussurro. Quero sair de perto, olho sua mão na minha pele querendo arranca-la dali. — Pode me soltar?

Ele olha a própria mão e ri com escárnio.

— Desculpe. — Responde e senta do lado, me soltando. Quero sair

correndo. — Você é daqui?

Ótimo, nem fiz entrevista e já quero demissão. Não sei lidar com esse tipo de babaca. Me dá... Ânsia. Me trás lembranças.

— Sim, moro perto. — logo que falo me arrependo. — Perto do bairro.

Ele nota meu desconforto.

— Se quiser, te dou uma carona na saída... — deu um sorriso besta que apenas em algum hospício seduziria uma mulher. — Podemos levar o moleque também.

— Não, valeu. — olho para longe.

— Ah, vai... — ele pega no meu cotovelo de novo. Uma corrente de sensações e memórias voltam em questão de segundos. Tremo totalmente.

— Me solta! — quase grito. Dan coloca o celular na mesa e me olha, assustado.

— O que eu fiz? — pergunta, fugindo de sua culpa.

Levanto com meu filho no colo, pronta para sair. Vou furiosa para a porta, não querendo esperar ninguém vir me entrevistar, se fosse para enfrentar aquele tipo todos os dias, eu não aguentaria.

Bato de frente com alguém na entrada, quase caindo, mas ele me segura a tempo, com Dan se equilibrando em meu pescoço. Ele olha assustado para tudo, eu soltei um gritinho vergonhoso.

— Desculpa! — digo, ansiosa para sair.

— Oh, belezura, foge não! — grita o bêbado atirado. Ele soluça de tamanha idiotice e bebida que ingeriu. Eu respiro fundo olhando para ele, nem vendo quem eu quase derrubei, mando o dedo do meio erguido e viro de novo.

— Desculpa, não vi você...

Travo. Quando olho de novo para frente, vejo olhos azuis cristalinos me encarando profundamente e cheio de remorso. Olhos azuis como cristal que me trazem lembranças de um passado que me salvou, mudou meu destino. O homem tem maxilar reto, a barba desenhada e cabelos pretos tão profundos em um corte estiloso.

— Relaxa, qualquer um perde a linha lidando com um babaca daqueles. — ele diz, estalando a língua.

— Mamãe, o celular.

Olho para trás e o vejo no balcão. Bufo, buscar seria chegar perto daquele traste. O homem a minha frente parece reparar minha inquietação e desvia de mim, indo até lá. Quando ele pega o aparelho e vira de volta para

me devolver, o outro cara babaca praticamente implora por problema.

— Gostosa, vai me deixar falando sozinho?

Um sorriso no rosto do cara babaca e ele me fita, era um sorriso odioso e perverso que mostra os pensamentos sujos que tem de mim. Eu quero socá-lo!

PLAFT!

Um soco reto e liso, bem na ponte do nariz, deslocando o mesmo e empurrando-o da cadeira. O homem dos olhos azuis tem o punho fechado, o soco foi muito forte e sangue escorre. Eu perco o fôlego totalmente.

— Filho da..

— Cala a boca, George. Aprenda modos e respeito, ou saia do meu bar!

O cara socou ele! Com o meu celular na mão, chega a dois passos de mim estendendo-o para Dan, que pega, animado.

— Obrigado! — Dan diz. Ele faz carinho em seu cabelo, arrancando risos dele. Dan não ria com ninguém.

— Não repete aquilo ali, tá? É feio — diz, quase rindo para o garoto. Ele pisca para mim, passando para o fundo do bar e entrando em uma porta.

Eu, idiota, fico olhando sem falar nada! Dan ri de mim e fecha minha boca. Pisco três vezes e saio do caminho do cara de nariz quebrado, que me olhou com ódio mortal. Ah, ele caçou. Depois, foi saindo do bar, irritado, segurando o nariz e a dignidade.

Rindo, Dan confere o jogo de celular e me olha.

— Mamãe, por que o moço pode bater no homem feio, mas eu não?

Encarei-o.

— Porque ele é grande.

— Quando eu for grande, vou poder também?

— Só se for para defender alguém indefeso, sua mãe, ou então, a si mesmo. Nunca bata primeiro sem razão ou motivo. — pisco para ele. Sinto-me uma péssima mãe, mas não quero ele crescendo e apanhando quieto por aí.

— Malu, vem! Betsy vai falar com você!

Vejo Luci ao fundo, acenando. Penso em recusar e ir embora, continuar minha vidinha de merda.

Mas...

Algo me motivou.

A primeira vez que olhos cristalinos me encararam como aqueles olhos fizeram a pouco, minha vida mudou por completo. Livrei-me do traste do ex-

marido, ele está preso, meu filho sobreviveu pela rapidez que chegamos a um hospital, e junto da carta escrita pelo dono dos olhos azuis, tinha mil reais que usei para comprar meu primeiro kit de unha quando sai do hospital.

Minha vida mudou, sério. Mudou demais.

Por que agora seria diferente?



02.

Malu

— Nome completo?
— Maria Luiza de Carvalho.
— Grau de estudo?
— Ensino médio.
— Antecedentes?
— Nenhum.
— Por que deveríamos dar esse emprego a você?

A mulher sentada à minha frente é intimidadora. Negra, alta, linda e cheia de charme. Os cabelos cheios caem de lado, tão sedosos quanto cheirosos. Penso dois minutos na resposta, Dan sentado no meu colo com o olhar perdido na janela atrás dela, que dava em um beco que dividia espaço com uma casa atrás do bar.

— Por causa dele. — suspiro, meu filho sempre foi minha razão de tudo — Daniel é minha vida e minha razão. Ele é tudo que eu mais amo no mundo, e quero ter condições de dar um futuro para ele. Escola de qualidade, material de estudo, brinquedos que o eduquem, e apenas com um emprego conseguirei isso.

Betsy me olha, avaliando tudo o que eu digo. Com um sorriso, ela coloca a prancheta de lado e encara Dan. Chegando perto e abaixando um pouco o corpo, chama sua atenção.

— Sua mãe merece trabalhar comigo? — pergunta, suavemente.

— Eu queria a mamãe sempre comigo, mas ela me ensinou que os adultos trabalham para ganhar dinheiro, e sem dinheiro a gente não paga nossa casa. Aí a gente mora na rua. Não queria, mas ela precisa. — responde, sincero. Ele sempre é sincero.

Os olhos castanhos de Betsy me encaram de novo. Com um sorriso torto mais convencido, ela pisca.

— Tudo bem, o emprego é seu.

Eu quase pulei de alegria!

— Amanhã, venha com seus documentos e uma declaração de residência. Você começa na segunda.

— Muito obrigada!

Eu saio de lá radiante. Enfim, um emprego! Nossa, nem estou acreditando. Luci está ao balcão acenando para mim, mas não podíamos conversar agora. Só fiz sinal de vitória para ela e sai andando com um sorriso estampado no rosto.

Fomos para casa. No caminho, pago, enfim, o aluguel do mês com o dinheiro que a velha Nora deu pela unha. Inteirou certinho! Rogério é muito severo e não gosta de atrasos, mas releva, já que via minha situação. Em casa, tomo um banho bem quente e saio de toalha para fazer a janta.

Meus cabelos negros e longos precisam de um trato, mas nunca liguei tanto para isso. Sempre fui pouco "menininha" como diziam, mantinha a unha feita e produzida já que trabalhava com isso, e coisas básicas. Deus me livre gastar dinheiro demais comigo e faltar para o Dan.

Faço o macarrão que ele adora e vou para a cama, para vermos desenho, enquanto jantamos, ele conversa comigo sobre o episódio do dia.

Luci chega algumas horas depois, sorridente da vida, com uma pizza e cerveja. Como pouco, bebo menos ainda. Ficamos conversando bastante até o sono pegar o Dan e dar a hora dela ir.

— Mas ele sempre foi assim! — ela discursa, enquanto pega suas coisas e eu coloco meu filho na cama. Falamos sobre o que aconteceu mais cedo. — Ele defende a gente que só vendo pra entender e ter orgulho. Por isso aceitei o trabalho, Deus me livre trabalhar em um bar famoso como aquele, cheio de macho bêbado dando em cima de você e um patrão que não liga!

— Isso me deu mais confiança mesmo. Espero que dê tudo certo.

— Vai sim! Você vai ver. Esse final de semana a gente relaxa e segunda você começa a ralar comigo.

Rindo, ela se vai e eu só deito na cama, encarando o teto. Esperava mesmo que tudo fosse mudar para melhor.

Só que meus sonhos não ajudaram, quando tudo o que eu vi foi a sala de minha antiga casa tingida de sangue, meu ex-marido segurando a *colt python* cromada, me ameaçando e gritando em meu ouvido. Como no mesmo dia que ele descobriu que eu estava grávida.

"*Sua vadia maldita! Grávida? Por que você fez isso? Tá achando que filho vai me amarrar?! Ai de você se acha isso! Eu mato você antes!"*

Ouço sua voz como se estivesse do meu lado. Eu queria morrer, mas Dan me deu forças para continuar vivendo.

Acordo num salto, de novo, meu filho chorava. Ele sente quando eu não estou bem, corro e o pego no colo abraçando forte contra meu pescoço. Ainda é madrugada, mas não volto a dormir.

Quando o sol nasce, eu estou sentada na janela de short e blusa larga, olhando o céu cheio de nuvens brancas. Com os fones de ouvido ao melhor som de *Metallica*, eu tento esquecer. Só que é difícil demais quando sua mente fica brincando com você. O beco que divide minha kitnet com as outras comporta mais seis dessas, mas o céu aberto me deixa deslumbrada. Sandro, o vizinho policial que sai todos os dias essa hora, me cumprimenta de longe enquanto tranca a porta. Aceno de leve e sorrio, não ouvindo o que ele falava por causa som da música alta, mas dava para entender que são os desejos de bom dia de sempre.

Suspirando, entro. Tenho muito o que fazer hoje.

Organizo todos os meus documentos em uma pasta velha que fica minha certidão de nascimento. O documento foi feito com base na data que as moças do lar de adoção de Petrópolis me encontraram, ninguém saberia dizer que ano nasci realmente, nem o dia. Então, estipularam e usaram a data de

'resgatada'. Eu realmente não me importo com isso, mas fizeram o que precisava para que eu tivesse uma identidade.

Quando Dan acorda de novo, está meio grogue de sono, com remela e tonto. Agarro-o com cócegas para despertar e muitos beijos, a risada dele pela manhã enche qualquer fonte de energia que eu tenha no meu corpo.

— Mamãe! Para! — ele ri ainda, mesmo depois de eu ter parado.

— É para o dia começar bem! — respondo, meio sem fôlego. — Vamos, o leitinho tá pronto e tem biscoito de maisena.

— Posso comer a pizza que a tia Luci trouxe?

— Pode, mas só um pedaço para não dar dor de barriga.

Ele concorda e arrumo tudo. Comia cheio de fome, como um leão, depois disso dou aquele banho quente e arrumo seus cachos de anjo. É minha obra mais perfeita!

Já na rua, vou parando nas lojinhas, tirando xerox de tudo que fosse precisar. Tiro logo duas de cada para não ter erros, e vamos para a casa da ricona do bairro que tinha marcado unha outro dia. Aquele dinheiro viria a calhar para comprar as comidas do mês, até receber o salário.

Giovanna não é muito educada e tem o nariz em pé, mas eu sei fazer a louca quando preciso e finjo educação quando queria era esganá-la pelo jeito seboso. Só que, pagava as contas, então, não fazia nada disso. Finjo, na verdade, concordar com todas as histórias fantasiosas dela para que desse aquela gorjeta generosa no final.

Quando saímos de lá, Dan ganha chocolate e eu minha gorjeta.

— Semana que vem quero o mesmo horário, mocinha. — falou, toda fanha.

— Claro! Qualquer imprevisto eu aviso! — deixo claro, já que não sei como ficarão meus horários com o trabalho novo.

Óbvio, não contei para ninguém que trabalharia, dei uma desculpa de ver escola nova para o Dan estudar depois dessas férias. Eu aprendi com uma das minhas cabeçadas da vida: boca fechada e a alegria dura mais. Então, feliz da vida, vou levar os documentos para o bar.

Quando chegamos, Luci já está trabalhando toda feliz, acenou para mim e chamou Betsy. O bar está pouco cheio, ainda é cedo para ter movimento grande, mas eles também possuem serviço de lanches durante o dia que chamava atenção de trabalhadores e estudantes.

Betsy está nos fundos conversando com algum fornecedor e pediu para esperar. Fico perto do balcão e deixo Dan sentado ao lado, olhando tudo,

curioso. Parece avaliar o lugar que a mãe trabalharia. Deixei ele descer e andar por aí, mas fiquei de olho a distância.

Uma moça brincou com ele de longe e outro senhor pagou um suco. Eu ri com o quanto Dan ficou sem graça e agradeceu, dei boa educação, pelo visto.

— Betsy já vem já, está discutindo com o moço porque ele quer aumentar preço da cerveja antes do tempo.

Eu ri de Luci disfarçando para falar comigo sem a supervisora ver. Ela trabalha ali com mais duas moças e a do caixa, que era a supervisora, e roda de um lado para o outro.

— Mãe, posso ir no banheiro? — Dan vem correndo. Levanto pra ir com ele, mas ouço um som estranho de carro derrapando do lado de fora e um grito seguido dele. Quando paramos, olhando, estava mal estacionado na entrada e o dono do bar saiu irritado. Seguindo-o, uma morena bonita com pose de dona do mundo. Seus saltos são espetaculares e pagariam meu aluguel por um ano, no mínimo, o vestido social e a pose era de poderosa. Tudo nela inspira intimidação.

— Volte aqui, Frederick. Você não vai me ignorar!

— Acho que só você não percebeu que eu já fiz isso, Eleanor.

Eles foram entrando apressados pelo bar. Eu olho meio intimidada, algumas pessoas ignoram e outras espiam, mas ninguém se mete. Vi as duas meninas que trabalhavam ali cochichando alguma coisa. Já imagino que seja recorrente, ela deve ser a namorada.

— Você vai me ouvir quer seja por bem ou mal. Dá pra ser?! — ela finca o pé, segurando seu braço. Visível que ele se controlava para não fazer um escândalo.

A melhor forma de descrever o cara é com uma palavra: descolado. Ele tem aquele jeito charmoso natural, te olha com respeito e de uma maneira quente. Porém, naquele momento, está claro que tudo o que tenta é fugir. Os cabelos escuros são curtos e estilosos, uma barba desenhada e músculos mais que definidos. A blusa social aberta que usa deixa as marcas salientes de seus braços a mostra, com uma camisa branca por baixo e calças jeans mais justa. Entretanto, nada me deixa mais hipnotizada que seus olhos cristalinos.

— Léo, por favor, vamos conversar amanhã? — ele me vê, e eu como uma boa idiota, estou parada olhando a cena. Finjo que não é comigo - e não era - e corro para o banheiro com Dan. É nos fundos em um corredor que dividia espaço para feminino e masculino. Dan vai rápido, não quer me

atrasar com Betsy. Lava as mãos e pede colo.

— Mãe, por que os adultos brigam?

— Porque são bobos, amor. Eles deviam ser mais como as crianças e serem amigos.

— Ah, mas também tem criança que briga. — ele me olha sério, como se ensinasse uma lição.

— Só que vocês são mais maduros e sabem fazer as pazes, já nós, somos mais teimosos.

Ele ri de mim e aperto sua bochecha. Quando saímos no salão, ainda havia uma discussão, mesmo que mais controlada.

— Qual vai ser a desculpa agora, hein? Uma hora vamos ter que falar sobre isso.

"Deve ser o sexo. Qual dos dois não dá conta?" Penso, rindo. Céus, tenho mesmo que parar com isso. Meu riso acaba chamando atenção para mim e eles me veem. A tal Eleanor me ignora por completo, mas os olhos dele ficam me encarando uns segundos.

— Eu tenho uma funcionária para admitir, então, mais tarde nos falamos, ok? — disse ríspido.

— Você nem tinha visto ela ali!

— Léo, mais tarde! — ele já fala mais alto, se afastando.

Eu quero me afundar no chão! Dan ri, cretininho, ele aperta minha bochecha que já está corada pela vergonha que sinto. Às vezes, fico pensando se a idade dele também está errada, e não só a minha.

Parado à minha frente, Fred me fita de cima abaixo. Estou mais do que arrependida de estar usando uma bermuda tão simples e blusa larga caída de lado, pelo ombro. Meus cabelos negros e lisos estão presos no alto com algumas mechas mais frouxas, e os chinelos estão só na rapa. Sério, eu sou o patinho feio da história. Feio e mal arrumado.

— Bom dia, a Betsy ainda não conseguiu te atender?

— Ah, é.. Eu... Espero ela. — gaguejo, nervosa. Eu fico em choque perto de homens, como vou trabalhar em um bar?!

— Relaxa, vamos. — ele abre caminho sem nem chegar perto. Acho que se lembra do dia anterior. Fred me guia até sua sala, abre a porta e só vi a moça sair batendo duro o salto alto.

Ótimo! Nem comecei e já tenho quem me odeie



03.

Malu

O cômodo é largo, com poucos móveis, uma janela e duas portas. Uma parecia ser o banheiro, a outra estava trancada. Sento a mesa de trabalho, que deu a volta e sentou de frente para mim. Dan já estava catando o meu celular na bolsa para jogar enquanto eu conversava.

— Gosta de quebra-cabeças? — ouço Frederick perguntar para o meu filho. Este olhou-o meio surpreso, assimilando a pergunta, e balançou a cabeça. Mexendo nas gavetas da própria mesa, Fred pega uma caixa e estende. — Eu ia dar para o meu sobrinho, mas o menino é burro feito uma porta.

— Você falou coisa feia, me deve uma moeda! — Dan diz e eu fico vermelha na hora de tanta vergonha.

— Dan, aqui não. É só em casa.

— Então, posso falar coisa feia na rua?

— Claro que não! — ralho. Ótimo, agora estou passando de péssima mãe com o meu chefe. Eu vejo seu olhar curioso e a sombra do sorriso em seu rosto confuso. — É que temos uma regra de quem fala coisa feia paga um real para a caixa de natal.

— Ah, desculpe-me. — ele ri, alto. — E onde falei coisa feia? — recostou na cadeira, abrindo a janela do lado com o braço esticado.

— Você chamou seu sobrinho de burro e isso é feio. — Dan explicou. Agora quem prendia o riso era eu.

Fred tirou mesmo uma moeda do bolso colocando em cima da mesa. Meu filho ri como no natal, reviro os olhos já anotando a conversa que teria com ele em casa.

— Toma. Vou ser mais legal da próxima vez. — o pequeno pega a moeda e guarda no bolso, pegou também a caixa e abre. — São cinquenta peças, acha que pode montar?

— Posso! — então ele para, enquanto ainda abria, e me olha. — Posso?

Eu entendi a pergunta.

— Bom, é um presente inesperado, mas tudo bem. — eu sorri, beijando sua testa. Fred me olha, curioso de novo, mas não tece comentários. Seus olhos azuis parecem deduzir e desvendar cada minúsculo detalhe sobre mim.

— Quero saber como ficou depois. — ele estende a mão. Dan tocou a mão com ele e ficou olhando a caixa do presente, admirado. Era o primeiro quebra-cabeças dele. Ainda não tive dinheiro para comprar um e isso me deixa mal.

— Como fala?

— Obrigada, tio!

— Me chama de Fred. — ele pisca. Fico olhando os dois, como uma boba, admirada com essa simpatia toda. — Bom, vamos aos negócios. A Betsy me passou a ficha que ela fez, trouxe os documentos?

Eu concordo e entrego tudo. Ele me explica o básico, salário mais horas extras e vale alimentação. Ótimo, adorei! Mais maravilhoso que pensei. Só que...

— Estamos precisando preencher a vaga do turno da madrugada. Você entra às seis da noite e largas as três da manhã, mas se a casa estiver muito cheia, ficamos até às cinco e pagamos hora extra pelo serviço.

Eu vou concordando. Céus! A hora vai me matar. Até pegar rotina, estou ferrada.

— Tudo bem, então.

— Se está de acordo, só assinar aqui e aqui. — ele aponta. — Na segunda você começa e em uma semana te entrego sua carteira assinada.

Concordo de novo. Já estou com o cérebro embolado. Quando assino tudo, levanto, seguido dele, para irmos. — Bem vinda à equipe, Maria.

— Me chama de Malu. — pisco. Dan acena para ele e fomos saindo. Eu sinto seu olhar em mim a todo momento, só quero fugir.

Na saída, cumprimento as meninas e Betsy me abraça forte. Eu me largo dela assim que pude, não sou de toques. Me deixam nervosa. Então, vou para casa, renovada, sabendo que tudo estava seguindo um bom caminho.

Eu nem acredito!

Porém, nem tudo que é bom dura muito.

Estamos jantando, vendo o desenho de sempre, comendo um cachorro-quente. Consegui marcar duas unhas para amanhã, ainda poderia manter algumas clientes para continuar ganhando um extra e manter a fidelidade, caso o emprego não desse certo. Assim que acabamos de comer, Dan foi direto para a cama começar a montar o quebra-cabeça. Estava estagnado com aquilo. Eu rindo, vou para o banho e saio de toalha, mais relaxada.

Quando deito na cama para ouvir música e esvaziar a mente, o noticiário da noite passa sozinho enquanto eu me distraio...

"*...houve uma fuga grandiosa. O incêndio colaborou para que as forças de segurança não tivessem controle sobre as saídas da prisão. Então, avisamos a todos nessa área que fiquem alertas aos perigos. Ainda não foram catalogados quais prisioneiros escaparam, ou quais foram pegos antes de escapar. Repetimos: o presídio regional do centro pegou fogo esta tarde e houve uma fuga em massa de prisioneiros. Cidadãos, alertas ao perigo...*"

Minha mente travou.

Érico poderia estar solto.



04.

Malu

O final de semana foi dos mais difíceis. Minha mente estava sempre voltando ao noticiário de sexta, me deixando ansiosa para saber se Érico estava preso, ou se eu devo me preocupar. Com toda aquela confusão, não conseguia falar com o delegado que me ajudou com o caso dele, e aguardava a poeira baixar para ligar de novo. Pelo que entendi, um incêndio provocou rebelião dentro do presídio e uma fuga ocorreu, se aproveitaram da confusão para ludibriar a segurança.

E toda a minha alegria caía por terra naquela semana.

Meus pesadelos, que já eram constantes, só pioraram. Eu voltava e voltava a todas as cenas que ele estava me batendo, chutando, cortando ou abusando. Eu só sabia chorar escondida para que Dan não visse, mas ele

sentia. Ele sempre sentia meus sofrimentos. A pior lembrança que um dos meus sonhos me deu, foi quando eu aceitei o convite dele de morarmos junto. Eu ia fazer dezoito anos em uns meses e teria que sair do orfanato, quando ele deu a ideia eu adorei, mas foi quando tudo deu errado.

Já é segunda-feira de manhã eu ainda estou uma pilha de nervos. Luci e eu ainda não planejamos direito aquela história de arrumar apê juntas, então, ela dormiria aqui em casa para Dan ficar mais confortável. Ela prometeu falar com umas amigas que sabiam de apê mais dentro do nosso orçamento para que possamos planejar melhor. Seria ótimo dividir um aluguel que desafogasse esse kitnet caro. Porém, acordo arrumando tudo e deixando as coisas prontas para de noite.

Jantar, pijama, leite, deveres que o Dan fazia e tudo que fosse necessário. Aproveitei e peguei para faxinar um pouco meu pequeno espaço. Quando meu celular tocou às dez horas da manhã, eu estava rebolando ao som de Rihanna com a vassoura na mão.

— Alô? — falo mais alto que necessário.

— Ah, olha quem decidiu me atender! — é Tiago, meu segundo melhor amigo. Um daqueles caras raros que te faz mudar de ideia sobre todos os homens serem babacas, sabe? — Como você está, raio de sol?

— Eu tô bem, amor. — menti na cara dura. Largo a vassoura de lado e mando o Dan abaixar a TV. — E você, como está? — me jogo na cama.

— Tô bem, diferente de você que sempre mente. — ele ri do outro lado da linha. — Essa tarde tô passando aí na sua terra pra fazer um trabalho, vamos nos ver?

— Tem que ser até as três só. Consegui um trabalho no bar novo e pego às seis horas, de noite.

— Nossa! Que bom! Fico muito feliz por você, sério mesmo. — ele diz, animado. — Me encontra meio dia na lanchonete da praça e a gente come junto. Aí você me conta os babados.

— Fechado, então.

Fico mais animada com a possibilidade de vê-lo. Então, com um sorrisinho, anuncio ao meu filho aonde vamos e ele fica todo feliz. Nos arrumamos e termino de colocar as coisas no lugar, quando deu onze horas eu fui andando de uma vez, para chegarmos cedo e eu poder olhar uma pequena galeria de arte que tem na praça do centro.

O caminho até lá é rápido e tinha uma sombra marota na calçada. Pequenas lojinhas e poucas pessoas passavam a pé, mas carros eram aos

montes. Era como se o pessoal da cidade tivesse a necessidade de dizer *"Olha! Eu tenho algo que é melhor que o seu"*.

Isso nunca me deixou confortável, mas aprendi a conviver e ignorar. Passo em frente à igreja católica e rezo mentalmente para tudo dar certo. Seguimos pela esquina até a grande praça central, onde, naquele horário, esta abarrotada de adolescentes que iam para a escola.

Tinha uma mesa com dois bancos vazios, mas olho ao fundo a galeria aberta. Não chega a ser uma galeria, era um espaço fechado com artesanato dentro. Pequeno, mas aconchegante. Eu adoro todo tipo de arte, mas admiro mais que me envolvo. Não tenho tempo para essas coisas.

Quando entramos, Dan logo queria olhar os bonecos artesanais que as moças faziam. Deixei-o soltou e vou no cantinho olhar os pequenos quadros feitos a tinta que estavam expostos. Havia material de pintura também, mas como eu acho que já deixei claro, não tenho dinheiro para manter essas coisas. Aprendi mais a admirar que fazer.

Desde minha infância, todo tipo de arte sempre encantou. No orfanato, as moças me arrumaram aulas de canto e aprendi a tocar violão. Foi assim que conheci pessoas que me levaram a certos caminhos. Também aprendi a pintar quando havia gincanas na cidade que morava, com artistas que visitavam as crianças.

Mas, o que realmente me fazia suspirar era bordados e costura, era tão fantástico poder criar coisas do zero para outras pessoas, desde roupas a bonecas de pano, a chinelos e produtos de petwork.

Só que, tudo ficou no passado, nem todos tem chances para seguir sonhos. Meus pés tem que ficar no chão.

— Mamãe, olha que legal!

Quando vou olhar, ele está admirado com aquelas bonecas russas que possuem vários tamanhos, uma dentro da outra. Ri, com ele olhando cada coisinha, a atendente já acostumada conosco que vínhamos só observar as novidades e atendia quem estava ali para comprar. Eu já não me ofendia mais, gostava, já que não queria ficar falando que estava só olhando.

— Por que eu sabia que encontraria vocês aqui?

A voz do Tiago veio muito bem vinda para mim. Olho para trás e me animo, vendo aquele sorriso cheio de alegria. Sorri de volta e levanto, abraçando-o forte. Tiago sempre teve um cheiro de verão que me da nostalgia, como se me lembrasse de uma casa que eu não tinha.

— Bom te ver, maninha.

Ele está careca. Pena, eu adorava seu cabelo afro! A pele negra é muito macia de quem se cuida sempre e tem a alimentação vegana mais exemplar. Dei espaço para Dan abraçá-lo, e lá estava meu filho gargalhando em seu colo.

— Feliz estou eu de você estar aqui! — eu ainda sorria, o abraçando de lado, saindo com ele da galeria.

— Consegui uma folga, aí vim te visitar, mas meu chefe pediu de última hora para vir cuidar de uma das lojas dele aqui, que parece estar havendo desfalque no caixa. Então, deve me ver por aqui mais vezes.

— Sério?! Isso é maravilhoso!

— Tio, vem morar com a gente também. A tia Luci vai!

Tiago me olha de lado cheio de curiosidade.

— Acho que preciso ser atualizado! — ele ri, alto.

Sorrindo ainda, o segui até a lanchonete da praça. Servidos e comendo, eu comecei a contar as novidades dos últimos dias. Ficamos uma hora só falando sobre as notícias novas, com ele tecendo comentários ocasionais e divertidos. Tiago é assim, um amor de pessoa cheio de vida e alegria.

— Mas no fundo eu fico feliz que você tenha conseguido esse emprego. Na quinta eu devo realmente vir passar uns meses aqui sendo gerente da loja do chefe, então, posso buscar você no bar e levá-la em casa de vez em quando. No máximo atrasa até semana que vem, mas eu chego!

— Claro que não! Não vou fazer você acordar de madrugada por mim assim, você trabalha ainda e precisa manter a saúde. — ralho, ofendida.

— Eu não dormiria bem sabendo que você está indo para casa sozinha, Malu. Então, sem discussões.

O pior é que eu sabia que não adiantava discutir. Ele faria e pronto! Rindo, ainda, sinto a alegria esvair quando ele toca no assunto seguinte.

— Soube do incêndio no presídio que aquele vagabundo estava. Como está com isso?

Ele sabe o quanto isso me afeta, mas eu entendi o motivo da pergunta.

— Estou bem, por enquanto. Estou naquela, né. Tenho que falar com o delegado para saber se ele está entre os que fugiram, mas estou na esperança dele ainda ser um idiota e ter dormido e esquecido de fugir.

Dou um riso forçado, mas ele não gostou.

— Malu, sabe que qualquer coisa, a mínima que seja, eu quero que você me avise, tudo bem?

Confirmo. Sabendo que o Tiago estaria na cidade, eu fico mais

tranquila.



05.

Malu

Depois que cheguei a minha casa, tomei o banho mais longo que me permitia. Lavo o cabelo e faço uma chapinha, deixando-o mais escorrido e com a franja de lado, mais no estilo de quando cortei. Eu quase nunca usava aquele presente da Luci, mas acho que o lugar chique que eu trabalharia merece meu melhor visual.

Faço uma maquiagem básica e os olhos bem escuros, pego um cordão que uso desde o orfanato e vou para o guarda-roupa. Que diabos eu uso?

— Esse, mamãe.

Dan aponta um vestido que eu tenho, mas nunca usei. É um preto com busto justo e saia de babado rasgado, estilo punk. Não, não. Era demais para o primeiro dia.

— Acho que quero algo que chame menos atenção, filho. — coloco a mão no queixo.

— A calça com estrela, então. — ele diz, ainda do meu lado. Sorri, ela seria mesmo ideal.

Pego a calça jeans escura e visto. Ela tem umas estrelas da cintura até a coxa de lado, que eu gosto. Coloco uma camisa de alça fina, roxa, e uma jaqueta de couro negra. Pronto, acho que estou aceitável. Nada que um all star - claro, na verdade é uma imitação do original - não deixe o look mais completo.

Coloco também uma roupa bem confortável em Dan e o pego no colo, indo para a porta.

— Mãe, espera. — ele desce, pede meu celular e corre até a cama, tira uma foto de alguma coisa, mas não dou muita atenção. Estava olhando o tempo nublado do lado de fora. — Vamos.

Saímos apressados para não pegarmos chuva. Já são cinco e quarenta e eu não quero me atrasar. Tenho que comprar um guarda chuva. Anotação mental para meu primeiro salário.

Fomos seguindo pela rua, apressados, e esbarro em uma senhora. Peço desculpa e continuo correndo, droga, vai chover!

Chegamos de frente ao Night Star em cima da hora e eu me sinto nervosa. Fui entrando pela porta da frente, avisto Luci ao fundo e ela já esta saindo, sendo liberada. Ela sorri e acena me mandando esperar, deixo Dan em um banco, vendo os olhares curiosos de eu trazer uma criança ao bar. Cidade conservadora uma ova. Todos adoram uma fofoca. Betsy vem andando em minha direção com um sorriso, faz carinho em Dan e me encara.

— Pronta para o primeiro dia?

— Claro! Prontíssima! — tento melhorar minha expressão.

— Vem, vou te mostrar o lugar. — quando olho Dan, pensando em não deixá-lo sozinho, ele já descia do banco e corria para a porta do escritório de Frederick. Meu deus, minha cara rachou agora. — Relaxa! Ele gosta de criança. Vem!

Ouço meu filho com o celular na mão mostrando a foto que tirou para ele. Eu estou rezando para ser uma foto do brinquedo que ganhou, porque pelo sorriso que ele deu, tinha que ser!

Não, eu não tenho nudes no meu celular, mas qual foi, não quero alguém olhando as poucas fotos que tenho com o meu filho. É particular.

Fomos andando pelo salão enquanto ela explica parcialmente minhas

funções de atendimento. Eu ficarei no balcão e ela me ensinaria a fazer as bebidas, a maioria eu já devo conhecer. Tem a ala vip atrás de portas de vidro escuro, com sofás confortáveis e bar próprio. Ela quem cuida daquele lugar junto de outra moça e eu nem quero chegar perto.

Nos fundos, a cozinha, a despensa, nossa área de trabalho e uma área de lazer. Também podemos deixar as coisas ali caso trocássemos de roupa. Luci estava pegando a mochila quando me vê.

— Animada, é?

— Bastante! — sorri.

— Malu, vem cá! — Betsy chama. De frente para uma menina e dois rapazes, que eram gêmeos, ela sorri de novo. — Estes são Emanuelle, Gabriel e Marlan! Todos os funcionários. Os gêmeos ficam com o salão, servindo e tomando conta do movimento. Manu é nossa caixa, os pagamentos passam todos por ela de acordo com as fichas que vocês preencherem. Tudo certo?

Concordo, cumprimentando todos. Os gêmeos são baixos de olhinhos puxados. Um deles tem o cabelo grande — o Marlan — e o outro curto. Usam roupas estilosas com calça rasgada e camisas de bandas. Já Manu é uma princesinha de lilás. Usa um vestido caído de lado e sandálias simples, cabelo em trança embutida e tem a pele marrom clara, com os cílios naturais mais belos que já vi.

— Bem vinda! — ela diz, sorridente. — Não se assuste com eles, são chatos. — apontou para os gêmeos.

— Invejosa. — um disse.

— Não ligue para ela, é fofoqueira. — o outro completou e eu ri de novo.

— Vamos, vamos. Depois vocês batem papo! Vou mostrar seu posto, Malu, vem.

Dou um tchau e vou andando com ela. De volta ao bar, fomos para o balcão, mas parei quando vi que Dan ainda estava na porta da sala de Fred, mostrando alguma coisa no meu celular. Pronto! Eu estou mesmo ferrada.

— Ei, eu... Posso falar com meu filho? Rapidinho? — pergunto e Betsy olha de longe, rindo da situação.

— Vai lá, eu vou ao banheiro e já volto.

Concordo, andando rápido, desviando das pessoas no caminho e parando ao lado de Dan. Espio por cima do meu filho o que ele mostra para o meu chefe - que esta abaixado no chão ficando da sua altura. Estão na galeria de fotos. Ah, não!

— Dan? — chamo, parando mais perto. — Não acha que já perturbou bastante o patrão? — falo, sem jeito.

— É tio Fred, mãe.

Ele me corrigiu?

— Relaxa, o moleque não mostrou nada constrangedor. — o outro levanta, rindo, me olha como se tivesse descoberto o que não devia. — Dan, amanhã você me lembra de te entregar aquele de cem peças. Prometo que trago.

— Trás o que? — olho os dois. Estavam com cara de quem aprontavam. — Dan, você andou pedindo coisas para os outros?

Cruzo os braços o encarando feio. Dan arregala os olhos se sentindo culpado, a ponto de chorar. Ele sabe que eu odeio pedir coisas aos outros, não admitia que filho meu ficasse por aí pedindo brinquedo para todo mundo.

— Mamãe...

— Ei, eu disse relaxa, não foi? — Fred corta no caminho. Ele faz carinho na cabeça de Dan e me olha. — Ele não pediu nada. Eu fiquei surpreso que ele montou o quebra-cabeça em um final de semana e o desafiei. Se montar um de cem peças até sexta, sábado eu o levo para brincar no parque que vai abrir na cidade.

— Você O QUE?

Acho que falei alto demais, porque Dan tapou a boca com as mãos, querendo rir. Eu ainda estou com braços cruzados e encarando meu chefe, como se ele fosse o maior dos idiotas. Aliás, está sendo naquele momento.

— Você não pode sair prometendo levar meu filho pra passear sem me pedir!

— E quem disse que eu não faria? — ele ergue uma sobrancelha. — Só que você chegou brigando com a gente antes.

— Claro! Você está chantageando meu filho!

— Agora eu sou o vilão? — ele ri, e agora foi ele quem cruzou os braços. Ok, aquilo desconcentrava qualquer uma. Fred estava com uma camisa social, os botões de cima abertos revelando o peitoral por baixo, bronzeado e trabalhado em músculos.

Suspiro.

Droga.

— Não é isso... Só me avisa antes de sair prometendo essas coisas.

— Ok, você está certa. — ele ri. Dan olhava de um para o outro, muito confuso. — Da próxima prometo que peço, mas essa você vai ter que deixar,

tudo bem?

Eu ainda olhava incrédula. Que tipo de maluco é o homem para quem eu trabalho?! Ele conheceu meu filho por alguns minutos e já acha que pode sair com ele para um parque?!

— Mamãe! Por favor! Se você não confia no tio Fred, pode ir com a gente e ficar de olho nele!

Droga! Eu devia ter respondido antes do meu filho abrir a boca.

— Olha, eu vou pensar, tá bom? Trás o brinquedo que até sexta eu vejo isso. Agora, a tia Luci já deve estar indo pra casa e você vai com ela.

Dan sorri para mim todo feliz e pula de alegria, da tchau para Fred e sai correndo. Eu estava vermelha de vergonha. Ele me olha de novo, um sorriso besta naquele rosto perfeito.

— Desculpa, ele conhece pouca gente e acaba se grudando em quem dá atenção.

— Relaxa. Ele é uma criança ótima. Inteligente e bem educado. — seus olhos encaram ao fundo, enquanto meu filho cumprimenta Luci e acena de longe para mim. Sorrio, o olhando. — Acho que ele seria bem assim se estivesse aqui...

Olho para ele de novo, meio sem entender. O clima esfria por completo. Fred olha para Dan como se este não fosse uma criança, mas sim uma lembrança. Era um olhar triste e de dor. Me dói ver aquela expressão de sofrimento momentâneo. Porém, uma mexida de cabeça e ele esta sorrindo de novo.

— Acho que a Betsy está te chamando. — ele aponta. Confirmo e o vou saindo.

Não tive coragem de falar mais nada e me odiei por isso.



06.

Malu

— Boa noite, o que vai pedir hoje?

Manu é animada e feliz, os gêmeos são cômicos e Betsy estava ali comigo no balcão para ajudar nos atendimentos iniciais. Ela me mostrou todo material que eu deveria usar, as bebidas que eles eram especializados e tudo mais necessário.

Eu tenho experiência na área e demonstrei isso, Luci havia me recomendado para o trabalho por saber que trabalhei em outro bar na cidade natal do orfanato. Foi o que manteve meu casamento um tempo, já que Érico era o maior dos pilantras. Então, me virei bem. Logo, Betsy teve que ir para a área vip cuidar de tudo por lá e confiou que eu ficaria bem sozinha.

Pedidos que envolvessem alimentos, eu enviava pela tela do computador

escondido sob o balcão para a cozinha, e os gêmeos buscavam. Bebidas eram comigo, e o movimento estava bem tranquilo. Quando ficou mais cheio, Marlan veio me ajudar e fomos nos dando bem.

Posso dizer com orgulho que o primeiro dia foi ótimo. Me dei bem com o pessoal e a clientela não era lá tão ruim. Dois engraçadinhos tentaram falar besteira, mas havia seguranças bem durões que cuidavam de nós e não deixou ninguém chegar perto demais.

Adorei.

Me senti bem confortável.

Aliás, quando cheguei em casa, estava morta. Luci dormiu em minha cama e Dan está acordado quietinho na cama dele, assistindo um desenho que passava na TV. São cinco da manhã, tenho certeza que ele passou a noite toda acordado me esperando, sem conseguir dormir. Isso me da um aperto enorme em meu coração, afinal, ele é perfeito. Que criança fica quietinha sem atrapalhar a tia que precisa dormir para trabalhar e ainda assim fica esperando a mãe todo educado?

— Bebê, não disse para dormir? — sento na cama assim que tranco a porta.

— Não consegui, mamãe. Não foi *ruindade*. — ele diz, amuado, se aconchegando em meu colo.

— Tudo bem, então. Vou tomar um banho e deito com você, tá bem?

Ele concorda e se aninha debaixo da coberta de novo. Vou para o banheiro e jogo só uma água no corpo para não ficar fedendo a álcool. Quando volto, busco leite para meu filho e deitamos juntos.

Apagamos, abraçados um ao outro, como se o mundo fosse só nosso e coubesse ali naquele aconchego.

"Estou de pé em frente a uma janela. Ele está fora de casa, seu amigo está lá dentro, bebendo a cerveja que comprei e fumando o cigarro que também comprei. Aquilo vai gerar mais brigas comigo, mas como digo para ele não fumar? Não tenho coragem de falar com seus amigos. Então, apenas espero para saber o que acontecerá.

Já faz um mês que moramos juntos. Eu ainda era apaixonada, mas ele brigava bastante comigo. Isso me deixava amedrontada. Só que... O amor me cegava.

O homem da sala vem andando em minha direção. Ele para atrás de mim, sinto o cheiro de cerveja, meio bêbado e drogado, ele toca meu braço,

acariciando de leve.

— Você é o toque de beleza que essa casa precisava.

— Obrigada. — digo, nervosa. O que mais eu poderia fazer? Quero me afastar, mas ele está no meu caminho.

— Está perdendo tempo com aquele palerma.

— Ele não é seu amigo?

— Termo forte, prefiro colega de trabalho. — suspira, me virando com um puxão. — O que estamos preparando lá atrás nos sustentará por uns anos. — O encaro, não posso dar o gostinho de ver o medo que sinto, tenho que me afastar o quanto antes.

— Sai, Érico está chegando e não quero problemas. Ele vai arrumar briga com você.

A gargalhada dele me amedronta.

— Ele é tão imbecil que um chute em seu joelho esquerdo e ele desaba. Operou há uns anos, sei cada ponto fraco daquele babaca.

— Mesmo assim...

A porta abre e Érico entra. Ele olha para nós e fica irado, suas pupilas dilatadas e vermelhas indicam que não está sóbrio. Seus gritos podiam ser ouvidos pela vizinhança.

Aquele foi o primeiro dia que apanhei.

— Você é uma vadia oferecia! Eu não posso sair um minuto que está fodendo com outro!

Eu achava que estava errada, mas não estava, por que estaria? Eu não fiz nada e ainda queria me afastar.

Mas eu não pensava assim. É fácil como podemos nos iludir em nome de um sentimento que deveria ser genuíno, magnífico, acolhedor. Não aprendemos a amar os outros até que amemos a nós mesmas. Quase aprendi tarde demais, dei sorte de ter mais um tempinho.

Nunca mais cometerei esse erro. Nunca mais"

Acordo com Luci fechando a porta da casa ao sair. O pânico toma conta de mim, não posso me deixar levar ou vou me perder de vez. Suspiro até me controlar, consigo aos poucos. Ela deixou um bilhete na geladeira falando que ia tomar banho em casa e depois trabalharia. Eu preciso urgente arrumar alguém que fique com o Dan, não posso abusar da minha amiga.

Dormi mais um pouco e levantei meio dia para fazer o café. Até eu me acostumar a nova rotina, estarei destruída. Dan acorda minutos depois, bem

animado e me ajudando, ficamos curtindo o dia tranquilos em casa, passando nosso tempo juntos.

Coloco *Avenged Sevenfold* para tocar, eu tenho um DVD pirata do show deles com várias músicas que adoro. Não que eu me orgulhe disso. Deixo tocando, meu filho assistindo e me ajudando. O dia passava bem feliz.

Só que nada que é bom dura para sempre. O telefone toca, Dan quem viu, já que eu estava distraída. Quando ele atende, ouço falando algo estranho e ele já desligaria, mas o ouvi falar o nome do Delegado Faria. Corro e pego o telefone de sua mão, o dando susto, quando falei alô quase não deu tempo.

— Faria? Não desliga. Estou aqui!

— Ah, Senhora Carvalho. Que bom, achei que tinha ligado errado. — a voz dele está carregada de rouquidão. — Precisamos falar urgente. Assunto sério sobre seu marido.

— Ex. — digo, irritada.

— Bom, infelizmente, judicialmente não é bem assim. — ele parece sem graça. Concordo relutante pedindo para continuar. — Infelizmente, é assunto que não posso falar por telefone. Pode me encontrar na delegacia da cidade sábado de manhã?

— Por que só no sábado?

— Estou viajando por causa de uns problemas. Então, só volto na sexta e sábado poderei encontrá-la.

— Espero que esteja tudo bem. — digo, amuada.

— Eu também, Malu. Eu também. — ele está sendo bem sincero.

— Vou estar lá. Darei um jeito. — tento ser mais animada. — Obrigada.

— Que nada, menina. Desculpe o incômodo. Dê um beijo no Daniel.

Ele desligou. Suspiro.

— Quem é ele, mamãe?

Explicar aquilo não seria fácil. Disse que era um amigo que ele conheceria sábado. Dan não ficou convencido, mas eu não tenho muito o que fazer. Daniel é muito novo para que eu conte sobre seu pai, não merece esse sofrimento. Disfarço o máximo que posso e mudo o assunto, mas ele ficou invocado, odiava não saber das coisas.

Quando fui trabalhar ele fez voto de silêncio e não conversou comigo. Era uma criança emburrada demais que só vendo para sentir. Deixo quieto, chegamos ao bar e a única coisa que realmente me afetou foi ver Daniel correndo na direção do meu chefe e pular em seu colo, o abraçando.

Sério isso?

Fico meio boba olhando de longe, enquanto eles se cumprimentam com movimentos de mão e ele fala com Fred tão natural. Só que logo noto alguém que não ficou feliz com isso, a tal namorada esta ali e parece enfurecida pela interrupção do meu filho. Eu quero enfiar a cara no chão e não sair nunca mais. Não consigo ouvir a conversa de onde estou e nem quero, mas tenho que pegar meu filho.

Não, vou pedir para Luci fazer isso.

— Ah, mas ele parece gostar tanto do Dan! Deixa eles curtirem! — Luci briga comigo. Eu estou abismada, sentada ao balcão com um copo d'água na mão. Ela ainda tinha cinco minutos antes de sair. — Você é uma mãe rabugenta demais, Malu.

— Não, só que a namorada do chefe já me odeia e eu não quero dar mais motivo! — digo, num daqueles sussurros que parecemos gritar entre dentes.

— Namorada? — ouço o salto alto de Betsy se aproximando. O cabelo está molhado, pelo visto, acabou de chegar. Ela tem um sorriso no rosto que delatava toda a malícia ao ouvir o assunto. — Namorada do Fred? Cadê?

Eu e Luci olhamos disfarçadas para mostrar. Quando a outra olhou, riu alto.

— Oi, Léo! — gritou. A outra só olhou feio e acenou por educação. Daniel ainda está no colo de Fred o ajudando a ignorar a mulher. — Aquela não é a namorada dele, Fred é solteiro. Ela é a meia-irmã.

Fazia sentido.

— Mesmo assim, ela é da família. O patrão já me usou no primeiro dia pra dispensá-la, e agora meu filho está atrapalhando os dois?

— Não se preocupe com isso, ele faz isso sempre. Desde que Fred brigou com o pai e saiu de casa pra montar a primeira filial do Night Star que não fala com o pai, e a irmã vive insistindo para os dois fazerem as pazes.

— Que tenso. — Luci comenta nervosa. — Meio complicado isso.

— Sim, ele é. Então, relaxa e não ache que a Léo vai te odiar, ela nem deve lembrar de você.

— Que bom. — respondi a Betsy. — Que bom mesmo. Tudo que menos quero é confusão que possa me demitir.

A mulher ri de mim, não necessariamente de deboche, mas divertida.

— Seu filho é um amor, o Fred só tá apaixonado por ele. Releva, vai. Ele não é muito apegado a crianças, então, da um desconto nisso. — piscando, ela foi saindo e tocou um sino de ponto. Luci estava dispensada.

— Até amanhã! — ela saiu para se trocar. Despedi-me e contornei o

balcão assumindo minha posição, logo, observando meu filho de longe, todo sorridente no colo do meu chefe.

Isso não acabaria bem.

Luci pegou o Daniel e foi para casa com ele. O cretino teve a coragem de não se despedir de mim, visivelmente revoltado que eu não contei o que ele queria saber. O gênio já era forte mesmo naquela idade, e eu teria problemas para lidar com isso.

A noite começou bem, as bebidas eram as mais padrões e ninguém estava perturbando demais. Aliás, estou pegando o jeito bem rápido. Logo, o lugar estava vazio e estávamos todos conversando perto do balcão. É terça, poucos estão em bares bebendo esses horários. Descobri que na próxima semana minhas folgas serão terças ou segundas, intercalando. Gostei disso, mais tempo para planejar as coisas. Será que o Tiago ficaria com o Dan alguns finais de semana para a Luci ter folga?

Pensando nisso e batendo papo que vemos nosso patrão chegar ao salão. Ele olha ao redor, observando que não há movimento. Marlan está contando algumas piadas e Manu ri bastante. Gosto deles, me enturmaram rápido dando um gostinho de conforto.

— Acho que essa hora não chega mais ninguém, né? — Fred chega perto, olhando todo mundo. — Malu, pega uma água ali pra mim.

— Também acho chefinho, bem que podia liberar a gente cedinho hoje! — Gabriel está do seu lado abraçando seu braço com olhar de cachorro que caiu da mudança.

— Hum, será que eu sou um chefe tão legal assim? — brincou, fazendo todos rirem. — Estão dispensados!

Todos comemoraram e foram saindo, eu fiquei só para guardar meu material e Manu foi fechar o caixa. Fred ficou ali no balcão olhando tudo, mas pareceu lembrar-se de algo e correu até sua sala. Quando ele voltou, eu estava indo pegar minhas coisas. Estendendo algo para mim, vi que era o maldito quebra-cabeças.

— Aqui, esqueci de entregar para o pequeno mais cedo! — falou animado, coçando o cabelo.

— Ah, sim. Desculpa de novo, ele ta muito impressionado com isso.

— Impressionado estou eu, ele é muito inteligente.

— Acho que puxou a mãe. — brinquei, me virando para sair.

— Posso dizer que ele puxou a mãe em quase tudo, mas principalmente na beleza — piscando para mim, o vi sair sorrindo e colocando um chiclete

na boca. Ele cumprimentou a Manu e foi para a área vip falar com a Betsy.

Aquilo foi uma espécie de cantada? Manu me olhou confidente ao fundo.

Saindo, corada e quente, eu não parei de pensar naquilo pelo resto da noite.



07.

Malu

A semana passou rápida. Fiz as pazes com meu filho que se tornou melhor amigo do meu chefe. Tiago me visitou na quinta e desabafei com ele minhas preocupações sobre o que o delegado queria falar. Estava nervosa e ansiosa e muito desesperada

Na quinta feira, o movimento do bar começou a mostrar o que realmente é. Muitas pessoas aparecem para se divertir, alguns para passar o tempo, mas nada que realmente seja expressivo. Tenho certeza que amanhã será muito pior.

É madrugada e eu estou saindo do bar para ir para casa. Tiago havia me dito que, infelizmente, não poderia me buscar todos os dias ainda, porque está cuidando de todos os papeis e burocracia de sua troca de loja, mas naquele

dia ele estaria ali.

Estou de pé do lado de fora do bar. Os meninos e Manu acenam de longe para mim e os cumprimento, ainda sem jeito. Eu acho que estão gostando de mim, fico feliz com isso.

Conferindo o celular, vejo a hora e Tiago está atrasado, mas tudo bem, o que são cinco minutos de espera? Começo a caçar meus fones de ouvido na bolsa quando ouço alguém atrás de mim.

— Algum problema? — Frederick estava ali atrás, olhando com um semblante curioso. Eu sorrio, tentando não corar com o jeito que ele me encara, um sorriso no canto do rosto e aqueles olhos brilhantes.

— Não, um amigo disse que ia passar para me buscar.

— Ah, sim, mas não to vendo ele... — riu — Quer carona?

— Eu? De carona com o chefe? Nem pensar! — talvez meu tom tenha saído mais ríspido e exasperado que o necessário. — Até porque o Tiago deve estar chegando, não seria certo deixá-lo preocupado.

— Tudo bem, então. — ele coçou a nuca, olhou ao redor e pareceu meio desconcertado. Ele está enrolando? — Trabalhou bem hoje, para a primeira semana você está se saindo com excelência!

— Eu trabalhei em um bar na cidade em que nasci, então tenho um pouco de experiência. — comento, nervosa. Não temos muito assunto, pelo visto, e ele parece não querer me deixar sozinha aqui. Cadê você, Tiago?

— Onde era mesmo?

— Petrópolis.

— Bacana! Fui algumas vezes com a Betsy comprar roupas, ela adora aquilo lá. — ele olha ao redor e vejo que observa o carro se aproximando de nós. — Deve ser sua carona, fala pro namorado que não pode te deixar esperando. Sabe-se lá que loucos andam na rua essa hora. — tem um tom brincalhão, mas misturado à preocupação em sua voz.

— Vou falar, mas pode deixar que ele sabe que eu tenho um chefe bacana que não me deixa em apuros! — brinco, mas logo me arrependo.

— E você anda falando do seu “chefe bacana” para ele? — malícia total naquele novo tom de voz.

— Ah, ele chegou, tchau!

Sem responder, saio correndo e entro no carro do Tiago, morrendo de vergonha.

— Oi também, raio de sol. — ele brinca, os olhos sonolentos e roupas de dormir. — Desculpe demorar, eu tive que trocar a porcaria do pneu.

— Eu que não deveria te dar tanto trabalho... — comento sem dar a devida atenção. Olho pelo espelho do lado, Fred ficou observando o carro partir antes de ir para o próprio.

— Ta na terra ainda? — Tiago me encara curioso, quando olhou para trás, viu meu chefe e pareceu mais curioso ainda. — Quem é aquele?

— Ninguém! — exasperada demais, Malu — Já começou na loja nova?

— Ainda não — ele ri — Estamos cuidando de alguns papeis e estou revendo documentos antigos que estão errados.

— Deve dar trabalho, você devia dormir mais e me buscar menos. — insisto.

— Para mim, é um prazer. — seu sorriso ilumina a noite. — Então, gostando do trabalho novo?

— Está bem legal, todo mundo é bacana comigo. — comento. — Acho que vai durar.

— Fico feliz, depois que passar da experiência pode começar a fazer planos para o futuro. Lembra que queria cursar faculdade?

— Vou pensar nisso quando tiver certeza de algo. No momento quero apenas sobreviver.

— Relaxe um pouco, Malu. Você é dedicada e esforçada, vai se sair muito bem.

Sorrio. Chegamos em frente a minha humilde casa. Tiago olha ao redor, conferindo que está tudo bem.

— Como estão as coisas em casa? Alguma notícia que eu deva saber?

— Não, nem eu sei de nada. — todo o meu humor se vai. — Sábado tenho uma reunião com o Faria, e a cada hora que chega mais perto eu fico mais ansiosa. Será que...

— Tente pensar positivo e qualquer coisa eu to aqui. — ele interrompe antes que eu enlouqueça.

— Muito obrigada por tudo, irmão.

— Manda um beijo pro pequeno, em breve eu devo conseguir pegar ele pra passearmos um pouco.

— Ele vai amar! — falo já do portão e entro em casa. Luci, como sempre, dorme feito uma pedra em minha cama. Eu entro fazendo o mínimo de barulho e vejo meu filho assistindo TV.

Sento do seu lado mexendo em seu cabelo.

— Olha que menino levado que não dormiu!

— Ele ta esperando a mamãe mais bonita do mundinho!

— Ah, meu amor! Eu te amo. Mamãe vai tomar banho e já volta.

Ele concorda, esperando enquanto vou.

Meu filho é meu maior tesouro. O futuro onde ele tiver bem, eu fico feliz.



Sexta-feira chega e eu estou meio desligada. O bar está lotado hoje, uma atração da cidade está tocando no palco e muitos estão dançando ao som do cover de Maroon 5. Eu e Marlan estamos atolados de pedidos, mas eu ando tão distraída que acabo fazendo tudo no automático.

— Eu pedi tequila, querida, não essa porcaria com vodka. — a garota para a minha frente com a mão na cintura e a maquiagem borrada. Visível que ela já está bêbada. Droga, tenho que me concentrar.

— Desculpe, já vou trocar. — respondo nervosa. Pego a taça para fazer outro, mas ela já está alterada.

— Não, não, não desculpo! Esse lugar já teve funcionários melhores! Aquela outra garota que o dono demitiu, pelo menos, trabalhava bem! — ela grita e eu começo a sentir minhas bochechas esquentarem. A raiva começa a me subir, para que isso tudo?

— Olha, primeiro que eu nem te conheço, segundo que seu tom está além da educação. Por que não espera que eu vou fazer a sua tequila mexida e você toma e continua sua vida?

— Além de tudo é mal educada! — ela bate a mão no balcão e algumas pessoas olham. Marlan tenta vir me ajudar, mas ainda havia duas mesas para levar petiscos.

— Não, eu não sou. Só estou dizendo que houve um engano e já vou preparar seu pedido.

Ela segura minha mão antes que eu pegue a taça.

— Não quero mais. E enfia essa arrogância onde...

— Ei, ei, chega, não? Já está bêbada, Carina. Então, por que não relaxa e

depois eu pago uma rodada pra você e seus amigos?

Fred esta ali, segurando a mão dela. Ele viu que eu já tinha a outra mão cerrada pronta para socar aquela vadia. Céus! Eu não estou bem.

— Devia contratar gente melhor, Fred.

— E você beber menos. Vamos, não teve nada demais aqui. Já levo seu pedido.

Seu sorriso simpático a convence, que pisca toda besta assanhada e sai andando. Os fofoqueiros que observavam se afastam, mas ainda ficam perto de nós. Ah, claro. Vamos começar os problemas no trabalho.

— Está bem? — ele me pergunta. Confirmo com o rosto já pegando a garrafa de tequila no bar. Eu estou transpirando de nervoso. — Ei, ei, vai derrubar tudo.

Ele pega a garrafa da minha mão e prepara a bebida. Eu quero me socar agora por estar sendo tão idiota. É isso, qualquer menção do maldito do meu ex e eu fico com os nervos a flor da pele, e a porcaria da reunião é amanhã, e assistir toda a cobertura do caso de fuga pela tarde também não ajudou.

Chorei horrores no banheiro, porque segundo a notícia, setenta por cento dos prisioneiros fugiram. Duvido que ele tenha deitado e dormido incendiado.

Fred entrega a bebida da garota, pego duas cervejas que me pediram e entrego, anotando no cartão de uns caras. O chefe já está ali de novo mandando Marlan continuar pelo salão, atendendo o pessoal.

— Desculpe. — digo, nervosa. — Vou prestar mais atenção.

— Relaxa. — ele sempre diz aquilo e eu quero tudo, menos relaxar. — O que houve?

— Que?

— Você hoje, toda eufórica. — ele comenta enquanto limpa o balcão. Parecia um movimento mais involuntário que necessário. Pelo menos, a limpeza eu estou mantendo em dia. Encosto o cotovelo na área já limpa e o encaro. Ok, eu não devia fazer isso, já que ele usava apenas uma camisa fina e branca que deixava evidente os músculos. E os movimentos com o pano no balcão fazia as meninas próximas suspirarem. Eu quero rir, não conseguia ter imaginação como elas.

A minha é sempre pior.

— Nada. — volto a pegar mais duas bebidas que pediram. — Só entendi errado o que ela disse.

— Disso não duvidei. Só que na quarta-feira eu vi você lidar com um

bêbado que mudou de pedido cinco vezes de maneira idiota e não se irritou tanto. Nem mesmo com as piadinhas sobre sua bunda. — a maneira descontraída que ele fala me pega em cheio. Paro, encarando-o, o sorriso torto mostra o quão evidente que ele está relaxado. — Então, por que a vaca ali te irritou tanto?

Suspiro. Pensei no quanto valia contar algo a ele, não posso ficar me aproximando tanto, mas seria errado continuar esquivando? Não, claro que não, mas por que sentia a incrível vontade de contar?

— Eu... — penso melhor — Vou ter um dia difícil amanhã. Problemas para resolver e isso está enchendo minha cabeça. — bufo. Fui preparar a *Margarita* que o Gabriel pediu para levar a alguém no salão.

— Espero que não seja nada que atrapalhe nosso passeio amanhã.

Paro de novo, derramando a porcaria do Martini, e o encaro. Droga, eu acabaria tendo que começar a pagar por aquilo.

— Acho que acabo de descobrir um assunto que também te deixa nervosa.

— Passeio?! — falo, sem me importar com o que ele dizia.

— Sim, o Dan me contou hoje que terminou o quebra-cabeças que eu dei para ele. Mostrou até foto. — ele quem encosta agora o cotovelo no balcão e me encara. Tentei resgatar o que diabos ele queria dizer com aquilo e lembro: eles tinham combinado de ir ao parque se ele conseguisse montar o maldito quebra-cabeça. Como eu esqueci disso?

— Eu não disse que deixei. — falo, com dentes cerrados. Volto à atenção para a bebida antes que Gabriel reclame, mas noto ele nos encarando no balcão, como quem assiste a uma novela.

— Eu ainda não pedi, então não teve tempo de negar. — ele ri, divertido. Paro de novo.

— Quem você pensa que é para achar que pode sequestrar meu filho assim? — de novo estava eu lá. Uma mão na cintura, falando mais alto que devia e arrumando briga com meu chefe. Eu vou ser demitida.

— Não é sequestro, doida. Primeiro que ele está animado demais com isso para você negar. Segundo que foi uma aposta e ele venceu. E também, eu vou te levar junto, então, você pode ficar tranquila que não vou sequestrar ninguém.

Agora eu quebro o copo. Porra! Diferente do que imaginei, Fred caiu na gargalhada. Ele chama uma moça para limpar e pega para fazer ele mesmo a bebida. Eu ficou assim, sem falar nada, enquanto olho a cena, feito uma

pamonha sem reação.

Gabriel passa por mim para pegar a bebida e levar para o cliente que pediu. *"Miga, você ta babando no balcão!"* e sai aos risos. Ótimo, estou fazendo papel de palhaça.

— Onde eu pago? — um homem surge. Adorei a chance de sair de perto. Vou com ele até o caixa fingindo que ia ajudar, mas só quero me afastar do balcão.

Manu está lá aos risos com uma garota, mas logo se despediram quando ela tinha que fechar o pedido do homem. Atendeu-o, recebeu e o mesmo já estava indo embora. Manu vê que eu estou aflita, me oferece um pacote de balas e ri.

— O que foi? Me conta.

— Nada, eu tenho uma audiência com um delegado amanhã, meu filho está ficando próximo demais do meu chefe e ele disse que vai levar nós dois para o parque amanhã. Simples assim, como se eu não tivesse o direito de negar!

Ela riu, parecia estar sempre alegre.

— Não acredito que ele fez isso, mas é legal. Mostra que ele gosta de crianças.

— Tinha que ser justo a minha?! — eu estava ali que nem criança, de braços cruzados e fofocando com a caixa do lugar que trabalho, enquanto meu chefe ficou cobrindo minha função.

Eu ia ser muito demitida.

— Miga, olha, se quer minha humilde opinião, você tem que aproveitar. Literalmente, seu filho vai se divertir e com você lá, tudo ficará bem. — ela segura minha mão. Fico nervosa, mas seu toque é gentil. — Então, só se joga!

Ri, concordando. Volto para o balcão quando não tive mais o que falar e passo a atender as pessoas. Fred não falou mais nada por toda a noite. Fico ali na minha, trabalhando, quando o movimento diminui, ele disse que ia deixar tudo comigo e foi para a própria sala. Estava com cara de cansado. Suspiro, eu tenho que falar algo.

O movimento diminui de verdade perto das três e meia da madrugada. Peço Gabriel que fique no balcão me cobrindo que vou ao banheiro, corro e entro pela porta bem afobada. Sério, estou prendendo a bexiga desde meia noite. Acabando, estou lavando as mãos, secando e saindo bem distraída, quando bato contra alguém no corredor. De novo. Olho, Fred tá ali me

encarando de mãos erguidas, como quem diz que não teve culpa. É, a culpa foi minha, mas até que me ajuda.

— Desculpa surtar com você, tá bom? — já o atropelo com as palavras, meio nervosa. — Estou naquelas fases estranhas da vida e não sei bem que caminho tomo.

— Relaxa. — diz, pela milésima vez, aqueles olhos azuis magníficos me encarando. — Olha, só se solta e desencana. Não tem ninguém aqui querendo fazer algo para te chatear.

— Ta certo. — minha frase sai arrastada, o olhando de novo, ele está perto demais e sinto o cheiro de hortelã. Talvez alguma bala que ele esteja na boca, eu não deveria sentir a vontade de provar. Céus. Tudo nele transpira sedução e desejo, o sorriso besta no canto do rosto está me deixando louca. — Vou pensar no seu caso e amanhã eu falo, ok?

— Ok. — ele pisca e desvia de mim entrando no banheiro. Não aguento e fico ali olhando alguns segundos, depois que ele entra vai para a pia lavar as mãos e molhar o rosto. A visão que tenho dali é bem privilegiada e seu corpo em perfil é tudo o que uma garota anseia na cama.

Tá, Malu. Chega. Vamos embora? Você já se envolveu demais e está na hora de recuar.

Quando está quase na hora de ir embora eu vou colocar o lixo para fora. No beco, suspiro. Ar fresco sempre me acalmou. Encosto na parede e fico ali, sentindo a brisa da madrugada. Pego o celular e coloco a música do *Nickelback* para relaxar dois segundos. Tudo estava quieto e silencioso, o bar lá dentro já desligava o som, eram cinco da manhã quando tudo esvaziou por completo. Eu receberia hora extra e estava adorando isso, mas ficaria um caco por ter que descer para a central do Brasil e ter a reunião com o delegado amanhã.

O delegado.

Quando desligo o som do celular, ouço alguma coisa caindo. Vendo o fundo do beco, não tem ninguém. Olho para a rua e também não tem ninguém. Céus, estou louca. Só pode.

Mas, por que enquanto entrava, tive a sensação horrível que estava sendo observada?



08.

Malu

— Bom dia, garota. Está com cara de quem enterrou o alguém.

Estou sentada de frente para a mesa do delegado, em sua sala. Foi uma viagem de duas horas e meia para chegar aqui, dormi dentro do trem e graças a Deus não deu em nada. Dan me acordou quando chegamos à estação central e fomos pegar o ônibus.

— Estou trabalhando em um turno noturno, senhor Faria. Então, estou um caco. — rindo, ajeito Dan no colo, que esta incomodado.

— Cresceu, hein, garoto. — ele comenta, bagunçando os cabelos do pequeno. — Está um rapaz. — meu filho não responde e isso deixou tudo meio constrangido. Não digo nada, quero rir. Estava eu ali, de calça jeans e

blusa de manga do *Avenged Sevenfold* e meu filho com a roupa do Capitão América. Presentes de natal do Tiago do ano passado. E o Faria me encarava meio cansado também.

É um homem velho, uns cinquenta anos. Sua barba grande é farta em seu rosto, grisalho, sem cabelo e com olhos negros.

— Pois bem, Senhora Carvalho.

— Me chama de Malu.

Ele só ri e continua.

— Acho que soube do incêndio no presídio esses dias. Seu marido estava lá e ainda não foi encontrado. Há corpos carbonizados, não identificamos todos. Te chamei aqui, pois sei do passado dos dois, sei o que prendeu ele, eu prendi ele, e tenho que avisar que pode estar solto e me preocupo com os dois.

Engulo em seco, eu não esperava que ele falasse assim, tão na lata. Dan já estava abrindo a boca para questionar.

— Querido, compra chocolate pra gente naquela máquina ali na entrada? — peço. Ele entende. Droga de filho inteligente.

Só que por um minuto ele parece pensar no assunto e aceita. Pega a nota da minha mão e vai saindo rápido.

— Como assim ele pode estar solto? Ainda tinha pelo menos uns anos...

— Nove, para ser mais exato, todas as acusações contra ele se acumularam quando a denúncia finalmente o colocou na mão da policia local. — ele suspira. — Houve um incêndio, como eu dizia, ainda estão averiguando para descobrir o motivo, mas muitos detentos conseguiram fugir na confusão. Alguns não foram encontrados, alguns já foram presos de volta e outros estão no limbo das informações, pois temos corpos para serem estudados e descobrir quem são. Seu marido pode estar entre eles...

— Ex-marido. — digo, seca.

— Sim, desculpe. — ele tem certa pena no olhar e isso me deixa agoniada.

— Está me dizendo para voltar à incerteza de Érico estar ou não na minha vida? — tento respirar, mas esqueci como se faz.

— Infelizmente, estamos todos nessa, garota. Eu estou atolado de problema, mas achei que devia saber. Se há alguma chance daquele lunático estar por aí eu tinha que avisar.

Suspiro, não podia falar besteira para o homem que prendeu o maldito. Devo a ele e ao meu salvador dos olhos azuis a liberdade total, já que eu não

conseguiria fugir naquele dia se não fosse isso.

— Obrigada pela preocupação. — digo por fim.

— Vamos pegar o maldito.

Saio de lá depois de assinar alguns papéis. Deixei tudo no esquema, eu tinha um pedido de proteção para aquele maldito. Ele não podia chegar a quilômetros perto de mim. Acho Dan comendo o chocolate dele sentado no banco e fomos para a saída. Já ali, pensei que aquilo podia ser dito pelo telefone, mas Faria era um homem das antigas e gostava das coisas pessoalmente.

Voltamos para casa após um passeio rápido, Dan gosta de ver coisas novas. Mostro o que podia e comemos coxinha. Ele ama. Enfrentamos a viagem de volta, cochilei no trem de novo e deixei meu filho ouvindo música, olhando pela janela. Eu ficava imaginando o que passava naquele cérebro de criança, mas não tinha resposta. Era tão aleatório quanto comigo que pensava em tudo e nada ao mesmo tempo.

Chegamos a cidade já pela tarde, na hora do almoço, eu estou morta de cansada. Vamos correndo para casa, tenho que trabalhar hoje e não posso vacilar. Já havia feito aquele episódio ontem e não quero bobear mais. Meu emprego esta em jogo, não daria a chance de perder.

Quando chego em casa, caio na cama e durmo mais um pouco. Dan fica lá na dele, distraído com a TV. Eu me sinto uma péssima mãe. Droga! Mas o que podia fazer? Era para o bem dos dois. Quando acordo, é com o celular tocando bem alto. Meu filho atende e o ouço conversando com alguém do outro lado da linha, não estou raciocinando por causa do sono. Que diabos ele está falando?

— Tá, trinta minutos a gente tá arrumado. — ele desliga e vem para a cama me sacudindo. Abro o olho de novo e o encaro meio bêbada de sono. — Mãe, trinta minutos é muito? O tio Fred vai chegar nisso.

Sento na cama assustada.

— O que? Como assim? — quando lembro de novo, o tal passeio. Pelo amor.

— Ele vem buscar nós dois. Arruma eu mãe, quero usar a roupa nova.

Todas as forças do meu corpo pedem para recusar e mandar mensagem avisando que íamos ficar em casa. Só que ver aquele sorriso alegre, todo iluminado, aquece meu coração. Eu enfrentaria tudo por aquele garoto e uma tarde no parque com meu chefe intrometido era até razoável.

Eu serei mesmo demitida.

— Tá, vamos.

— Coloca o vestido, mãe!

— Não! Tá louco?

Eu ri, jogando-o no chuveiro e entrando depois dele seco. Me arrumo rápido, nada demais. Não quero que as coisas fiquem confusas, então não encararia como nada parecido com um encontro. Eu vou, fico de longe olhando, e vamos embora. Aliás, ainda devo trabalhar hoje. Céus! Tudo está corrido demais na minha vida.

Visto uma saia de renda e uma blusa simples, penteio o cabelo e passo um lápis de olho, é mais que o suficiente. Dan está com a blusa nova do homem de ferro, ele adora super-heróis. Penteio seu cabelo também e logo que acabamos, eu bebia água na cozinha, o que consiste no outro lado do cômodo, quando meu telefone toca. Vi meu filho atender e falar por segundos, me avisando em seguida que ele chegou. Ok, vamos lá, vamos enfrentar esse dia de merda.

Tranco a porta, mando mensagem para Luci do que estava acontecendo, para caso eu me atrasasse ao levar o Daniel. Eram cinco da tarde, eu entro as seis. Se eu tiver de faltar ou entrar mais tarde, meu chefe que se vire, né? Ele quem está inventando moda. Esperamos do lado de fora até eu ver o carro esportivo virando a esquina e vindo até nós.

Certo, estou oficialmente nervosa. Quando ele para a nossa frente, deu uma olhada ao redor e sorriu. O sorriso de Frederick é algo que não sei explicar. Charmoso, confiante e radiante. Sério, ele é o tipo de cara que você olha de longe e admira, e não cansa de ficar encarando. Ele está vestindo uma jaqueta jeans com uma blusa social xadrez por baixo, calças, sapatos, um cordão, todo charmoso e perfumado. Sim, um perfume que senti de longe e me deixou extasiada.

Certo, paremos aqui. O que estava pensando? Não posso ficar fantasiando nada. Chega, Malu.

— Entra! — diz lá de dentro. Abro a porta traseira e coloco Dan para dentro, prendendo o cinto. Ia sentar ao seu lado quando o outro se incomodou. — Vem pra cá. Ninguém vai sequestrar ele aí atrás.

Reviro os olhos, dando a volta e sentando no carona.

— Valeu. — digo, simplesmente.

— Tio Fred! Mamãe não tá bonita?!

Olho espantada para trás. O que diabos aquele garoto está fazendo?!

— Ah, sim. Está sim. — ele pisca para mim. Eu devo ter ficado

vermelha, mas eles estavam provocando.

Não consegui responder.

Ele tira o carro e segue pela rua sem correr, mais tranquilo que o normal. Puxou um assunto aleatório com o Dan e eu tentei ficar na minha e não chamar atenção. Não quero comentários como o anterior. Só quero tomar conta do Dan e ir para o trabalho e depois me enterrar na cama.

O carro era tão silencioso e aconchegante, os bancos de couro macios, tudo tão perfumado... cometi a primeira gafe do dia.

Eu dormi.

Sério, eu estou cansada e me sinto um caco. Cochilei com a cabeça encostada de lado, toda mansa e sem ouvir mais nada. Acordo com um beijo estalado de meu filho falando que chegamos, quando olho, Frederick estava rindo animado, saindo do carro. Eu queimo de vergonha. Não comento nada sobre isso e saio do carro, pegando o pequeno no colo.

O parque da cidade é aqueles viajantes que iam e vinham. Tinha cerca que contornava todo o redor, roda "gigante", montanha russa, carros de bate-bate e muito mais. Tudo era colorido e iluminado e estava lotado de gente para todos os lados. Uma coisa a se aprender sobre mim: não sou fã de multidões. Coloco Daniel no chão e dou a mão para ele, que também pegou na mão de Frederick, e foram me puxando.

— Onde vamos primeiro? — Dan pergunta. Eu nunca o vi tão animado e falante.

— Primeiro vamos ali comprar os ingressos, depois vamos escolher o brinquedo. — ele diz, olhando para baixo. Dan concorda e parecem mais íntimos do que devem. Eu estou perdendo alguma coisa naquele papo.

Chegando à bilheteria, ficamos na fila um tempo. Só quando estava chegando nossa vez que me dei conta de algo. Eu não tenho dinheiro comigo, só umas notas que sobrou de troco da passagem para o Rio. Droga! Sou idiota mesmo. Olho ao redor incomodada.

— Dan, tapa o ouvido. — falo, ele já sabia o que vinha. Colocando as duas mãos no ouvido, ele me encara curioso enquanto eu falo com Frederick. — Anota tudo depois, aí você desconta do meu salário no final do mês. Esqueci minha carteira — minto. Claro que meu filho ouvia, olhava de um para o outro, todo curioso.

— O que? — ele me olha incrédulo. Pareço uma assombração a sua frente. — Tá brincando comigo, né?

— Não. — respondo, séria.

— Eu chamei, eu pago.

— Não, meu filho, eu pago.

— Olha, Malu, eu já estou sendo o cara inconveniente que fez uma aposta com o seu filho que achou que ele não cumpriria. Estou te tirando de casa, do seu sono, sei o quanto você trabalha e deve estar morta. Então, me deixe pagar, pelo menos.

Eu ri. Sabia! Daniel está armando aquilo tudo! Olho para ele.

— Não devia duvidar nunca do meu filho, ele é um gênio malvado. — o pequeno olha ao redor, fingindo que não ouvia.

— É, estou aprendendo isso. — ele ri, nos olhando. — Mas sou um homem de palavra, mesmo tendo sido brincadeira no início, eu prometi e to cumprindo. — pisca de novo. — Eu pago.

— Não, nós pagamos. Ele ainda é meu filho. Eu anotarei tudo e você desconta metade depois, ta ok?

Ele me encara, sério, parecia ponderar alguma coisa. Não desviei o olhar aguardando minha resposta.

— Tá, certo.

Daniel tira as mãos do ouvido e me encarou pedindo colo. Pego ele, que coloca a boca bem perto do meu ouvido.

— Descupa. — fala, todo meigo e errado. — Eu gosto dele. É que nem um papai que sonhei.

Arregalo os olhos de novo, que bom que Frederick estava comprando os ingressos e não ouvia.

— Sabe que ele não é seu pai, né, bebê?

— Mas você não conta quem é, mamãe. Aí achei um pra nós.

Dessa vez não consegui rir. Aquilo me doeu o coração, demais. Fico sem ar, sério. Sinto-me um lixo, destruída.

— Eu... — Frederick voltou.

— Cara, tu já tá enorme pra ficar no colo da tua mãe! — sem reações minhas, ele pega Daniel do meu colo jogando-o nos ombros, sentado. Ele sente meu estado emocional, os dois sentiram. Fred me olha, preocupado. Eu tinha uma lágrima querendo sair que não deixava. — Tá tudo bem?

Balancei a cabeça e olhei ao redor, tentando disfarçar.

— Só um pouco cansada.

— Vem! Quando começamos a diversão o sono vai embora. Aí depois você dorme.

— Ainda tenho que trabalhar, esqueceu? — falo revirando os olhos e

seguindo os dois.

— Eu sou seu chefe, amor, esqueceu? — Fred pisca de novo, aquilo deixou meu coração dividido, mas ainda estava quebrado. — Te dei uma folga hoje.

Gargalho, sério, tempos que não fazia isso. Daniel me acompanha na risada, mesmo que ele não entendesse a "piada" e só ria por me ver feliz. Éramos assim, ligados pela alma.

— Ok, *patrão* — falo com o máximo de deboche possível. — Deixe meu filho feliz.

— Com toda a certeza.

Seguimos em frente sob a risada de meu filho. Aquilo sim aqueceu meu coração.



09.

Frederick

As coisas aconteceram tão rápido que nem sei descrever como estão. Aqueles dois chegaram como quem não quer nada e eu me vi envolvido, mas não me importo, pois é uma coisa gostosa de sentir. Flertei muito com vários tipos de garotas, mas aquela em especial me parece tão... Diferente. Ela é natural, verdadeira, e não faz de propósito quando me olha de maneira mais íntima. Ela apenas está ali.

Não gosto de parques, mas quando fiz a aposta com o guri foi a primeira coisa que pensei. Então, como dei minha palavra, estou eu ali cumprindo. Eles são arrebatadores, isso posso dizer. Quando fomos na montanha russa, Daniel só não gritou mais que sua mãe. Ela sim parecia bem medrosa enquanto ele ria, a observando feliz. Ele fica feliz em reflexo a ela e isso é tão... Lindo. Fico admirado de ver.

E isso me encanta mais que qualquer rostinho bonito.

A conversa flui natural, nós simplesmente estamos aproveitamos o momento. É tudo melhor que pensei.

— Tio Fred! Olha, tiro ao alvo!

Fomos andando, animados, ele estava de novo sentado no meu ombro, olhando para frente. Malu para do lado muito sonolenta, está começando a ficar cansada, mais que já estava, claro.

— Quer tentar? — pergunto.

— Sou ruim nisso. — ele responde, amuado.

— E como acha que vai aprender se não tentar?

Dan se sente desafiado com isso, Malu ri.

— Acordou um monstrinho, só para avisar.

Gostei de ouvi aquilo, peguei as fichas e os três pinos. Entreguei-o.

— Acerte dois e ganhará um prêmio, acerte três e ganhará um grande presente! Acerte o alvo roxo e ganhará um super prêmio! — o vendedor anunciava. Daniel ficou encarando seu objetivo bem concentrado.

Fico encarando a cena e observando tudo. Daniel para, observa, respira e tenta. Ele erra o primeiro, fica meio frustrado, mas não desiste. Fica concentrado de novo e parece entender melhor alguma coisa. Atira de novo, acerta um alvo comum. O grito dos dois comemorando me faz rir. Malu para atrás do filho, segurando-o e mandando se concentrar, ele obedece e repete o mesmo procedimento de antes. Infelizmente, ele erra o terceiro alvo e perde o prêmio.

— Ah! Mas você jogou bem!

— Me deixa tentar. Aprende, filho. — Malu pega as fichas e para aonde o filho estava. Ela me parece nesse momento uma daquelas mães leoas que veem o filho triste e não consegue aceitar. Ela para, mirando exatamente como o filho havia feito, porém mais rápida que ele. Atirou as fichas até os alvos com precisão. Aplaudindo, animado, Dan gargalhava muito feliz e orgulhoso da mãe.

— Escolhe, filho!

— Eu quero aquela corrente, mãe!

O vendedor pegou uma corrente de prata com pingente de lua minguante. Dan pega e vira para mim, estendendo, abaixo até ele olhando o que queria. Puxando minha mão, ele enrola a corrente e prende o fecho.

— Assim, você não esquece eu e mamãe. — diz, animado.

— Ah, acredite. Não posso esquecer mesmo.

Quando olho, Malu me fita de uma maneira acanhada. Está envergonhada, mas isso a deixa mais bela. Ela *é* bela! Aqueles cabelos longos, escuros, escorridos, os olhos verdes tão grandes e expressivos com o corpo mais sensual que já admirei. O estilo dela, a forma de falar, e sem falar na grande mãe que é. Fico admirado cada vez que olho.

— Vamos, tio! Quero comer!

Pego-o no colo de novo e vou seguindo. Sem que ela perceba de início, seguro sua mão a puxando pela multidão e dou um aperto de leve, mostrando que ela está bem conosco. Não precisa temer aquele monte de gente.

Ela retribuiu, e acho isso maravilhoso.



Posso dizer que estou feliz. Meu filho estando sorridente, gargalhando e se divertindo, me deixa feliz. Então, estou feliz de certa forma, mesmo que temporário. É uma sensação gostosa, sabe. Ficamos no parque brincando em tudo, bebi dois energéticos para aguentar a farra. Fomos na barca e sentamos juntos, eu gritei mais que Dan e eles ficaram rindo de mim. Tenho medo de altura e sabendo disso, já podemos adivinhar que eles riram ainda mais na roda gigante e na montanha russa. E olha que não eram lá tão altos, eu que tenho pavor de lugares com mais de três metros.

Depois foi só diversão no bate-bate, tiro ao alvo e muito mais. Ficamos lá até tarde e eu até esqueci o sono. Frederick estava rindo e brincando também, e isso me deixou satisfeita. Já que meu filho havia armado aquilo que ele se divertisse, pelo menos. E ele parecia gostar do Dan, olhava para ele meio admirado e cheio de amor. Isso aquece meu coração, mas me deixa ansiosa e preocupada. Meu filho se iludiria e depois teria a primeira decepção na vida. Droga! Não quero isso para ele, mas eu fui besta e não percebi antes.

Só que por hora o deixei ser feliz, ele merece.

Já era meia noite e estávamos comendo em uma lanchonete. Hambúrgueres enormes, vinho para os adultos e coca para o mais novo. Daniel comia tanto que parecia garoto de rua, eu ria e ajudava-o enquanto beliscava um pouco. Depois, deixei-o brincando no parquinho menor da lanchonete para terminar de comermos enquanto descansava os pés. Fred me olhava vez ou outra, parecia querer falar alguma coisa, mas eu não dava muitas brechas.

— Ele é ótimo. — comenta, olhando o pequeno de longe. — Tem cinco anos, né? Bem esperto para a idade.

— Esperto até demais, às vezes. — digo, bufando, bebo mais um pouco e completo — Ele tem uma mente maquiavélica, igual a mãe.

— Então, a mãe dele é malvada? — brincou, me arrependi de falar algo.

— Quando ela quer, sim. — não recuo. Ri, mas deixei por isso mesmo. Só que... estou curiosa. — Você parece gostar bastante de crianças.

— Na verdade não, só da sua. — riu mais nervoso. — Ele é único, sério mesmo. Me lembra o que o meu filho poderia ter sido.

— Poderia? — meu peito dói.

— É... — ele parece ficar arrependido do que falou, fecha a cara e olha para Dan ao fundo, brincando. — Eu quase tive um filho e uma esposa, mas... Bom, um acidente me tirou os dois. — suspirou. — Eu fiquei louco naquele dia, mas não podia fazer nada. Quando vi, os médicos falavam que não tinha chances e que eu os havia perdido. Só posso rezar agora para que estejam em um lugar melhor.

Meu peito doeu, rachou e queimou. Peguei-me pensando como seria se eu perdesse o Dan, doeu mais do que podia pensar só a imaginação disso. De maneira involuntária, eu cruzo a mão por cima da mesa e pego a dele.

— Sinto muito! — digo a primeira coisa que me veio. — Eu não consigo nem imaginar como deve ser a sensação.

— É horrível, não queira. — ele riu de novo, sincero, tentava não quebrar emocionalmente na minha frente. — Mas estou bem melhor com isso, fazem cinco anos daqui a dois meses. Não é algo que esquecemos ou que pare de doer, mas aprendemos conviver.

— Imagino bem. — suspiro, nervosa, aperto sua mão sentindo aquilo tudo forte.

— Ei, relaxa. Está ficando pior que eu nisso tudo.

— É que... O Dan é tudo o que eu tenho, sabe. Eu nem imagino o que

faria se o perdesse. — suspiro de novo, não aguento segurar a lágrima.

— Você não tem parentes? — vi que estava curioso e parecia ser a bastante tempo.

— Não que eu recorde. Deve ter notado na minha certidão, se tiver olhado, que não tenho pais. Fui encontrada na rua com dez anos e me mandaram para um orfanato. Fiquei lá até grande. — digo, dando de ombros. — Também é o tipo de coisa que aprendemos a viver.

— Olha, acredite, se for para ter os pais errados, é preferível que nem tenha. — uma risada sem graça, ele parece cheio de problemas como eu.

— Não existe essa de pais errados. Existem pais que ainda não encontraram o caminho. — dou de ombros, cansada — É o que me diziam.

— Bom, vai ver os seus sejam um caso parecido.

Sorri, vai ver, sim. Ouço os passos apressados do meu filho que veio até nós e sem pudor algum, pelo lugar público, ele colocou as mãos na bochecha e gritou: — Já deu certo! Mamãe namora!

Arregalo os olhos e percebo o porquê ele disse isso: eu ainda segurava a mão de Fred. Droga! Solto na mesma hora. Frederick gargalha alto explicando que não, estávamos apenas conversando. Demorou trinta minutos para ele se convencer, mas encerrou esse assunto. Quando acabamos, levantamos e fomos para o carro se recolher para casa. Estava na hora, já havíamos feito o suficiente. Não cochilei na volta, afinal, estava com o energético fazendo efeito. Passamos um silencioso caminho até ele ligar o CD player e começar a tocar uma música do *Shaman*. Puts! Era *Shaman*! Eu adoro essa música, essa banda. Fiquei cantando baixinho e olhando de lado bem devagar.

Eu não posso me apaixonar, mas de alguma forma, uma música veio na minha cabeça. Era *Nickelback*, quero ouvir essa música, mas desliguei os fones lá atrás quando fomos comer. Estou ouvindo essa banda por todo o passeio para conseguir ignorar a multidão.

Só que um balde de água fria me pegou quando viramos a esquina da minha casa e havia um carro da polícia, com sirene ligada, em frente a avenida do meu kitnet. Fiquei assustada na mesma hora, ele diminuiu a velocidade do carro e parou comigo saindo rápido. Brigo com Daniel que fique no carro, havia uma ambulância ali e tinha dado alguma confusão. Chego perto, eles estão saindo de dentro da avenida com uma maca coberta por um lençol branco.

Alguém morreu.

Sandro, meu vizinho policial, está ali e me dirijo a ele no desespero.

— O que está acontecendo? — pergunto de supetão com os outros me encarando.

— Malu! Onde estava? — ele me olha sério, vê Fred vindo andando e pareceu ficar mais aliviado de certa forma. — Houve um assalto. Invadiram as casas, quebraram tudo. Deve ter sido gangue, a vizinha faleceu, infelizmente.

Aquilo me deixou extasiada. Minha velha vizinha que adorava que morava do lado havia morrido? Como? Por quê? Externei a pergunta.

— Ela estava presente durante o assalto, eu estava na patrulha noturna. Malu, sua casa...

Não espero ele continuar. Fui entrando direto, virando para minha porta e dou de cara com a entrada, mas porta nenhuma. Está tudo quebrado, pelo chão, destruído e rasgado. Roupas jogadas, móveis revirados e tudo destruído.

Alguém invadiu minha casa.

Alguém tentou tirar tudo o que tenho.

Arregalo os olhos, havia dois homens da polícia ali averiguando a cena. Sandro me alcança com Fred, que estava preocupado. Olho angustiada.

— Vocês sabem quem fez isso?!

— Não, Malu. É impossível saber assim tão rápido. — ele me olha com cara de culpado. — Temos que fechar tudo para a perícia, não pode ficar por algumas horas.

— E onde acha que ficarei?

— Não tem sua amiga? — ele ainda tinha cara de culpado, como se fosse ele mesmo o ladrão que quebrou tudo. — Desculpe, Malu.

— Eu...

— Vem! — Fred segura minha mão, puxando-me. — O que ela precisa fazer?

— Passar na delegacia e prestar a queixa. Vamos averiguar tudo, fazer relação das coisas que tem aqui e depois poderemos ter noção do que pode ter sido levado.

— O que poderiam querer roubar de mim? — falo nervosa, com a garganta fechada.

— Não sabemos. — respondeu.

— Malu, vamos... — Fred chama. Não nego.

Eu deixo Fred me levar à delegacia, prestar queixa, falar e resolver

documentação e nem vi nada a minha frente.

Alguém tentou invadir minha casa, em seguida que Érico havia supostamente fugido da cadeia.

Estou perdida.

Ele quer me matar.



10.

Malu

Eu não vi nada que aconteceu em seguida.

Estava tão anestesiada pela situação que... Eu me entreguei ao pânico. O policial tentou falar e explicar, senti uma mão nas minhas costas me apoiando antes que eu desabasse, e por incrível que pareça, não tentei recuar. Pela primeira vez eu não tentei recuar.

Ouvi enquanto Frederick falava com o mesmo e entendia que estávamos na delegacia. Depois disso só vi que estávamos no carro, Daniel dormia agarrado ao meu pescoço, muito cansado do dia que tivemos. Fomos direto para a casa da Luci, ela devia estar lá, espero. Se bem que... Eu avisei que o Dan não ficaria com ela. Será que tinha ido aproveitar a noite?

Paramos em frente a sua casa, era um lugar com dois cômodos pequenos em uma rua pouco movimentada. Sai ajeitando meu filho no colo enquanto ia

até o portão, está tudo escuro, nem tentei chamar.

— Tem uma chave reserva no vaso da porta. Eu vou ficar aqui mesmo.

— Sozinha? — ele olha, preocupado, mexendo no cabelo do pequeno em meu colo.

— Eu moro sozinha, esqueceu?

— E onde isso te levou?

— Que opção eu tinha?

Ficamos nos encarando, percebo que aos poucos estou retornando a mim. Soltando-me e ficando mais focada na situação. Estou cheia de problemas e não faço a mínima ideia de como resolver.

— Olha, a noite foi legal e me diverti bastante. Daniel que o diga! Mas agora está na hora de eu voltar a minha realidade e resolver meus problemas. Obrigada, mesmo, principalmente pela folga. Te devo essa... — sorri, e por impulso, um estranho impulso, eu avancei e beijei o rosto dele com um estalo molhado. Quando vi, já tinha acontecido e eu estava ali que nem idiota o encarando. Paramos, nos fitando, olho no olho, aqueles olhos tão azuis!

Ele me fitava de um jeito avaliativo, tentava decifrar alguma coisa em mim. Eu pareço um daqueles quebra cabeças que meu filho ganhou e poderia ser montado. Antes que eu pudesse raciocinar, eu o estava beijando. Droga! O que estou fazendo? Eu não estou pensando, apenas agindo. E agindo por impulso que nem uma idiota!

Sua língua entrelaçou na minha, envolvendo e chupando, me deixando sem fôlego. Não houve toques, não houve corpos colados, apenas o calor de nossos lábios grudados em uma dança perigosa e cheia de desejo. Beijei-o como se beija um amante, mas eu não era nada disso. Era apenas...

Quando me dei conta já me afastava. O encarava, de baixo, ele era mais alto por duas palmas de diferença. E foi olhando ali de baixo que eu me dei conta e percebi.

E foi só aí que a ficha caiu.

Frederick Cross era meu salvador misterioso de cinco anos atrás?

Ele ainda me encara profundamente. Parece tão perdido quanto eu, mas de uma forma diferente. Ele está perdido em mim, eu também, perdida em mim mesma. E não sei como sair.

— Você pode vir comigo, tem um quarto de hóspedes na minha casa e eu ficaria menos preocupado. — ele sussurra, quebrando o silêncio constrangedor, seu hálito de menta pela bala que tinha na boca me deixou com sede de mais. Eu sinto uma vibração estranha que sobe pela espinha e

me deixa extasiada. A sensação também parece percorrer por ele.

— Acho melhor não. — respondo, séria, mas ainda estou abalada. — Acho que... Amanhã a gente se vê.

Ele da um sorriso torto. Um maldito lindo sorriso torto. Dan se mexe em meu colo dando razão a minha mente, céus, o que eu estou fazendo? Não posso me envolver. Não posso me envolver.

Não posso me envolver!

Só que a cada passo que eu dou para dentro da casa de Luci, eu percebo.

Eu já estou envolvida.



— Onde você está? — ouço a voz de Luci do outro lado da linha, está bêbada, com certeza.

— Na sua casa, Luci. Alguém invadiu a minha e mataram a vizinha. Estou mal. — mentira. Mentira deslavada. Eu não conseguia me sentir mal pelo ocorrido, só pelo próprio fato de não me sentir mal. Eu estou uma completa confusão de sentimentos turbulentos. — Posso dormir aqui e amanhã te encontro?

— Claro, amor! A vontade. A casa é sua também! Conheci um bofe gostoso pra caralho aqui e acho que durmo fora!

Sorrio, me despedindo, e me aninhei na enorme cama de casal redonda que Luci tem ali. Dan esta comigo, com um pijama que eu consegui lembrar de pegar para ele, eu mesma dormiria de roupas íntimas. O quarto de Luci é uma confusão de retratos, CD'S, puffs e muita coisa espalhada, mas eu não me importo.

Eu só quero dormir.

Por que eu me sinto assim? O que é essa coisa crescendo pouco a pouco no meu peito? Maldição! Não posso, não posso me entregar de novo assim. Eu já... Uma vez foi o suficiente. Só que, mesmo tentando, sei que meu coração está vacilando e estou criando expectativa. Eu me odeio por isso,

mas...

Frederick com certeza é meu salvador misterioso. Salvou-me quando Érico tentou me matar, salvou quando eu seria jogada na rua pela falta do aluguel, e agora... Sem saber, ele me salvava de entrar em um novo abismo, quando eu via aquela pequena luz que aquecia meu peito.

Apertei Daniel mais forte e tentei dormir.

Meus sonhos foram obscenos e cheios de calor. Frederick estava em todos eles.

Até o momento em que Érico chegava para me matar. Só que era ao meu filho que ele matava.

E eu já não dormia mais.



Já não sei mais que porra está acontecendo comigo.

Desde que ela chegou naquele maldito bar, eu estava evitando, não queria pensar, não queria assimilar. No entando... Era ela, com certeza era ela. Confirmei completamente quando vi o estado de sua casa e o choque em seu rosto. Eu jamais esqueceria aquela expressão. Eu me lembro do exato momento em que a atropelei. Meu deus, eu a atropelei! Porém... Sempre penso no que poderia ter acontecido se eu tivesse conseguido desviar dela e continuado correndo pela estrada.

Eu devia ter matado aquele maldito, mas preferi salvar a vida dela e ligar para a polícia, e depois ir para o hospital. Delegado Faria foi rápido, mas não pude ficar para ver os resultados. Aquele dia foi o pior da minha vida.

O telefone toca enquanto dirijo para o bar. Minhas lembranças vêm retornando. O primeiro momento que a vi sabia que a conhecia, não me recordei de onde, mas minha mente vai montando um quebra-cabeça de cacos

de vidro. Eu ia decifrando-a.

Daniel ainda me lembra o que meu próprio filho poderia ter sido.

Poderia.

— Alô?

— Fred, tá atrasado. A casa está lotada e você disse que viria suprir a folga que deu para a garota em pleno sábado.

— Estou chegando.

Desligo. Eu não estou chegando, mas ela não precisa saber. Então, acelero e atravesso os sinais fechados. O telefone toca de novo e já ia ignorar.

— O que foi, Léo? — questiono minha irmã quando atendo. Ela bufa do outro lado da linha, bem irritada.

— Você não me atendeu a noite toda, por que desligou o celular? — questionou, furiosa.

— Estava ocupado.

— Com o que? O que é mais importante que vir visitar seu pai no hospital?! — esse papo de novo. — Você nem ao menos está tentando!

— Léo, desiste, merda! — grito, irritado. — Eu não vou visitar um assassino!

Desligo de novo. Pronto, ela me irritaria todos os dias mais do que já faz. Só que não consigo ignorar o ocorrido e fingir que nada existiu naquele dia. Seria ignorar a mim mesmo.

Viro a esquina do bar e estaciono próximo, não tem vaga do lado. Fui andando pela calçada para entrar pelos fundos, quando viro de novo no beco, havia duas pessoas se pegando contra a parede. Essa era a pior parte de lidar com um bar. Os bêbados.

— Ai meu deus! Que susto! — a garota se desencosta do cara, ajeitando a saia que estava levantada. Olhando-me de cima abaixo, demorou a me reconhecer. Eu mesmo demorei, era a moça que ficava no balcão de tarde. Luci? Não tenho certeza. — Desculpe, chefe. — ela cheira a álcool. Dou de ombros indo para a porta.

— Relaxa, só não dorme na rua hoje que a Malu tá te esperando! — digo, com um sorriso falso. Não estou no clima, mas não tinha que ser idiota com ela.

Olho o cara que está encostado na parede. Ele acende um cigarro alheio a tudo, mas quando me ouve terminar de falar, me fita como se me conhecesse. Eu mesmo tenho essa sensação. Jeito largado, machucado no lado esquerdo do rosto, parecem queimaduras que cicatrizavam. O cabelo

ruivo é estiloso seguido de várias tatuagens no pescoço e uma jaqueta de couro preta. Não sei, mas o conheço de algum lugar e não me soou bem o jeito que ele me olha.

— Pode deixar que vou cuidar dela, chefe! — disse mais alto que devia e deu um tchau. Era a minha deixa, mas não queria entrar sem antes falar algo. Desisto e sigo para dentro.

O bar está lotado, mas isso é bom. Tem uma atração local tocando no palco e na área vip, vários políticos da cidade que deixei se reunirem ali. Vou para o balcão encontrar com os gêmeos que tentavam se revezar no atendimento. Sorrio e falo com várias pessoas, fui passando cumprimentando outros. Assumo o lugar no balcão e fico ali até a hora de fechar, trocando vez ou outra com Marlan para falar com alguém que pedia atenção no salão. Até que a noite correu bem, nenhuma briga ou confusão, apenas duas moças bêbadas que foram levadas para casa desmaiada, mas às vezes isso ocorria. Orgulhava-me de poder falar que não permitia jovens por ali, os adultos que se cuidassem, já eram donos dos próprios narizes.

Madrugada alta e eu limpando o balcão, já não tem quase ninguém mais para atender. Os políticos foram embora e a área vip fechada. Vejo Betsy caminhar na minha direção com certo rancor, deve ter sido duro até eu chegar. Seu corpo felino desliza pelo chão arrancando suspiros dos homens, eu ria sempre que ela fazia isso.

— Da próxima vez que me largar sozinha sem apoio, eu juro que te dou na cara, hein! — ela diz, puta da vida, parando na frente do balcão e de mim. — Vê se pode, dispensar a garota logo hoje?

— Ela estava precisando. Teve um dia difícil. — digo, dando de ombros. Deixo os copos de lado e apoio os cotovelos na madeira.

— Não me vem com essa, Fred! Você não é disso. Desembucha. — ela está séria, suada e muito revoltada. Merece a verdade.

— Fomos ao parque igual prometi ao garoto, ela já tinha saído de manhã e acabei ocupando a tarde dela. Me senti culpado. — coço o cabelo, já estava todo bagunçado.

— Ah, corta essa! Você tá de olho nela desde que chegou! — Betsy bate a mão no balcão me dando um susto. Rimos, ela me encara. Essa mulher me conhece mais que eu mesmo.

— Não desse jeito.

— Mentira! De que jeito então?

Penso bem antes de falar, mas preciso comentar com alguém.

— Lembra daquela história que te contei sobre a garota que atropelei? — ela arregala os olhos, confirmando. — Acho que é a Malu.

— Puta merda! — ela tapa a boca com as mãos, surpresa. — Quais as chances? Não pode!

— Bom, ela tem um filho da mesma idade, não tem marido, não suporta que a toquem e se esquiva de compromisso. E aliás, invadiram a casa dela hoje. Sério, Betsy, eu reconheço aquele olhar de medo em qualquer lugar. Nunca vou conseguir tirar aquilo da minha cabeça.

Ela se recosta perto de mim de novo e segura meu rosto.

— Sempre me perguntei porquê nunca procurou ela.

— Eu tentei, mas só pude uma semana depois por causa de tudo que aconteceu. Quando cheguei ela já tinha sumido e nem o delegado Faria sabia me falar seu paradeiro. Sempre achei que ele mentiu, mas não tinha o que fazer. — bufo, irritado. — E agora, será que ela está aqui?

Ficamos em silêncio um tempo e ela ali, segurando meu rosto como se eu fosse uma criança. Deixei-me fechar os olhos e aliviar a tensão.

— Sabe o que acho disso? — ouço sua voz e aguardo que continue. — Sua chance de tentar entender algo que sempre o intrigou. E aliás, o mesmo dia que você perdeu um filho, aquela garota ganhou o dela. Não acredito em coincidência, mas sim em destino. Então, por que não tenta se dar uma chance de abrir as portas desse coração?

Abri os olhos e ela sorri para mim. Se alguém nessa vida era minha irmã de verdade, é essa mulher. Eu a amo como se fôssemos de sangue, ela me completa quando eu estou perdido. Suspiro, com um sorriso, concordando.

— Acho que posso tentar. — espreguiço-me todo. — Amanhã eu abro? Então, vou pra casa dormir.

— Não se atrase, Senhor Cross. — ela diz, enquanto eu saio, puxando as chaves do bolso. Saio pela frente e vou andando até o carro. Quando atravesso a rua deserta e abro a porta com o alarme, sinto um calafrio estranho. Olho para trás, não vejo ninguém, mas sei que tem algo ali. Devo estar louco. Coloco a chave na porta e sinto o celular vibrar, quando pego, uma mensagem. Quem ainda manda mensagem de texto hoje em dia? Claro, a Malu envia. Rindo, abro a mensagem para ler e vejo uma única palavra.

"*Obrigada*"

Sorrio de novo que nem um bobo. Digito "*Sonhe comigo*" apenas, e envio, me arrependo logo em seguida, mas que se dane, já tinha ido.

Betsy está certa, acho que posso começar a dar uma nova chance.



11.

Malu

"Sonhe comigo"

As exatas palavras que me deixaram louca. Não dormi por pelo menos mais uma hora depois disso, mas depois, Dan já estava reclamando e eu me aninhei do lado dele. Luci chegou de madrugada e de tão bêbada, se agarrou comigo na cama e dormiu que nem pedra. Eu ri, queria dar banho nela, mas não podia. Dormi de novo e acordei cedo, até.

Arrumo a cozinha e preparo o café. Acordo a bêbada as nove para ela não se atrasar, após um longo banho, estávamos sentadas a mesa de sua varanda tomando bastante café. Ela está de ressaca, claro, mas ri que nem bebê quando ganha presente novo.

— Me conta! Como foi com o chefe?

Eu digo tudo o que aconteceu, mas ela sempre quer mais detalhes de tudo. Ri bastante de seus comentários, enquanto ainda narrava, mas depois

que terminei, ela me encara como uma adolescente apaixonada.

— Aí, amiga, ele tá tão na tua! — ela brinca, rindo alto. — Eu podia estar bêbada, mas eu lembro do exato momento que ele pediu pra não te deixar dormir sozinha!

— Ah, para! Nem sei com que cara vou trabalhar hoje! Eu beijei ele, Luci, não devia ter feito isso.

— Não devia ter demorado tanto, isso sim. — ela quase grita. — Olha, o cara é um solteirão com grana, gostoso pra caralho e tá na tua. Ta esperando o quê?

— Ele não "tá na minha" ele é amigo do meu filho.

— Melhor ainda! Já é quase pai do garoto.

— Para com isso, maluca. — ri alto, bebendo mais café. — Não vou apressar nada, não quero compromisso. Tenho que cuidar do meu filho e já tive demais dos homens na minha vida.

— Garota, você já ficou com quantos? Dois? Eu pego isso num final de semana chato. — ela fala, séria. — Eu sei que aquele cafajeste maldito te fez um mal terrível, mas cara, já passou tempo demais! Nem todo cara é igual a aquele puto!

— Luci, eu conheço o cara há o que? Uma semana e meia?

— Malu, meu amor! A vida é assim, eu conheço uma menina que noivou por cinco anos e depois se arrependeu de casar com o cara, e minha irmã casou com o cara dois meses depois de conhecer ele e até hoje é muito feliz. A vida não espera que acertemos sempre, mas tem vezes que alguém chega na nossa vida e vira tudo de ponta cabeça e a gente só se joga. Amor é assim, ele acontece quando menos esperamos, e não podemos perder a chance de ser feliz.

Não posso responder, sei que ela está certa, mas não posso baixar a guarda tão rápido assim. Suspirando, balanço a cabeça e deixo-a ir se arrumar. Dan acorda e vem correndo me abraçar e tomar café. Ficamos ali comendo e ele pergunta quando eu vou trabalhar, tipo, toda hora. Enrolo e vou lavar a louça. Meu celular toca e quando olho, era o Tiago.

— Oi meu pudim de côco com caramelo! — falo rápido para surpreendê-lo. Ouvi sua risada gostosa.

— Alguém aí andou vendo borboletas. — fala em meio a risada. — Bom dia, raio de sol. Está livre hoje?

— Só até a hora do trabalho.

— Domingo não era sua folga para compensar a semana passada que

não teve? — questionou, curioso. — Não está trabalhando mais do que aguenta de novo, né?

— Não! Só que eu folguei ontem por uns motivos ai. Foi de última hora.

— Ah, pena. Ia perguntar se não queria conhecer meu novo namorado. — ele diz e eu demoro a processar. Namorado novo? Aí meu deus!

— VOCÊ TA NAMORANDO? — grito no telefone. De novo, ele gargalha. — Meu deus, quando foi isso?

— Alguém está mesmo animada! — brinca. — Pouco tempo, o conheci ele há duas semanas em uma festa.

— Ah, você podia levar ele para o bar e beber uns bons drinks que eu faço! — digo, alegre. É, eu estou alegre. Que merda de borboletas no estômago.

— Combinado, então. Levo ele hoje! Me atenda bem, hein!

Ri, enquanto desligo, e guardo a louça seca. Sento na sala com Dan e fomos pesquisar escolas para ele estudar ano que vem. Já estamos no final do ano, claro, e ele quer começar a estudar na nova escola e conhecer novos amigos. Ficamos nisso um bom tempo até que passou o filme preferido dele e deixei-o assistindo, enquanto fui preparar o almoço. A tarde foi bem tranquila, quando reparei já estava me arrumando para o trabalho. De novo, Dan estava lá me ajudando a escolher roupas, mas eram todas de Luci. E ela não tinha modos. Se até amanhã Sandro não me ligar falando que posso voltar para casa, eu vou lá pessoalmente ver isso. Por fim, estou colocando uma saia de renda e babado e uma blusa preta de alça fina. Coloco minha própria jaqueta de couro de ontem e uma bota de cano curto, roubado de Luci. Deixo o cabelo solto e passo um pouco de maquiagem, afinal, ia conhecer o namorado do meu melhor amigo!

— Você tá linda, mãe! Posso ficar lá com você?

— Só até a hora que o Tiago ficar. Aí ele te trás pra casa pra ficar com a Luci.

Ele comemora e eu sorrio com sua alegria. Eu sou uma péssima mãe mesmo. Levar meu filho para um bar, mas eu pelo menos o fazia feliz. Saímos de casa e fomos andando de mãos dadas, Luci mora bem longe comparado a mim, então fomos mais cedo que o normal. Passamos por pessoas que sorriam e acenavam para o Dan. Ele ignorava todos, era lindo e carismático, mas calado com quem não conhecia. Eu ria internamente disso. Uma vez na rua do Night Star, seguimos tranquilos, quando um carro para perto, buzinando. Olho assustada, vejo o carro estacionar e eu dou um passo

para trás. Por instinto, coloquei Dan um pouco atrás de mim e espero para ver quem é. Não é o carro esportivo do Fred.

Eleanor saiu de dentro do carro com roupas formais e cheia de seriedade. A irmã de Fred não se parece nada com ele, mas tinha um jeito duro de olhar que imaginava que ele tivesse igual quando precisasse.

— Ei, você é aquela garota nova do bar, né? — confirmo — Ele já chegou?

— Não sei, estou chegando agora. — respondo, meio nervosa. Ela me olha de cima abaixo.

— Vocês não tem uniforme não? — falou, percebi que não era uma pergunta para mim. — Você me faria um favor? — confirmo. — Preciso que entregue essa foto a ele com esse bilhete. Não leia. Só entregue. Ele não quer me ver.

— E por que eu deveria?

— Bom, porque estou pedindo e é para o bem da cabeça dele. — disse, séria. Eu não acreditava. Droga! Não quero me meter nisso, mas pego a foto e guardo no bolso da jaqueta. — Obrigada. Não fala para a Betsy que estive aqui.

Sem mais nem menos ela sai andando e entra no carro. Dan ri, parece se divertir como eu. — O que ela quer, mãe?

— Não sei, pequeno. Nem quero saber. — fui sincera. Entro com ele já vendo Luci arrumada para sair.

— Demorou!

— Desculpe, você mora longe.

— Se muda pra lá que se acostuma.

— Para você me agarrar a noite toda de novo? — eu ri.

— Não, o único que quero agarrar de novo é o boy que conheci ontem. — ela rebola — Aquele ali! Tô arrepiada até agora. Ele adorar morder e eu fiquei toda marcada.

Ri, mas não gostei. Mordidas me lembram coisas ruins.

— O Dan quer ficar, o Tiago vem para ca. Depois ele o leva e deixa com você, tá bom?

— Tá. O boy vai pra lá, mas juro que espero o Dan dormir.

— Luci!

— O que?! Tem dois cômodos na casa.

Ela ri, saindo andando e eu reviro os olhos. Vou para o balcão e sento o pequeno no banco. Betsy vem me ver e mostra onde deixou as coisas de

ontem, já que Fred mudou tudo de lugar. Agradeço e começo a mexer em tudo preparando algumas coisas que mais pedem deixando tudo no esquema.

Domingo é menos movimentado que sextas e sábados, mas ainda tem sua cota de gente que vem beber. Então, a casa encheu, mas não lotou. Vi pessoas de todos os tipo, vários outros e mais. Fred não esta, deve estar descansando já que me cobriu ontem, pelo visto. Dan ficou nervoso, mas logo Tiago estava lá e foi para uma mesa com ele.

Não pude dar a atenção que queria para Tiago, mas conheci o seu boy magia que o deixava com os olhos brilhando. Era um asiático alto e bonito com pinta no queixo e cheio de charme, seu nome era Michael e eu simpatizei com ele.

A meio-noite, os dois estavam vindo em minha direção no balcão para poder se despedir. Dan estava no colo de Tiago e eu fiquei pensando no quanto atrapalhei o encontro, mas Michael pareceu gostar de criança, ou queria agradar o namorado.

— Estamos indo, Malu! A noite foi maravilhosa, gostei muito do bar.

— Que bom que se divertiram, pudim caramelado — brinco, eles são fofos juntos e Michael não perde a deixa.

— Pudim caramelado?! — ele ri, olhando meu amigo que fica envergonhado. — Que fofo!

— Malu, o que combinamos de não me constranger na frente do meu namorado?

— Ah, vai, e eu vou perder a chance de te ver todo bobo assim? — minha risada foi alta. — Michael, depois tenho que te mostrar as fotos de infância.

— Essa eu quero muito ver! — ele ri, um olhar apaixonado.

— Para que fui arrumar essa irmã babona!

Rimos, todos felizes, Dan caindo de sono do lado. Eles se despediram e eu prometi que íamos sair juntos na próxima semana para nos conhecermos melhor. Daniel foi triste embora, queria ter visto seu novo amigo, mas Fred não deu as caras. Fico preocupada, eu mando mensagem? Não quero ser intrusa, mas mesmo que tarde, toda noite ele aparecia.

Marlan e Gabriel estão a toda na pista de dança, com isso vi uma mesa que estava querendo cervejas. O balcão está vazio, então, não faz mal ir lá. Pego três latas e levo na mão mesmo, passo pelas pessoas, incomodada, e paro do lado da mesa. São cinco caras que estavam bêbados e batiam papo, falavam alto demais.

— Aqui! — disse, esperando o cartão de controle para anotar a bebida. Um deles me olhou de cima abaixo, outro caçava o cartão.

— O que uma gostosa como você faz escondida lá atrás?! — o cara fala alto por causa do som da Madonna que toca e a bebida que fez efeito.

— Longe de idiotas como você. — respondo descontraída, pegando o cartão que o outro achou. Este primeiro que falou merda era alto e em porte de caminhoneiro, nossa, eu odiava gente assim. Os babacas, não os caminhoneiros. — Anoto tudo junto? — o outro confirma.

— Se quiser, anota também a quantia que preciso pagar pra você chupar meu pau! — Paro e olho o maldito. Fico tão indignada que não sei como reagir. Vai ver ele pensou que eu tinha gostado da babaquice, ou só era idiota. Com a mão direita, ele toca minha bunda e me puxa para perto, meu corpo congela de nervoso e eu sinto ânsia de vômito. — Vai dizer que não quer!

Não sabia o que estava fazendo até que ouvi o som do nariz dele deslocando. É, bem no nariz. Eu estou com a lata de cerveja na mão e quando vejo, já bati na cara dele.

PLAFT.

O cara grita de susto e dor, seu nariz explode de sangue.

— Vê se aprende a ser menos babaca! — grito e saio andando. Por isso eu não saia do balcão! Porra!

— Sua vadia! Volta aqui!

Ele segura meu braço e me puxa para trás. Algumas pessoas ao redor se afastam, seu nariz sangra e incha, eu não me importo. Quero deixar aquilo pior. Ah, se ele não largar a merda do meu braço!

— Me solta, seu babaca!

Vi os seguranças vindo rápido, mas ele aperta meu braço forte demais. Havia muitas pessoas e a maioria não se metia, eu virei e o encarei, cuspo em sua cara tentando tira-lo de perto mim. Puxo meu braço de novo e quando vi, ele me joga para o lado. Eu ia cair no chão, mas antes disso as mãos fortes de alguém me seguram e eu sou equilibrada. Frederick simplesmente esta atrás de mim olhando para o babaca que tentava segurar o nariz no lugar.

— Sua vadia, vai me pagar um nariz novo!

— Aproveita e refaz ele do zero!

Dois passos para frente, Fred me deixa ali e soca a cara do homem, seu maxilar estala e ele só não acertou o nariz por este ter sido puxado. Tentou avançar sobre ele de novo, mas os seguranças chegaram e separaram os dois. Fred mandou expulsar todos dali, a confusão apenas foi abafada e as pessoas

fofocavam sobre isso. Irritada, saio andando para os fundos do bar e vou para o beco de trás. Escondo-me encostada na parede, próximo a caçamba de lixo. Tapo o rosto evitando que as lágrimas caiam. Por que essas merdas sempre acontecem comigo? Respiro fundo para conseguir me controlar.

Um, dois, três.

A porta de saída abriu e fechou, ouço os passos correndo até mim e sinto quando ele para a centímetros, mas sem me tocar. Ele sabe, de alguma forma ele sabe o quanto me afetava o toque de qualquer um.

— Você está bem? — estava ofegante. Quando olho, ele está respirando pesado e suado pelo nervoso. Visivelmente sua mão esta a ponto de checar se eu estou bem, mas ele se segura no lugar. Poderia rir disso se não fosse o nervoso.

— Quero ficar, mas não consigo. — sou sincera. — Mas vou dar um jeito. Não me demiti, por favor. Eu não posso perder esse emprego. Sei que não tive culpa, mas confusão assim nunca pega bem para empregado nenhum.

— Te demitir? Quero demitir aquele cara para marte! — ele gira o corpo, nervoso, se afastando. Queria puxa-lo de volta, eu estou mesmo pensando nisso? — Relaxa, não vou demitir você. — diz, olhando a outra parede. Por que ele está tão nervoso?

— Obrigada. — respondo, apenas. Não sei como agir, estou nervosa e não quero voltar lá para dentro. Suspiro, esfrego o rosto. Não posso chorar.

— Ei, ei, vem cá. — olho e ele está de novo a minha frente com as mãos estendidas em um pedido silencioso de minhas mãos. Estendi para ele, que segurou e apertou cada palma. Aquele toque não me deixou nervosa como achei que ficaria, deu apenas uma fisgada de leve na espinha, era mais excitação que medo. — Não vou demitir ninguém por ter que aturar babacas como aqueles. É por isso que a noite, geralmente, coloco só meninos para atender no salão, conheço caras daquele tipo. Não que nós devêssemos sempre agir com esse receio, mas prefiro evitar que vocês passem por isso. — ele suspira, enquanto está devaneando. — Quer ir para casa?

— Não, não. Eu vou entrar, só vim pegar um ar. — minto — Não posso dar esse prejuízo, tem muita gente lá ainda.

— Relaxa, posso ficar lá. Não tenho nada pra fazer. — brincou. Eu ri dessa vez. Lembrei, então, da foto que tinha que entregar, mas algo me dizia que não seria bom para ele ver aquilo naquele exato momento. Suspiro, entrego ou não? Talvez deixar para Dan entregar no dia seguinte seja melhor.

— Não. Vou ficar. Não vou deixar me intimidarem. Já fiz isso demais na minha vida.

Ele me fita com certa curiosidade. Eu também estou bastante curiosa a respeito dele, aliás. Eu quero saber mais e entender o que acontecia entre ele e a família. Só que seria invasivo.

— O policial já ligou falando sobre o que houve na sua casa?

— Ainda não, estou pensando em passar lá amanhã e perguntar eu mesma.

— Quer que eu te leve? — fitei-o meio desconcertada. Não entendo o interesse repentino, ele pareceu entender o que eu penso. — Estou preocupado. Vi como ficou mal ontem por isso, só quero ajudar. — ele ri como se fosse algo idiota. — Por favor? — tenta. Eu ri também, confirmei. Não tem problema, afinal.

A porta dos fundos do bar abre e Marlan está ali, com um saco de lixo. Ele nos encara e só agora percebo que ainda estou com as mãos entrelaçadas na de Fred. Marlan não diz nada, pisca e ri, deixando a sacola no chão, e entra de novo. Solto nossas mãos, eu devo ter ficado bem vermelha de vergonha, porque Fred ri e mexe no cabelo. Estava nervoso e parecia querer falar algo que evitava. Suspiro, tenho que entrar logo. Eu não sei se devo falar algo, então só segui em frente para o bar.

— Ei. — ele chama e eu viro. — Você não teve culpa de nada. Ok? Só volta para lá e relaxa. Estou indo ficar lá com você.

Sorrio para ele. Por que senti aquele conforto quente e aconchegante quando pensei nisso? Eu não posso me apaixonar. Seria trágico demais.



Estamos no balcão trabalhando, Fred do meu lado ajuda com os pedidos extras até que eu me acalme. Depois, ele para do lado e fica só conversando com uns amigos, os pedidos já diminuíram a ponto de eu, nervosa, não me enrolar.

Entretanto, vejo-o pegar pela oitava vez o telefone e rejeitar alguma chamada. Eu... Seguro de novo a foto e o bilhete que deveria entregar. Curiosa, olho e leio o que está escrito. Não me julguem, só quero ter certeza do que estou entregando. Não raciocinei direito quando a irmã do meu chefe entregou aquilo.

Porém, aquela foto...

Quando a vejo, meu chão some. Céus! Isso é pesado.

— Ta tudo bem?

Ele está ali do lado, me encarando, os colegas comentando algo entre si. Balanço a cabeça.

— Sim! Só um pouco de sono.

— Deve ser estressante ser mãe de dia e funcionária a noite. — ele comenta.

— Na verdade, é o que recarrega minhas energias. — acabo falando sem perceber. Dan é o meu orgulho todinho.

— É muito bonito ver a forma que vocês se admiram, que se amam.

— Tenho certeza que lá no céu, um serzinho também te olha tão admirado e apaixonado quanto.

Ele sorri para mim e eu acho lindo. É, estou me apaixonando pelo meu chefe, tudo está acontecendo rápido demais... Mesmo assim, é gostoso demais e não quero correr na direção contrária. Só quero me jogar de cabeça.



12.

Frederick

Estou frustrado, admito. Não sei como agir com ela. É sempre com um pé atrás, sempre com medo de um toque meu fazê-la correr para muito longe de mim. Não sei como agir, como abordar, como questionar.

Você é a garota daquele acidente?

Acho que amanhã é a chance perfeita para saber, então, vou esperar.

A noite termina tranquila, deixo-a o mais a vontade que posso e fico olhando de longe enquanto trabalha, cuidando dela. No bar, ninguém arrumou confusão com mais ninguém. Todos entenderam que o babaca bêbado não era bem vindo e se alguém concordava com ele, fez questão de não demonstrar perto de mim. Tenho nojo desse tipo. Então, fiquei apenas ajudando com o que podia. Hoje era meu dia de fechar, quando tudo

esvaziou, deixei Betsy e as meninas irem para casa. Os gêmeos me ajudaram com as portas e já me despedia deles na entrada, quando trancava. Vejo Malu ao fundo falando ao telefone, penso em oferecer carona, mas logo um carro se aproxima na rua e vi que ela espera alguém. Certo, não sei quem é, mas como um idiota, fico ali, fingindo estar ocupado para observar. Alguém sai do carro, abraça ela e fala algo. Era alto, pareciam íntimos. Eles se tocavam como se ela não tivesse medo dele. Seriam namorados? Não sei. Não quero saber. Por que estou pensando nisso? Pelo menos está indo para casa protegida e bem. Ainda não engoli aquele assalto a sua casa.

Depois que partiram, fui para meu próprio carro e sento no banco, suspirando. Se ela já tem namorado, não tinha porquê me preocupar? Alguém já cuida dela. Droga! Fui idiota os levando para o parque aquele dia. Poderia criar problemas entre os dois. Melhor deixar quieto e não me envolver mais. Não, não posso me envolver. Não de novo.

Vou para minha casa perto do centro, era bem próximo à um mercado, que era mais uma mercearia. Uma casa grande bem localizada. Foi a primeira casa dos meus pais quando se casaram, pedi ela como parte da herança que recebi, mais por não querer vê-la sendo vendida do que precisar de moradia. Entro, tranco a porta e vou direto para o banheiro do meu quarto. Fico de molho por uns quarenta minutos digerindo tudo o que esta acontecendo. Quando vi, já dormia ali e demorei mais a ir para a cama.

Acordo com o telefone vibrando. Tento ignorar, dormir de novo, mas não posso. Se fosse o novo fornecedor de cerveja que estava tentando negociar, e ignorasse, eu estava perdido. Quando pego o aparelho e olho a tela, vejo uma mensagem dela: *"devo sair agora, ainda vai ou já desistiu?"*. Certo, se ela era comprometida, está indo de inocente nisso. Eu que estou vendo coisas onde não devo. Digitei um *"já vou"* e levanto. Lavo o rosto com água fria e me arrumo, uma camisa simples do *Red Hot Chilli Peppers* e calça jeans, pego o óculos de sol e jogo a jaqueta por cima do ombro. Quando vou pegar o carro, está um sol alto, já são onze da manhã. Suspiro, preciso de mais que cinco horas de sono por dia.

Saio da garagem e sigo pela avenida lembrando onde era a casa da amiga dela. A cidade sempre foi pacata nos finais de semana, mas dia de semana, os estudantes enchiam as ruas. Passo na padaria e compro dois cafés, pão de queijo e torrada. Vou comendo e bebendo no caminho até chegar lá.

De frente para a casa, a vejo no portão esperando, sentada na calçada como uma criança emburrada. Usava as mesmas botas de cano curto de

ontem, uma camisa preta rasgada de lado e uma calça jeans desfiada. O cabelo solto balança com a brisa que bate de lado, enquanto ela ouve música, tão entretida naquele momento, que nem me viu chegar. Fico uns segundos apenas olhando. Ela é linda.

Buzino duas vezes e ela me olha, assustada, não sei o que isso quer dizer. Levantando, vem andando e abre a porta entrando e sentando no carona, já se sentindo em casa, tirando um dos fone. A olho, curioso.

— Bom dia — digo, ela resmunga algo de volta. Estendi o café. — Cadê o Dan?

— Tiago fez uma viagem de última hora para Morro Azul e perguntou se podia levar o Dan para me dar uma folga, então, eu deixei por insistência deles. — diz, como se eu soubesse quem era. Passou o cinto de segurança e continuou agindo normal, apenas balançando a cabeça ao som de qual música fosse. Quando começo a sair para a rua que ela diz algo novamente. — Algum problema irmos sem ele?

— Claro que não. Se está tudo bem para você, por mim também está.

Ela não responde de imediato. Não sei se ela entende que me refiro ao caso dela com o cara, não quero ser pivô de briga de ninguém. Aliás, estou meio confuso ainda com tudo isso. Ela não me beijou?

— Por mim está ótimo. Só sei que gosta bastante dele. — ela diz pensativa, olhando para a janela, fitando a vista. — Aliás, ele gosta demais de você. — não consigo esconder um sorriso.

— Também gosto demais dele.

Viro a esquina passando pelo sinal aberto e acelero para chegarmos a delegacia. Não demorou, ligo o rádio e a vi curtindo o som de *Nickelback* enquanto eu dirijo até lá. Quando chegamos, paro uma esquina de diferença por não haver vagas. Fomos andando por uma rua larga com a estrada do lado, passamos por algumas casas e dou dez pratas para um mendigo que sempre estava perto lá de casa. Malu esta estranha, parece alheia a tudo e fica distraída fácil. Por duas vezes eu a desviei de pessoas que caminhavam na mesma direção que nós, e achei estranho. Aconteceu algo? Claro, além do ocorrido de ontem.

A delegacia é um prédio amarelo e largo com garagem para as viaturas. Quando chegamos, vi dois policiais que escoltavam alguém para a viatura já ligada e saiam dali. O homem escoltado está queimado no braço, parece recente e muito irritado por sinal. Entramos, uma recepção grande sem ninguém, fora a moça que atendia. Deixo-a tomar a frente e fico perto,

apenas, não querendo atrapalhar. Estou morrendo de sono, mas tiro os óculos por respeito ao local.

— Claro, por favor, aguardem que já chamo vocês.

Concordamos e sentamos nos bancos de espera. Ajeito-me e encosto a cabeça na parede. Se eu não tivesse acompanhado teria cochilado.

— Tirei você da cama, não foi? — ela pergunta nervosa do meu lado.

— Não, relaxa. Fez bem até. Eu tenho que ir ao centro mais tarde resolver um assunto com um fornecedor. Então, não podia dormir muito.

— Na verdade, seria muito melhor se você dormisse mais do que dormiu. — provocou.

— Olha quem fala.

— Eu só trabalho a noite, você trabalha o dia todo, pelo visto. — deu de ombros, guardando o celular velho na mochila, junto dos fones.

— Vem comigo almoçar com o representante e estamos quites. — falo brincando, claro que ela não ia. Já encostava minha cabeça na parede de novo quando ouvi sua resposta.

— Tá bem, mas não tenho o que vestir. — olho para o lado, meio confuso. Não achei que falava sério, mas ela fitava os próprios pés pensativa e cheia de dúvidas no olhar, mas não eram dúvidas sobre ir comigo, eu notei. Ela estava mal, fugindo, precisando de ajuda.

Sou o cara certo para fazer isso?

— Eu estava brincando, caso não queira ir, pode ficar em casa descansando.

— Ah, desculpe. Não quero atrapalhar.

— Não é isso! — eu ri, ela sempre se esquiva. — Adoraria que fosse comigo, só não quero que se sinta obrigada por eu estar aqui com você.

Ela confirma, um sorriso no canto dos lábios e eu estava sorrindo de volta.

— Então, eu vou. Dan deve ficar com o Tiago até quinta feira.

Agora entendi. Ela está se sentindo sozinha e perdida. Suspiro.

— Vai ser um prazer tê-la comigo. — pisco. — E não precisa ter isso de vestir algo. Está linda assim.

Ela fica ruborizada e acho isso lindo, mas preciso me controlar. A moça da recepção logo está nos chamando e entramos na sala do delegado. Não foi uma conversa longa, ele foi rápido e direto. A casa havia sido invadida e alguns documentos dela e do filho foram levados. Roupas dos dois, comida e itens até então, banais. O ladrão, pelo que entenderam, foi surpreendido pela

vizinha e a matou para não haver testemunhas. A única casa roubada foi a dela e Malu ficou muito tensa com isso. A queixa já estava aberta, ela assinou alguns papéis e respondeu algumas perguntas. Os antecedentes dela eram duvidosos na visão do policial, já havia levado advertência da polícia em Petrópolis por delitos juvenis. Nunca imaginei ela sendo uma moça rebelde, mas não a conheço e isso começava a me deixar curioso.

Quando saímos de lá, já tinha as chaves de casa de novo e recomendações de segurança, um documento para retirar segunda via de documentos roubados e muito nervosismo na cabeça. Caminhamos até meu carro e entramos, meu telefone toca e atendo sem olhar quem era.

— Senhor Frederick? Sou Ricardo, assistente do Dr. Viggore. Queria apenas confirmar nosso almoço para as duas e meia?

— Estou chegando.

Desligo e vejo o semblante de Malu. Ela está mal, o que posso fazer quanto a isso?

Tiro o carro e começo a dirigir pela rua, meio alheio. Suspirando, não aguento.

— Quer ir lá em casa tomar um banho e comer algo? — pergunto, sem saber bem o que poderia acalma-la.

— Não, mas aceito a oferta da comida. — responde rápido. Concordo e paramos em uma padaria comprando um lanche e mais café para mim.

— O almoço é lá no Rio, esqueci de comentar. Algum problema?

Ela só nega com a cabeça. Está mal de verdade.

— Desculpa incomodar, eu... — ela aperta o copo de café. — Sem o Dan aqui, só não queria ficar sozinha.

— Relaxa, eu não vou a lugar nenhum. — dou um sorriso involuntário e ela retribuiu, concordando. Acelero e pego a estrada para não haver atrasos.

A viagem foi rápida e sem muito trânsito. O dia esta ótimo e indo bem, paramos apenas para abastecer uma vez e seguimos em frente. Quando era por volta de uma e quarenta estávamos na grande cidade procurando o restaurante que me foi indicado. Demorou mais que previ, chegamos em cima da hora.

O Rio de Janeiro sempre teve um ar de festa para mim. Vivi a vida toda ali, agora que estou morando em cidades mais afastadas. Os prédios, as ruas, as pessoas e as lojas. Tudo ali é movimentado, agitado e divertido. Me identifico bastante. Quando pago o estacionamento, saímos dentro do restaurante e fomos pegar os lugares reservados. Sentamos e esperamos

nossos convidados, o lugar não era muito cheio, era um daqueles lugares com pessoas que se achavam grandes demais. Vivi a vida toda com esse tipo.

— Tá ouvindo o que? — pergunto para a mocinha distraída a minha frente.

— *Avenged Sevenfold.* — diz apenas. Estendo a mão e ela me entrega um dos fones. Estava tocando *Afterlife*, adoro essa música, não pude evitar de sorrir. — Gosta?

— Claro. Estou torcendo para eles serem confirmados no Rock in Rio do ano que vem, o ingresso já está confirmado. — pisco.

— Uau, sonho meu. — ela ri, tentando soar como uma brincadeira, mas vi a verdade velada em suas palavras. Não soube responder.

Os representantes chegaram e nos cumprimentaram. Logo, pedimos o almoço, nos apresentamos e começamos os assuntos chatos. Demorou mais do que pensei, ficamos a tarde toda nisso, bebendo vinho e conversando. Malu deu duas ou três opiniões bem vindas como funcionária que conhece a clientela melhor que eu, e ela trabalha lá há duas semana, pelo menos, estou ficando para trás. Por fim, consegui acertar o negócio pelo preço mais generoso possível e a primeira remessa chegaria em uma semana. Já estávamos para sair quando o velho Dr. Viggore comentou.

— Não sabia que estava namorando, Frederick. Fazemos negócios há pelo menos uns três anos e não o vi amarrado até então. — brincou, movendo a taça de vinho. Eu ri, não havia maneira de não deixar aquilo menos constrangedor.

— Não, não...

Mas Malu conseguiu.

— É recente. — ela diz convicta e sorri travessa. — Nem formalizamos direito. — atravessou a mão na mesa e pegou a minha. Eu ri, não aguentei.

— É bem isso.

— E seu pai, como vai? — ele pergunta. Claro, não podia simplesmente me deixar ir embora quieto com o negócio fechado.

— Não o vejo um tempo já. Mande lembranças quando vê-lo. — falei seco.

— Ainda nessa briga feia, Fred? — soou mais íntimo do que deveria. Ele ser amigo antigo do meu pai o da direito de se meter nos meus assuntos? Não. — Vamos, temos apenas um pai nessa vida, e temos que aproveitar o quanto podemos.

— O almoço foi ótimo, Dr. Viggore, mas tenho que ir. O bar não se

gerência a distância. — sorrio falsamente e levanto. Cumprimento-o, que tentou se explicar, menti que estava tudo bem e saímos de lá.

Visivelmente, aquilo não me deixou bem. Sai andando para o carro, irritado, só quero ir embora. Paramos no estacionamento, destravo o meu carro pelo alarme e paro de frente para a porta. Soco o teto, sério, por que eles tem sempre que me lembrar disso?

— Ei, calma! O carro não tem culpa. — senti ela segurar meu braço, ainda mais afastada que o normal. — Respira fundo e conta até dez.

Não aguento, gargalho. Encosto na porta do carro e coço a cabeça. Malu está ali preocupada e me encarando séria. Suspiro, ela está certa.

— Foi mal.

— Não sei o que você tem contra seu pai, mas prefiro chegar em casa com o carro inteiro. — completou, parando a minha frente. Olhei para o lado e concordei com o rosto. Sinto-me o Dan fazendo birra, ri com o pensamento. Malu puxa meu rosto me fazendo olha-la.

— Tá tudo bem?

— Tá sim, desculpe. — falo, suspirando de novo, fecho os olhos e só me deixo sentir o toque dos dedos dela.

— Qual o compromisso agora?

— Acho que nenhum por hoje. — dou de ombros. — Podemos ir.

— Tá, mas antes, se acalma. — ela ri. — Não quero acidentes no trânsito.

Um ideia me ocorre.

— Quer ver eu me acalmar rápido? — ela concorda — Vem comigo.

Entro no carro seguido dela e saímos do estacionamento. Do lado de fora, já está começando a escurecer, o sol está avermelhado no céu. Dirigimos pela rua principal e entro nas curvas do Rio indo para o Urca. Estacionar foi fácil pela hora e pelo dia, em plena segunda feira quase ninguém estava na praia. Paro o carro e desço seguido dela, estava nervosa, parecia uma mocinha do interior na cidade grande. Pego uma toalha que sempre levo na mala do carro e coloco debaixo de um braço.

A praia está pouco cheia e sem vendedores ambulantes. Sigo pela calçada até as pedras ao fundo, altas e com quebra-mar. Malu olhava boba e admirando tudo, estendi a mão, mas logo achei invasivo e abaixei. Antes que a colocasse no bolso ela segura minha palma e fomos andando juntos. Ela está suando frio, não comento nada, mas queria rir como uma criança boba. Seguimos para próximo da margem, não muito, estendi a toalha e sentei de

um lado, seguido dela que olhava a água como se fosse a coisa mais bonita que já viu.

Eu olho para ela, porque ela sim era a coisa mais bela ali.

— Isso é lindo. — ela comenta. — Obrigada.

— Não por isso. — deito para trás olhando o céu, Malu continua sentada olhando o horizonte.

Toco o braço dela sem querer para pegar o fone de ouvido, me encolho antes dela, droga. Só que a sua reação é mais amena, leva um susto pequeno e me encara um pouco boba, mas não se afasta. Indico o fone e ela estende, tocava *Psycho Killer*.

— Essa é das boas. — eu ri, não achando que ela ouvia esse tipo de música.

— Conheci ela quando li um livro, um dos principais adorava e eu não conhecia. Amo ter referências de músicas para pessoas ou obras. — comentou, abraçando as próprias pernas, ainda olhando para frente.

— Já tem uma música para mim? — brinco.

— *Far Away, do Nickelback.* Estava pensando muito nela quando fomos ao parque com Dan. — diz de maneira natural. Foi de uma maneira tão malditamente natural que me pega de surpresa e eu não sei o que falar. Fico ali que nem um idiota, ouvindo as músicas que toca na *playlist* dela e vendo o dia escurecer por completo.

O mistério por detrás de Malu ainda me intriga, mas temo perguntar demais e a essas perguntas a afastariam de uma maneira que não quero. Entendo o que é ter um passado e coisas nele que não se quer revelar, reviver, trazer a tona. Então, apenas me calei.

Me calei e cochilei.



13.

Malu

Deito para trás vendo-o dormir como um bebê. Aconchego-me do seu lado, sem encostar, apenas olhando. Os cabelos escuros estão bagunçados, ele tem uma expressão cansada, uma barba bem aparada e a pele morena entrou em contraste com a luz da lua.

Sim, ele é magnífico, mais do que eu me sentia merecedora ou capaz de encarar.

Não resisto, levo a mão até seu rosto e passo por sua barba. Fico que nem uma idiota admirando-o enquanto *How You Remind Me* toca nos fones. Sério, eu estou abalada com tudo o que acontecia ultimamente. Decidi vim com ele porque ia pirar sozinha em casa. Não, não posso me deixar ficar sozinha. Só que Dan ficou tão feliz com a possibilidade de viajar um pouco com o Tiago, que não aguentei e o deixei ir. E sei que ele cuidará bem do meu bebê, então estava tranquila quanto a isso. Não confiava *em mim*

sozinha.

A invasão em minha casa era com certeza coisa do Érico, mas como? O que ele quer? Vingança? Me matar? Estou com medo de ficar sozinha. Luci voltaria só a noite, então, como uma covarde, me agarrei a chance de ficar do lado dele um pouco.

Seu telefone toca e olho meio sem jeito. Fred abre os olhos um pouco desorientado, mas quando encontra com os meus, parece bem mais certo do que fazia. Ele sorri preguiçoso, adoro ver aquele sorriso. Sorrio de volta, não sei o que falar, sinto a sua mão sobre a minha que ainda está no seu rosto, o toque dele me dá uma sensação diferente dos outros. Ele me passa um sentimento de proteção, como um porto seguro, que me deixa meio sem jeito. Eu gosto. É estranho. Não sinto isso com ninguém. Só com o Dan, mas ainda é diferente do Dan, não melhor, apenas bom. E ele sente isso, gosta disso. Fred abre a boca para falar algo, mas não deixo. Qualquer coisa que ele falar vai me deixar com medo e receosa. Eu sei que quero algo, mas...

Far Away começa a tocar no fone e ele ouve. Os dois acabam se olhando como idiotas, mas vejo certo desejo em seus olhos que também passam pelos meus. Eu... Quero algo, mas não sei como seguir com isso. Ele sabe, porque não demora cinco segundos de música está jogando o corpo sobre o meu e beijando meus lábios como eu fiz naquele dia. Céus, seus lábios tem um gosto delicioso de menta, agora misturado ao sabor do vinho que bebemos. O beijo é longo e cheio de desejo, sedução e é sexy. Seu corpo pesa contra o meu, ele é quente e me envolve até me sentir pegando fogo, suas mãos estão próximas de mim segurando seu próprio corpo, mas não me tocam como se esperasse uma permissão. Não sei o que estou fazendo, estamos em plena noite na praia deserta, mas ainda pode passar alguém.

Acabo por descobrir que não me importo nem um pouco.

Passo uma mão por seu cabelo e a outra arranho seu peito sobre a camisa. Um gemido escapa de seus lábios, está cheio de desejo que controla em rédea curta. Meus seios roçam contra ele e é o limite de seu controle. Sua boca vai para meu pescoço, mordiscando e beijando e sugando até me arrancar suspiros de prazer. Uma das mãos agarra meus seios tão firme que doem os bicos, estou quente e cheia de prazer, não quero parar, não, não quero.

Sua mão fica mais firme e forte, seus beijos descem por meu ombro até chegar na curva entre meus seios. Ele aperta com mais vontade, morde minha pele, me arrepio toda jogando-me contra ele e sinto sua ereção de aço roçar

contra mim. Agarro sua cintura com as pernas e o travo ali, trazendo seus lábios de volta aos meus. Um beijo rápido e quente, ele move o quadril contra mim, me instigando e deixando cheia de desejo.

Está quente demais aqui!

Só que o seu celular toca de novo me tirando do devaneio. Nós dois paramos, nos encarando, seus olhos azuis tão cristalinos parecem da cor do mar agora, os lábios inchados, semi abertos, cheios de um tesão que me deixa sem fôlego.

— Atende. — falo sem jeito, as mão em seu rosto, mas ele nega com a cabeça, beija meu rosto com estalos rápidos. — Atende. — insisto. — Pode ser importante.

— Ah, porra! — sussurra e ri. Ele pega o telefone e esconde o rosto no meu pescoço enquanto atende, até eu ouvi o som da linha.

— *AONDE VOCÊ ESTÁ, PORRA?!* — o grito da Betsy quase me deixa surda. Fecho os olhos e prendo o riso, fracassando.

— Saindo do Rio, consegui fechar o negócio.

— *Ah, claro! E levou a Malu para passear?*

— Ela veio me ajudar, Betsy! — ele responde manhoso. Eu ri. — O que foi? Hoje é segunda, não tem tanta gente aí, tem?

— *Não interessa. Hoje o vereador está aqui com os agentes dele e preciso de ajuda no balcão. Ele quer te conhecer* — responde irritada, me mexo para ele me olhar, ele se ergue de novo, me encarando com certo pesar, parecendo adivinhar o que eu falaria. Sussurro para irmos, sei que não gosta, mas parece concordar até certo ponto.

— Estou indo. — fala baixo, desligando. Suspirou, estava ansioso. Eu também.

— Não posso ficar faltando, ela sabe disso, eu sei disso, você sabe disso. — brinco.

— Você pode fazer o que eu quiser que faça, senhorita. — diz, passando o nariz no meu rosto, me instigando com o quadril de novo. — Acho que ainda sou seu chefe.

O jeito sexy e cheio de charme dele me leva nas alturas de novo. Ri, sim, eu ri. Só ele estava conseguindo fazer isso.

— Sabia que até os patrões malvados são castigados quando aprontam? — brinco, provocando. — A gente pode não terminar de brincar se ele for levado.

Ele ri, parecia mais aliviado por eu ter entrado na brincadeira.

Levantamos, pego a toalha, coloco *Maroon 5* para tocar enquanto vamos para o carro. Seguro sua mão de novo, me dava uma sensação maravilhosa. Eu não queria mais largar.

Droga, Malu! O que falou sobre não se envolver??

Mas lá estava eu envolvida até o pescoço.



A noite foi tranquila, chegamos sob olhares curiosos de todos no bar. Não estava realmente cheio, ficamos no balcão conversando enquanto Fred e Betsy cuidavam da área vip. Eu admito, fiquei lançando uns olhares atrevidos para lá, e mesmo que não o visse por conta do vidro escuro, sei que ele via.

Por fim, quem nos dispensou foi a Betsy e fomos para casa. A reunião ia demorar mais que pensei, pelo visto. A campanha eleitoral nem tinha começado e os caras estavam querendo antecipar votos.

Fui para casa pensativa, mas quando cheguei vi Luci sentada no sofá vendo filme. Oras, ela não tinha um encontro com o boy gato?

— Ta fazendo o que aqui?

— O safado desmarcou comigo, então fiquei puta e bebi demais e agora to sem sono.

— Não bebeu o suficiente já que não ta bêbada — sento ao seu lado, pegando a garrafa de vinho que ela bebe e tomando um gole. — Não fica assim, ele não te merece.

— Ai, amiga, não fala como se eu tivesse apaixonada. Só tava querendo dar um pouco, até me depilei! — eu ri muito alto, ela me acompanhou. Luci sempre foi assim, louca e sincera. — E ai... to sabendo que sumiu a tarde toda com o bofe chefe gatinho de olho azul...

— Como você sabe disso?! — sim, me entreguei totalmente e falei alto demais.

— Eu tava lá quando a Betsy ligou — ela pega a garrafa e da um gole. — Me conta tudo!

Eu contei, ela não sossegaria até que contasse. Na real, eu queria mesmo contar, estou louca com tudo que ta acontecendo.

— Eu disse que ele ta super na tua!

— Para com isso, eu...

— Maria Luiza de Carvalho! Para de ficar em negação, e daí que o chefe gostoso ta afim de tu?!

— Sei lá, Lu... — olho para o teto, nervosa e com aquelas borboletas malditas no estômago. — Tenho medo de quebrar a cara.

— Quer saber como vai descobrir se vai quebrar a cara ou não? — olhei-a, esperando. — Se jogando de cabeça!

— Já disse que conheço ele a pouco tempo e...

— Que se foda o pouco tempo, Malu. Não to falando pra você casar com o cara, só transar um pouco.

Eu gargalho muito alto. Está vendo por que ela é minha melhor amiga?

— E o que sua vasta sabedoria me manda fazer, oh, senhora sabe tudo? — ironizo, mas quero mesmo uma resposta.

— Amanhã é sua folga, não é? Chama ele para sair. Faz isso em cima da hora, seja ousada, e se ele vier independente do compromisso que tenha, já sabe que ele ta disposto a algo.

Penso sobre isso. Ela não está totalmente errada, e é bom também que o Dan não ta aqui, porque sem ele, só resta eu. E se ele vier...

— Vou pensar no seu caso. — brinco.

— Só não perde a chance de ser feliz, amiga.

Abraço ela. Eu amo essa mulher. Ela me entende, me ajuda, me aconselha e eu sou muito agradecida por isso. O mundo pode ter sido cruel comigo por ser ingênua na infância, mas agora ele me recompensou com as melhores pessoas possíveis.

Obrigada mundo.



14.

Frederick

Acho que dormi mais que a cama. Quando ouço meu telefone tocando, demoro a abrir os olhos, enrolando o máximo que posso. Droga, tenho mesmo que acordar. Pegando o aparelho, olho e vejo o número da Léo. Que merda! Ela não desiste. Mas teve seu lado positivo, já que eu preciso buscar material para o bar hoje.

Levanto e tomo um banho quente, ouvindo o som de dona Carmem fazendo o café da manhã. Achei que tinha dado folga para ela hoje, mas tudo bem, vai ser bom ter algo saudável para comer antes de sair. Me arrumo, calça jeans e blusa preta com a jaqueta por cima. O tempo fechou, vai chover mais tarde, certeza.

Na cozinha, vejo a senhorinha de cabelos brancos sorrir para mim, já tem café e pães servidos na mesa.

— Bom dia, meu filho. Café?

— Com certeza, obrigada! Como foi o final de semana? Conseguiu marcar aquela consulta ontem? — pergunto enquanto me sento à mesa e começo a comer.

— Ah, sim, graças a Deus. Semana que vem já me consulto e consigo as receitas de novo.

— Que bom! Qualquer coisa já sabe.

— Obrigada, meu filho.

Sorrio, bebendo um gole do café. Meu telefone toca de novo, mas dessa vez é a Betsy. Ela não deixa atender, sei que só quer que eu veja sua mensagem. "*Vai buscar o material hoje? Vou abrir o bar*" Confirmo, terminando meu café e saindo de casa.



A estrada está tranquila e consigo chegar ao depósito a tempo. Hoje é dia de repor o estoque da cozinha e nada como buscar seu próprio material para poder averiguar a qualidade do que está comprando. Na volta, almoço no restaurante do centro e vou para o bar entregar tudo ao pessoal da cozinha. Quando entro no salão, vejo tudo com um movimento mais tranquilo, a amiga de Malu está no balcão servindo dois caras e as outras duas cuidando da limpeza para a noite.

Tudo em seu devido lugar.

— Achei que não chegava hoje! — Betsy vem andando da área vip, que está vazia agora.

— Eu desmaiei na cama, admito. Estava morto!

— Claro, fica substituindo as funcionárias em dia de pico. — ela caçoa.

— Ah, cala a boca, Betsy.

Meu telefone toca, é a Léo. Senhor, que insistência.

— Vou para minha sala tirar Xerox dos recibos e depois vou ao banco antes que feche.

— Ok, chefinho! — ela brinca.

Quando me dirijo a minha sala, juro que vejo a amiga da Malu me encarando com... Sabe quando criança vai aprontar? Então, parecia isso. Ignoro e vou porta adentro.

Começo a mexer no computador imprimindo algumas coisas e tirando Xerox de outras. Meu telefone toca mais três vezes e ignoro todas, sei quem é.

Entretanto, a porta da minha sala abre e uma Betsy assustada entra.

— Fred... É o Théo.

O que meu sobrinho aprontou dessa vez? Olho curioso, sem entender.

— Ele ta no hospital.



Meu carro voou pela estrada o mais rápido que me permiti, não quero causar mais acidentes, mas a urgência do momento pedia certa imprudência. Eu dirijo com todo cuidado! Droga, o que diabos acontecia que todos os dias tinham ficado turbulentos?

Chego ao hospital em tempo recorde. O hospital do centro atende minha família há anos, então tenho certeza que Léo está ali com o filho. Ela não disse o que tinha acontecido, mas eu sei que... droga! Aquela angústia volta com tudo.

Sinto meu celular vibrando quando entro pelas portas duplas brancas, mas não tenho tempo de olhar agora. Vou até a recepcionista correndo e paro ofegante contra o balcão.

— Sabe onde está Eleanor Cross?

A enfermeira me indica um corredor, pelo qual fui correndo achá-la. Dobro duas curvas até vê-la sentada em bancos de um corredor de espera, sozinha, no máximo um policial ao fundo cuidando de tudo. Quando me viu, minha irmã correu até mim e me abraçou, nervosa e chorando.

— O que houve? — pergunto nervoso.

— O idiota do pai dele deixou ele brincar de bola sozinho no parque, ele foi atropelado, Fred!

Não respondi mais, apenas a acalmei e deixei que extravazasse tudo o que sentia.

Sentamos no banco de espera, os médicos estavam cuidando de uma hemorragia que ele teve na cabeça. David, o pai do Théo apareceu depois de algum tempo, mas ficou afastado de nós.

Tudo ali estava um caos.

Quase duas horas mais tarde, um médico saiu de dentro da sala de cirurgia e olhou ao redor. Vendo os familiares presentes, se dirigiu a nós.

— Senhora Cross? Seu filho Théo está estável, deixaremos em observação por vinte e quatro horas antes de fazermos novos exames.

A expressão aliviada foi unânime.

— Viu? Eu disse que tudo ficaria bem.

— Não graças a esse...

— Eu não fiz nada, mulher! — David grita em resposta a provocação de minha irmã. Eu a seguro antes que conseguisse avançar sobre ele, raivosa.

— EXATAMENTE! VOCÊ NÃO FEZ NADA!

Uma briga quase começou, mas o médico conseguiu conversar com David e fazê-lo sair dali. Acalmo minha irmã o máximo que consigo e busco café para nós dois na máquina da entrada.

Quando volto, ela estava chorando copiosamente no banco. Olho ao redor e vejo médico ao fundo.

— Doutor? — ele me olha, uma enfermeira do lado estava anotando o que ele pedia. — Quando poderemos ver o Théo?

— Infelizmente, pelo estado grave dele, somente após o período de observação. Qualquer interferência externa pode ser prejudicial.

— Então, é esperar, não é?

— Sim, senhor Cross. — ele pôs a mão em meu ombro. — Leve sua irmã para casa e tente acalma-la. Amanhã será um novo dia.

Concordo, sabendo ser o melhor. Andando até minha irmã, abaixo a sua frente e olho em seus olhos.

— Ei... Que tal ir lá para casa dormir um pouco?

— Não vou deixar meu filho sozinho, Fred...

— Ele está nas mãos dos melhores médicos, mana, vamos lá tomar um banho e comer algo. Amanhã eu volto com você.

Ela está frágil, vejo isso em seus olhos azuis iguais aos meus. Fraca e cansada, Léo aceita, levantando e indo comigo para a saída. Levo-a para o carro e paro na porta antes de entrar, pego meu celular e olho as mensagens, suspirando. Várias de Betsy, querendo notícias, alguns aleatórios e uma me chama atenção. É da Malu... "*Está ocupado*?"

Demorei demais a olhar e nem adiantava responder. Droga... Será que ela está precisando de algo? Porém, o choro de minha irmã chama minha atenção de volta para o agora.

Juro que daqui a pouco respondo, ainda são sete e meia da noite, ela deve estar na casa da amiga...

Dirijo para casa com mais prudência dessa vez. Léo está estranhamente quieta, o que me mostra quão sensível ela está. Porém, em dado momento estamos passando por um sinal vermelho, aguardando ele abrir para seguirmos. Estamos quase chegando. Ao fundo, um outdoor de fim de ano, em breve seria natal. Minha irmã encara, naquele momento, a imagem de um pai com os filhos, presenteando com brinquedos de alguma marca que faz o marketing. Sinto antes de ouvir o que vem a seguir.

— Primeiro, papai... Agora, meu filho... Acho que vai chegar o momento que vou morar naquele hospital.

— Continua de teimosa por lá porque quer. — Não resisto, a respondendo.

— Só não sou uma filha irresponsável. — diz séria, convicta de suas palavras. — Você sabe que vai se arrepender depois e...

— Léo, desiste. Não sou como você, eu tenho memória e o principal, não me vendi.

Ela sente no fundo da alma minhas palavras. Sei que ainda não desistiu, mas o que posso fazer? Eu não vou ceder. Suspirando, só sei que quero acabar com essa noite de merda.

O sinal abre e seguimos. Léo apenas encara todas as luzes da vista da cidade enquanto nos aproximamos de minha casa. Próximo a entrada, ela me olha.

— Eu tenho memória, Fred, mas também tenho coração e sei que segundas chances são necessárias.

Sem esperar que eu a ajude e já conhecendo o caminho, ela sai e espera no portão fechado. Suspiro, jogando as chaves para ela. Aciono o alarme da garagem, vendo-a entrar. Porém, meu celular vibra de novo. É uma mensagem de Betsy, mas quando olho o celular, acabo lembrando dela...

O que teria acontecido com Malu? Será que estava bem? A dúvida vai acabar comigo se eu não falar com ela..

“*Acabei de chegar, aconteceu vários problemas. Ainda ta ai?*”

A mensagem demora a ir, mas vai. Nossa, tempos que não sei o que é enviar mensagem de texto. Só ela para... Meu celular vibra de novo.

“*Socorro*”

Meu coração gela. O que isso significa? Não penso duas vezes antes de tirar o carro, nem sei se fechei a garagem. Estou ligando para seu número no segundo seguinte. Ela demora a atender, o que me deixa mais ansioso.

— Ei — digo, quando ela atende.

“Desculpa, eu só... Estou nervosa.”

Ela está chorando. Puta que pariu!

— Onde você ta?!

Sua resposta demora a chegar, ouço-a fungando antes de reunir fôlego para responder.

“*Na praça perto da fábrica, tem uma sorveteria...*”

— Já to chegando.

Ela desliga, não espera que eu fale mais, ou só não quer que eu a ouça chorar.

Mas que droga de dia!



15.

Malu

Naquele mesmo dia mais cedo

Quando a manhã chega, estou animada para tentar algo novo. Luci logo parte para o trabalho e eu levanto, chega de dormir, já são onze da manhã. Arrumo a casa da minha amiga e para agradecer a hospedagem e faço um almoço delicioso. Minha macarronada é a melhor que conheço, não que eu conheça muitas, mas gosto de pensar que é ótima.

Como tudo e vou tomar um banho, guardei uma quantidade generosa para minha amiga na geladeira. Ela já tinha levado almoço.

Após o banho, abro o armário dela para ver o que posso usar. Que droga, preciso mesmo buscar roupa... Pelo menos, tem que ser antes do Dan voltar. Aliás, que saudades! Suspiro. O que vou fazer hoje?

Não vou planejar, apenas vou.

Pego uma calça jeans escura, de cintura alta, e visto junto com uma blusa de alça fina. Minha jaqueta de couro preta ta ali e a pego também, acho que vai chover. Pegando uma bolsa emprestada com meus poucos pertences dentro, vou saindo após a maquiagem de sempre estar pronta.

Quando estou na rua andando, recebo uma ligação da Dona Nora, quando atendo, ela me pede com urgência se posso fazer sua unha. Diz até que pagava um extra pela urgência. Olha, não vou mentir, isso me anima, porque posso ter uma graninha extra para comprar alguma coisa.

Vou correndo para minha casa, a kitnet é um pouco longe, mas logo chego e cumprimento Sandro. Hoje deve ser dia de folga e ouço suas gargalhadas com a filha, que veio visitar. É uma cena bonita, sabe.

Entro e vejo algumas cartas no chão, depois eu olho. Está tudo uma bagunça dos infernos. Ignoro, não posso demorar. Pego o que preciso e saio, correndo até meu destino.



— Cadê seu filho lindo, menina?

Foi a primeira coisa que ela notou quando cheguei. Acho que é comum estranharem que eu esteja sem Dan do lado, afinal, acho que nunca sai sem ele. Explico que ele está com o Tiago e vamos para sua varanda para que eu trabalhe aproveitando a claridade.

— Pois eu acho isso muito bom, filho agarrado demais a mãe cresce estragado.

Lá vem as lorotas, aceno sem olhar, apenas fingindo concordar. Que vontade de tirar uns bifes a mais de sua unha, mulher.

— A senhora vai sair hoje? — perguntei só para ver se ela mudava de assunto, se não, ia me encher a tarde toda sobre isso.

— Tem uma feita de artesanato na antiga fábrica hoje, eu quero ir fazer umas comprinhas e não posso ir com a unha toda ruim, não é?

— Com certeza que não! — acabo rindo.

— Vem gente de fora, sabe, e tem produtos lindos.

— É uma feira aberta? — acaba chamando minha atenção.

— Sim, menina — ela da um tapa leve em meu ombro — Tem de tudo lá.

— E eu... posso ir?

— Claro! Vem comigo que te mostro as melhores barracas com protudos de costura, quem sabe acha algo pra usar em unhas?

Na verdade, eu estou pensando mesmo é nos produtos de petwork. Imagina conseguir agulhas novas e tecidos baratinhos? Eu poderia voltar a...

Não, Malu. Só um passeio rápido.

Nós acabamos batendo um papo sobre o tempo e eu acabo rápido, levantando e esperando que ela se troque para irmos. Deixei tudo em sua casa para buscar depois, então saímos de sua casa para caminharmos até lá.

A caminhada é divertida, porque Dona Nora é a maior fofoqueira que conheço e a cada esquina ela me aponta um estabelecimento, ou pessoa, ou casa diferente e está contando tantos podres quanto pode. Alguns logo acho que são inventados, mas outros não tem como ser. Estou rindo a beça quando chegamos na grande praça antes da antiga fábrica. Ali é um espaço amplo, com um parquinho que Dan adora vir brincar quando podemos. Está cheia, mesmo que os estudantes estejam entrando de férias, vários adolescentes estão por ali batendo perna, e também, muitas pessoas estão tomando o mesmo caminho que nós fazemos agora. Uma rua larga, de paralelepípedo, árvores margeiam os lados deixando o cenário natural e muito belo.

A antiga fábrica é hoje em dia uma faculdade pública e também, possui vários cursos ótimos para quem consegue vagas em seus concursos.

A frente dela, na rua, várias barracas estão montadas com vendedores de todos os lugares, tendas de lona branca altas espantando o sol e a possível chuva futura. E tem muita coisa ali! Eu fico rodando pelas barracas, evitando as pessoas e conversando com Dona Nora.

De frente para uma tenda em específico, há várias araras armadas, com roupas expostas, mas o que chama minha atenção são dois balcões com vários produtos artesanais. Desde capas de livros de tecido, a pantufas de toalha, brincos, tiaras e muitas criações maravilhosas.

Eu me encanto com todo esse tipo de coisa. Luci diz que não combina comigo, que eu tenho um estilo mais rebelde e punk, mas... Quem determina o padrão das coisas? A sociedade tem que aprender a quebrar todos os

estereótipos preconceituosos e aceitar que gostos são pessoais, todos podem ter seus hobbies que quiser sem sentirem-se constrangidos por isso. Podem não, devem.

Meu telefone toca, olho e vejo uma mensagem de Luci brilhando na tela. Foi falar nela que deu sinal de vida.

"*O chefe gatinho já ta aqui, chama ele pra sair!*" eu ignoro, não, não tenho coragem.

"*Se você não fizer isso, Malu, eu vou te amaldiçoar para o resto da vida com meu poder de bruxa!*"

Começo a rir e guardo o celular, me aventurando pela barraca. Vejo vários kits que de costura para iniciantes, se eu tivesse dinheiro, poderia comprar um e tentar...

Não, não tenho dinheiro para isso ainda.

— Gostou de algo, senhora? — a atendente me aborda. Esqueci que aqui não é a loja do centro onde já estão acostumados comigo.

— De tudo! — admito, sincera. — Pena que to pobre, mas ainda vou levar algo qualquer hora dessas.

— Uma pena, você parece ter olho clínico para isso. Sabe costurar? — Dou um sorriso constrangido e movo as mãos, indicando que só mais ou menos. — Estamos oferecendo hoje um pacote de cinquenta por cento de desconto no curso que abriremos na loja do centro, de costura e petwork. Se estiver interessada.

Fico olhando encantada para aquilo. — Nossa, que bacana, mas só pode entrar se for agora?

— O curso só começa mês que vem. Guarde o cupom e quando decidir, me liga!

Eu pego o papel e sorrio, vendo as letrinhas douradas do anúncio. Ouço alguém me chamando.

Dona Nora está ao fundo, acenando para que eu a encontre. Ela me paga a unha feita – com um bônus realmente generoso – e vamos lanchar com suas amigas.

A tarde passa e eu volto com Dona Nora, levando-a em casa. Pego minha bolsa grande com o kit de unha e me despeço dela com um abraço forçado, não queria, mas não soube recusar quando ela já estava em cima de mim.

— Muito obrigada por me acompanhar, menina. E dê um beijo no seu menino, estou com saudades.

— Obrigada a senhora pela tarde muito bacana.

Saio andando depois de dar outro tchau caloroso. A rua vazia está me chamando para aquela caminhada gostosa, está serenando, mas não me importo. Gosto de andar sob o luar esquecendo dos problemas da vida e focando só no que tenho de bom. Acho que vou para casa, deixar Luci aproveitar e descansar e também, começar a arrumar minha bagunça.

Estou chegando próximo de casa, virando a esquina, quando, como sempre, tudo desanda. Nada que é bom em minha vida dura muito.

Paro assustada quando a luz do poste pisca, e olhando para frente, alguém está de pé perto do portão de entrada da avenida. Só consigo ver o cigarro na boca e um relance de cabelos vermelhos, porque o pânico toma conta do meu peito e eu corro.



Estou sentada em um banco, na praça do centro da cidade, mas essa porcaria está mais vazia que o convencional. Que porra! O ponto de ônibus tem algumas pessoas aguardando a condução. Na sorveteria dois casais. Um posto policial vazio. O mercado com pouco movimento... Acho que o motivo é a mini-festa na praça da fábrica, por causa da feira. O pessoal deve ter convergido todo para lá.

Estou com medo. Um medo absurdo que não cabe em mim. Minhas mãos tremem e minha mente não quer raciocinar direito.

Era o Érico? Eu nem me deixei olhar direito. Fiquei tão apavorada que...

Tudo que envolve aquele ordinário acaba com a minha sanidade.

Pego o celular e mando mensagem para Luci, perguntando onde ela está. A resposta vem rápida. *“Saindo de casa, acabei de marcar com o boy gostoso do final de semana. Espero que ele não me de bolo de novo”*

Droga, não posso acabar com a noite dela sem saber realmente o que está acontecendo. Mas... Eu não quero ficar sozinha.

Droga.

Abaixo a cabeça na mesinha a minha frente e tento lembrar de como respirar. Vamos, Malu, pense. Ir para casa não é uma opção, ele pode acabar me encuralando, pois, já que o Sandro estava em casa de manhã a noite trabalhará. A casa da Luci também deve ficar vazia, e de novo, não quero ficar sozinha...

A quem mais eu poderia recorrer?

O bar?

Fred...

Seu nome vem com um gosto de menta em minha boca, lembrança do seu hálito delicioso que provei ontem. Acho que... Não é pecado testar.

Mando... o que?

“Está ocupado?” ótimo, é só o que consigo e... Vamos aguardar. Fico na praça, esperando. Meu estômago ronca e percebo a fome que estou sentindo, o dia todo sem comer direito, só o almoço mesmo e já escurece lá em cima. Vou até uma lanchonete na esquina e compro um lanche, algo barato, só para passar a fome. Retornando a meu novo banquinho companheiro, aguardo, comendo devagar e bebendo o suco natural que de natural não tem nada.

Meu telefone toca, fazendo-me pular de susto. Olho quem é e vejo o número do Tiago, sorrindo em seguida.

— *MAMÃE, EU BRINQUEI MUITO NO CAVALO*! — Dan grita num nível que me faz tirar o telefone do ouvido. — *A gente comeu pizza, e eu bebi coca, mas tudo bem só uma vez, não é? Ah, a mãe do titio mandou beijo e eu to com saudade. Te amo, mamãe.*

E pronto, ele largou o telefone. Dan sempre foi assim, ele odeia falar em aparelhos de telefone. Estou rindo ainda, quando ouço Tiago tomar o seu lugar.

— Acho que você deu açúcar demais para o meu filho.

"Ah, deixa o menino ser feliz, sua chata." ele ralha em tom de brincadeira. *"Está tudo bem por ai?"*

Penso em tudo o que não está bem, mas não posso falar. Eles estão em outra cidade há três horas de carro daqui, e por mais que o Tiago viesse ao menor sinal de necessidade, não vou acabar com o passeio do meu filho por suspeitas até então, infundadas.

— Sim! Ótimo. Fui em uma feita de artesanato hoje e me diverti bastante.

— *Assim que gosto de ver. Eu e pequeno também estamos nos*

divertindo muito. Em breve estamos de volta.

Tiago ainda está falando, mas paro de ouvir. Do outro lado da rua, ao lado de uma barraquinha de um senhor de idade que vende cigarros, de novo aquela silhueta.

Filho da puta!

Ele está me seguindo?

Nem ouço mais o telefone e levanto correndo, largando o lanche para trás e me virando para correr. Entretanto, bato de frente com alguém e quase caio, mas a pessoa me segura. Olha que ironia do destino! Quando olho, é o babaca bêbado que deu em cima de mim no bar, gostou da surpresa do destino? Ele é uma porra.

Olho angustiada para cima, ele é mais alto que eu, minhas mãos estão tremendo e ele ainda está me tocando.

Não me toque... Minha mente grita, mas meu corpo não se move.

— Ei gatinha, mais cuidado ai!

— Me solta...

— Você não é a...

— Me solta, droga!

Empurro ele para frente, mas nem sei o que acontece, porque ele ainda me segura e quando vejo estou no chão. Droga. Sento, nervosa, as pessoas ao redor olhando. Mas quem eu busco está longe, cadê ele?

Não, não vou esperar ele estar perto. Preciso de distância, distância.

Levanto e corro, a última coisa que ouço são os gritos do cara que derrubei. Ele me xinga, mas eu não me importo.

Só quero ir para bem longe.



Estou sentada em uma sorveteria, nem sei como cheguei aqui. O atendente me olha assustado, porque eu pedi um picolé apenas para me esconder em um canto, a mesa, e ninguém me ver ou reclamar que to

ocupando um lugar sem consumir.

Só quero ficar onde tem gente, onde ele não pode fazer nada sem testemunhas. Érico não é burro, ele não iria me atacar se tivesse quem pudesse ver.

Ou iria?

A dúvida me corrói, são cinco anos preso, pensando em sei lá o que, então...

Não posso ficar sozinha. Estou nervosa demais para confiar em mim mesma. Olho meu celular, Fred me ignorou, Tiago está longe, Luci ocupada...

Droga. Droga. Afundo meu rosto na mesa, esperando, sentindo a falta de ar. As lágrimas vem rápidas, não me aguento, não me importo que alguém vá ver. Só quero que isso acabe... Até que o celular vibra sob mim... Quando olho, aquele fiozinho de esperança vem junto da mensagem dele.

"*Acabei de chegar, aconteceu vários problemas. Ainda ta ai?*"

Minha mente não raciocina quando responde e eu digito a única coisa que meus pensamentos gritam.

"*Socorro*"

Afundo na mesa de novo, sentindo um nervosismo que não cabe em mim. O telefone toca, é ele.

— *Ei* — sua voz inunda meu coração com calmaria. O que isso significa?

— Desculpa, eu só... Estou nervosa. — engasgo, chorando, não consigo falar, mas preciso...

— *Onde você ta?!* — ele está ficando nervoso?

— Na praça perto da fábrica, tem uma sorveteria...

— *Já to chegando*.

Meu celular descarrega. Droga... quando que? Não importa, apenas fico lá, cabeça abaixada e tentando respirar.

De alguma forma, eu sei que ele vai chegar.



16.

Frederick

Não sei quanto tempo demoro para chegar, mas é rápido, só vejo quando estou entrando pela porta da sorveteria que tem na praça da fábrica. Olho ao redor, dois atendentes cochicham no balcão e alguns clientes parecem desconfortáveis. Eu ficaria também, com aquele sol gigante na parede atrás do balcão, mas sei que esse não é o motivo.

Olho para o lado, vendo-a ao fundo. Ela me parece tão... quebrada. Ando até lá, ignoro todos, apenas abaixo ao seu lado segurando na cadeira onde senta.

— Malu?

Quando ela me olha, meu coração se estilhaça por completo. Seu rosto

vermelho, os olhos inchados e as lágrimas escorrendo... Por Deus, eu quero abraçá-la, mas nem tenho tempo de pensar, porque ela se joga contra mim. Consigo sentar em uma cadeira do lado para não cairmos em desequilíbrio.

O que aconteceu?

Eu apenas envolvo-a com meus braços, ouvindo-a soluçar. Dane-se tudo ao redor, só quero arrancar cada sentimento triste de seu peito.

Minutos se passam e ela vai se acalmando, beijo o alto de sua cabeça e sinto-a esfregar o rosto em mim, tentando esconder-se como uma criança.

— Vamos sair daqui? — ela confirma, ainda escondendo o rosto, sem produzir qualquer som. Olho para o lado e vejo um picolé ali, será que ela pagou? Pego duas moedas no bolso e deixo sobre a mesa, levanto e, de novo, que se danem as pessoas, pego-a no colo.

Aceno para o atendente ver o dinheiro, ele confirma, parecia preocupado. Eu só vou até o carro e paro do lado, deixando-a se apoiar em mim de pé enquanto abro a porta para que entre. Ela se encolhe no banco e eu vou para o banco do motorista.

Os pneus cantam no asfalto quando acelero.



Estamos parados em uma rua deserta, já está ficando tarde e estou dividido de para onde eu a levo. Lá em casa, Léo infernizaria nossa vida, e não sei se ela quer ir para casa ou da amiga. Olho para o lado, vendo-a encolhida no banco do carona. Suspiro, avaliando-a, parece tudo normal, não parece ferida. Não fisicamente.

Ligo o rádio e... Qual? Coloco uma música do Avenged, o CD já estava ali era só deixar continuar de onde parou. Sei que isso a acalma e ela precisa... Droga, não sou bom nisso. Olho para o lado, seus pés estão no banco e ela abraça os joelhos. Levo uma mão aos seus cabelos, colocando-os para trás da orelha. Seu olhar me encontra e vejo o mundo ali. Um sorriso brota em meus lábios, tentando acalmá-la. Ela encosta o rosto em minha mão,

buscando algum conforto e eu fico acariciando sua bochecha um pouco.

— Quer ir para algum lugar?

Ela nega com a cabeça, mas parece pensar em algo.

— Desculpa, eu... Não devia... — levantando e sentando direito, vejo-a se afastar nervosa, sentindo-se um incômodo.

— Ei, relaxa, só acho que um carro não é confortável para passar a noite. — dou uma risada, tentando descontrair o momento.

— Eu... — ela parece pensar em algo e me olha profundamente. — Estou com medo de ficar sozinha...

Aquilo me atinge pior que um soco no estômago. — Quer dormir lá em casa? — ela nega com o rosto. — Na sua casa? — pânico atinge seu semblante, negando de novo de olhos fechados. — No Night Star? — brinco.

— A Luci... deve chegar em algum momento, eu acho que vou esperar ela e...

— Eu espero com você, ta bem?

Vejo alívio em seus olhos e uma sombra de um sorriso. Ligo o motor e dirijo para o lugar, já sabendo onde é e paro em frente a casa. Saio primeiro e abro a porta para ela, está tão absorta que não percebe. Vejo-a sair e segurar minha mão involuntariamente, buscando segurança. Seus olhos correm por toda a rua, esquina, a casa... Ela está buscando algo ou alguém, temendo quem quer que seja. Olho também, por precaução, mas não vejo nada. Aguardo que esteja sentindo mais segurança, vendo que melhora, vamos andando para o portão. A casa é pequena, dois cômodos. Malu se enrola um pouco com as chaves, mas espero paciente.

Meu celular vibra, é minha irmã ligando. Ignoro até que caia a ligação e envio mensagem dizendo que to cuidando de uma urgência. Malu me olha com um misto de desespero e agonia, sente-se um estorvo, mas sorrio e abro a porta já destrancada. Ela entra primeiro e larga a bolsa e tudo no chão, seus olhos vasculham tudo, garantindo que não há ninguém ali. A sala é pequena, uma TV e poucos móveis e um balcão divide a cozinha.

Malu me encara.

— Eu... Quer um café?

Concordo com a cabeça, só para deixa-la ter o que fazer. Sei que ocupar a cabeça é o que precisa agora. Acompanho até a cozinha e sento num banco ao balcão, vendo-a se mover mecanicamente. Ela está...

O que posso fazer para trazer de volta o seu sorriso?

— Com açúcar né? — interrompe meus pensamentos, confirmo e pego

meu celular, mexendo em busca de algo. — Eu to atrapalhando, não é? Eu sabia. Você tinha que fechar o bar hoje? Droga...

Sorrio, apenas, e *Shaman* começa a tocar em uma playlist aleatória.

— Não tenho que ir a lugar nenhum, relaxe. — pisco, ela sorri, fraco, mas já é alguma coisa.

Vejo-a fazer o café em pouco tempo, seus lábios sussurrando a letra de cada música que toca alto em meu celular. Mantenho ele lá no balcão e pego a caneca que ela me entrega, seguindo-a até o sofá. Ela não liga a TV, embalada no som da música. Sentado ao seu lado, apenas a admiro, a cabeça apoiada no estofado vermelho.

— Posso perguntar o que aconteceu? — ela nega, vergonha estampada em sua face. — E o seu dia, posso perguntar como foi?

O olhar que ela me lança mostra o quão impressionada está, o que eu fiz? Estou curioso, claro, mas não vou forçar.

— Eu fui a uma feira de artesanato com a dona Nora — diz, sussurrante, como se eu conhecesse quem era — Foi um dia legal, me distraiu de tudo... Mas... Quando eu estava voltando, eu vi alguém na frente do portão da avenida. Eu... jurava que era ele, sabe. Eu só...

Levo minha mão ao seu rosto, ela se encolhe um pouco, mas logo fecha os olhos e me deixa puxar seu queixo. — Não é pecado sentir medo, Malu. Não se culpe por sentir isso, ok?

As lágrimas brotaram em seus olhos fechados, ela os abre e me encara, afirmando com o rosto. Larga o café de lado e faz menção de se aproximar. Hesita, eu viro de lado e a puxo para mim, abraçando-a forte.

Vejo-a se encolher, não de medo, mas era como se pudesse afogar todas as angústias naquele abraço. Sinto-me um puta cara sortudo por conseguir deixa-la assim, segura.

Malu praticamente se deita sobre mim, a cabeça e as mãos sobre meu peito, chorando baixinho. Afago seus cabelos e beijo sua testa, antes de me ajeitar e abraçá-la, apenas tentando afastar seus demônios.

Bem aventurada é a pessoa que pode dizer com orgulho que é porto seguro de alguém, porque o contrário é apenas... Apenas um vazio em sua existência.



17.

Malu

Quando acordo, espero de tudo, principalmente constrangimento, menos estar na cama com Luci agarrada as minhas costas. Sento e olho ao redor, buscando... Ele esteve mesmo aqui? Tenho medo da resposta.

Levanto e vou ao banheiro, me aliviando, e volto para a sala. Meu telefone está descarregado ainda, então... Acho que foi real? Coloco no carregador e vou fazer um café.

Como que invocada pelo cheiro do café, Luci vem como um zumbi andando até o balcão. Ela está de ressaca, claro, mas o que me chama atenção mesmo é um chupão em seu pescoço e uma marca roxa em seu braço.

— Maluuuuu... — dramatiza — Café!

— Volta pra cama, garota, hoje não é sua folga?

— Tenho que ir no banco. — dou uma caneca a ela que logo bebe um

enorme gole. Parecendo mais desperta, me encara. — E você, hein, seguiu meu conselho com o chefinho?! Me diz, ele é bom de cama?!

Minhas bochechas coram e eu nem sei porque diabos isso acontece.

— Cala a boca, sua suja! — ralho, mas estou rindo. — Não aconteceu nada.

— Como não? Ah, Malu, nem vem! Eu cheguei e vocês estavam agarradinhos no meu sofá. — ela bebe outro gole. — Se bem que eu estranhei aquela roupa toda.

— Pois não aconteceu nada, ele só... me ajudou, eu não estava bem. — suspiro, bebendo meu café devagar. — Mas... cadê ele?

— Deixou um bilhete pra você na mesinha. Eu acordei ele sem querer, bêbados não são muito silenciosos. — eu ri, não aguentei, e nem fingi minha exasperação quando corri até a mesinha sentando no sofá. Luci já estava atrás de mim.

"*Hey, baby.*

Tive que ir em casa por motivos de força maior, me liga assim que acordar para eu saber que ta bem, ok?

PS: diz para sua amiga que vou cobrar uma cirurgia do meu pé!"

Encaro Luci, que sei que leu, erguendo uma sobrancelha.

— O que você fez?

— Eu tava bêbada, acha que eu tava raciocinando?!

Rimos, juntas. Estou mais leve, melhor um pouco, mas a preocupação da noite anterior ainda bombardeia minha mente. Conto para Luci o que aconteceu, ela é muito curiosa. Minha amiga ouve tudo o que tenho a dizer, ficamos duas horas apenas batendo papo. Por fim, ela tem que ir ao banco realmente eu tenho o que arrumar para ir trabalhar.

Trabalhar...

Com que cara vou encarar meu chefe hoje?



Estou terminando de almoçar quando ligo meu telefone. Primeiro, olho as cinco mensagens que chegaram. Duas são de Tiago, preocupado porque tentou me ligar depois de ontem e não conseguiu. Expliquei que meu celular deu pane e ele respondeu em seguida que me amava e voltariam amanhã a noite.

Depois, vi mensagens de Fred. Ele está preocupado, da pra ver, tem até várias chamadas perdidas.

Porém, quando estou para responder, meu telefone toca.

— *Achei que tinha entrado em coma.* — é ele, sorrio, animada.

— Eu sou um urso, estava hibernando.

— *Olha quem está com o humor melhor. Fico muito feliz em saber disso.*

— Obrigada. — digo logo, antes que não consiga. — Você salvou minha sanidade ontem.

— *Que nada. Foi um prazer. Agora, já se arrumou?* — estranho a pergunta, mas não tenho tempo de responder. — *Estou chegando em cinco minutos para te buscar.*

— Me buscar? — me sinto uma adolescente apaixonada, porque estou transpirando.

— *Então, eu tenho que levar minha irmã no hospital para vermos como está meu sobrinho, e como eu não vou conseguir fazer nada direito preocupado com você, estou te convocando para ir conosco.*

Eu ouvi direito? Ainda estou processando tudo quando ele me chama do outro lado da linha.

— Eu... agradeço, mas já te dei trabalho demais para uma noite e...

— *Malu, relaxe, eu gosto da sua companhia e vai me fazer bem ter mais que a Léo infernizando meu dia.*

Ouço um xingamento, ele ri e fala algo que foi abafado pela ligação.

Ainda estou indecisa, mas...

Que mal faria?

Olho ao redor, a casa vazia e eu ainda com medo de tudo. Suspiro, até Dan voltar vai ser essa agonia.

Desencana, Malu. Você pode se dar uma chance de ser feliz, não pode? E quebrar a cara faz parte de viver, não se arriscar e fazer nada é apenas existir.

— Já to me arrumando.

Desligo e corro para o quarto de Luci. Pego uma saia preta e uma blusa de manga, que prendo por dentro da saia. As botas de sempre, uma maquiagem bem leve e minha bolsa. Ta mais que ótimo, mais que isso vai passar a impressão errada.

Ouço a buzina do lado de fora e respiro fundo.

Vai ser uma grande bosta, mas...

Que se dane.



Bring Me To Life toca enquanto o carro desliza pela rua chuvosa até a cidade. A irmã do Fred está ao seu lado, enquanto ele dirige, e me lança certos olhares... Inquisidores. Eu sei o que ela quer, quer saber se eu entreguei o maldito bilhete. Eu até tinha esquecido dele, sabia? E não vai ser agora que eu vou entregar.

— Fred, já pensou em fazer uniformes para suas funcionárias?

Olho minha roupa, tudo bem que Luci é indecente, mas isso é o mais arrumado que consegui com o que achei.

— Ué, e como eu ia continuar sendo o chefe preferido de todo mundo se começasse a ser tirânico que nem você?

Fred pisca para mim pelo espelho retrovisor e eu olho para o lado sentindo minhas bochechas queimarem. Eleanor não gostou nem um pouco.

Fico apenas encarando a estrada enquanto sussurro a música, absorta em

pensamentos. Até que meu telefone toca. É o Faria, mandei mensagem mais cedo dizendo que queria falar com ele urgente.

— *Senhora Carvalho, tudo bem?*

Sinto o olhar dos irmãos me queimando na frente, mas ignoro e me concentro no telefone.

— Sim, delegado. Eu só... Queria saber se tem notícias para mim.

— *Nenhuma concreta ainda, menina, infelizmente. Os laudos periciais estão chegando na minha mesa até amanhã e poderei te dar mais certeza.*

Não quero me alongar na ligação com os dois ali ouvindo.

— Tudo bem, eu só...

— *Aconteceu algo que eu deva saber?*

Penso se devo preocupá-lo com isso. Bom, a quem mais eu recorreria?

— Acho que vi ele ontem a noite... — Sussurro, me sinto uma criança. — Então estou bem preocupada.

— *Vou acionar a policia local e final de semana você volta para discutirmos isso melhor, ta bom? Aquilo não vai se repetir se depender de mim, menina.*

— Obrigada.

Ele desliga, isso não me deixa mais segura como achei que seria, mas pelo menos algo está sendo feito. Vejo o olhar de Fred, preocupado e curioso, mas apenas me limito a olhar pela janela.

Chegamos ao tal hospital mais rápido que supus que seria. Ele estaciona e eu espero, olhando admirada para o luxo do prédio. Eu precisaria de duas reencarnações para ser atendida por um lugar assim.

Fred sai e eu imito, olhando os dois.

— Vou na frente ver o que os médicos dizem.

Ele concorda e aguardamos um segundo. Fred me encara, está apenas esperando sua irmã se afastar o suficiente. Olho, seus olhos cristalinos tão belos a luz da manhã, mesmo que nublado. Ele está despojado, uma camisa com jeans escuros, sua habitual jaqueta também jeans um pouco úmida da chuva.

— E ai?

Dou de ombros, não sei o que falar. Ele me avalia a cada instante.

— Desculpa sair antes de você acordar, mas meu sobrinho sofreu um acidente e fui ver como minha irmã estava.

— Você não tinha a obrigação, então não tem porque se desculpar. — respondo séria.

— Mas eu sou um cara legal, e só fui também porque sua amiga chegou.

Eu sorri. — Não me cobre a cirurgia, ela que pague suas dívidas.

Ele sorriu de volta, parecendo mais aliviado por me ver brincar. — Vem, vem comigo ver se o pirralho ta bem.

Concordo, indo atrás dele. O hospital tem uma recepção impecável, tudo ali é branco e silencioso, mas o cheiro de lugares assim, sempre me deixam enjoada.

Fred e eu encontramos sua irmã falando com um médico, que explica o quadro geral da criança. Meu coração se aperta ao ouvir que ele foi atropelado. Ele vai ficar bem, pelo visto apresentou melhoras, mas nunca é legal saber dessas coisas.

O pai da criança chega, quase rola uma confusão, mas tudo se acalma com o médico brigando com todos. Eles vão se revezar para entrar e ver o menino, mas eu não vou, não seria justo tirar tempo de alguém.

Fico ao lado de Fred e seguro sua mão. O pai e a mãe vão juntos, só pode dois de cada vez. Ele está nervoso, posso sentir, embora mais aliviado por saber que o menino está se recuperando.

Quando os pais saem, eu o deixo ir sozinho, vai ser melhor para ele. Fico apenas esperando, sendo o apoio que ele foi para mim ontem.

— Ei, garota. Vem comigo.

Não tenho tempo de pensar antes da Eleanor me puxar para outro corredor. Seu toque em minha mão trás arrepios a minha pele, mas tento me segurar para o bem do humor do dia.

Em outro corredor, sou parada e ela me olha.

— Então? Entregou o bilhete a ele?

— Eu... — mentir ou não? Não, não vale a pena. — Não tive tempo ainda, aconteceram umas coisas e...

— Vem comigo.

Ela me leva de novo como se eu fosse uma boneca. Que droga. Fomos para outro andar do lugar e chegamos a uma ala fechada com dois seguranças de vigia, ninguém a impede e eu fico pensando o que merda ta acontecendo aqui.

De frente para um quarto com vidro escuro, vejo uma maca com alguém dormindo. Não consigo ver fisionomias nem nada, apenas... Alguém que não esta bem.

— Só o convença a vir aqui, por favor. Ele precisa ver o pai dele antes que tudo acabe, sei que precisa.

— E como eu faria isso? — não quero mais olhar para aquela sala.

— Ele gosta de você, então é a pessoa certa para isso.

Suspiro.

— Só tenta, ta bem? É minha última chance de fazê-los se acertarem, mesmo que sem palavras.

Não entendo o que ela quer dizer com aquilo, mas quem sou eu para reclamar? Vejo-a entrar no quarto e saio andando. Aquilo não é da minha conta, mas por que tudo está pesando em meu coração?



18.

Frederick

O pequeno está mal, mas se o médico disse que há melhoras, vou acreditar nele. Beijo sua testa e saio andando, não há o que dizer, apenas rezar.

Do lado de fora, não encontro Malu nem minha irmã. Pergunto a David que me ignora e vou para a recepção. Sinto alívio quando a vejo nos bancos da entrada, pensativa, com os fones de ouvido. Ando até lá, sentando-me ao seu lado e olho sua palma. Está nervosa.

— Tudo bem?

Ela me olha e seus olhos parecem confusos e distantes, como se pensasse em tudo ao mesmo tempo. Ela encara o corredor ao fundo e depois a mim, balança a cabeça e sorri, mesmo que melancólica.

— Tudo.

— Vamos sair daqui? Léo pode cuidar de tudo agora.

Concordando, saímos de lá para meu carro. Sentada agora onde me parece seu lugar, suspiro após sentar-me no banco do motorista.

Para onde vamos? Malu acaba externando minha dúvida, perguntando exatamente a mesma coisa.

— Que ir para casa ou dar um passeio rápido?

Um brilho malicioso passa em seus olhos.

— Não sei, vai me levar na praia e me agarrar de novo?

Que cretina! Sorrio largamente, recostando no banco mais aconchegado.

— Não precisa ser na praia, tem um motel ali na frente bem luxuoso.

Malu ri, entrando na brincadeira, deixando-me mais aliviado.

— Para onde quiser, *patrão.*

Rindo, ligo o motor e saio pelo estacionamento, conhecendo o lugar perfeito para levá-la agora que a chuva deu uma trégua.



Paramos na rua pouco cheia já pelo horário. Malu está olhando tudo confusa, não conhece nada aqui. Será que ela já andou pelo Rio de Janeiro sozinha? Passeou? Coisa que me deixa curioso, pois vou adorar ser o primeiro a mostrá-la tudo.

Levo-a pela rua, sabendo onde estamos. Pelo horário, pouca gente está aqui e também, pelo dia da semana.

— Pronta para conhecer meu esconderijo secreto do mundo?

— Tenho até medo!

Ela ri, estamos perto da praia vermelha. A Urca me faz relaxar, mas aqui... É diferente.

Muitos gostam de chegar ao morro da Urca pelo bondinho, mas eu conheço meios alternativos para isso, e de graça. Porque quando se vai todo dia fica difícil pagar, ainda mais quando se é adolescente fugindo do pai. O que era meu caso na época. Porém, eu nem chegava a subir lá em cima

sempre, eu gosto mesmo é do refúgio.

Malu segue comigo para a Pista Claudio Coutinho, subimos a estradinha antiga por alguns minutos, ela olha tudo admirada e bem animada. A música até foi esquecida um pouco, olha que milagre. Há muita natureza aqui, e também placas com informações geológicas que Malu lê algumas. É um caminho gostoso de se fazer, acho que fará bem a ela tanto quanto sempre me faz. Depois de uma subida de fazer suar um pouco, chegamos a Trilha do Morro da Urca, uma subida mais íngreme com degraus de madeira que recebem manutenções frequentes. Malu estava cansada, não a culpo, mas a partir daqui não demora tanto.

Subimos por dez minutos até virarmos em uma trilha a direita, que dava em um espaço aberto com folhas no chão, vegetação baixa e duas árvores de troncos finos. Dois bancos estão alocados próximos, um monumento de pedra empilhada que não sei até hoje qual o significado.

Malu encara tudo muito admirada.

— Bem vinda ao meu cantinho secreto.

Ela sorri, estendo a mão e sinto-a segurar minha palma suada. Acho que estou mais nervoso que ela agora. Pudera...

É a primeira vez que volto aqui em anos.

Andamos até os bancos e Malu senta em um deles, olhando ao redor. Fico de pé mesmo, nostálgico

— É lindo. — ela fala, por fim, me deixando com um sorriso bobo.

— Sei que sou, obrigada.

Ganho sua língua em resposta, sorrio e sento no banco de frente a ela. Tinha espaço do seu lado, mas não quero parecer inconveniente.

— Do que você fugia quando vinha para cá? — ela me pergunta.

Olho com certo... Não sei. Não sinto a necessidade de esconder nada dela, mas meus demônios não estão tão aflorados quanto os seus.

— De tudo. — acabo respondendo, por fim, encostando-me no ferro antigo. — Do mundo inteiro que me sufocava todos os dias.

— Eu tinha um lugar assim também, só não encontrei outro que se assemelhasse onde moro agora.

— É bom termos nosso cantinho do isolamento, onde podemos colocar a cabeça em ordem e os sentimentos para fora.

Ela concorda e ficamos em silêncio um tempo. Suspiro.

— Qual sua música favorita? — ela pergunta.

— *Otherside.* — respondo.

— Red? — confirmo. — Sua cara.

— Por quê? — isso me deixa curioso.

— Não sei, só... combina.

Sorrio, não responde exatamente, mas... Não importa. Não precisa. O assunto morre, porque tudo o que queremos falar nos falta coragem e palavras. Tudo o que eu quero falar, perguntar...

A questão principal me vem a mente. Olho Malu ao fundo, cabeça baixa encarando as unhas, como se notasse cada defeito pequeno do qual não me importo. Abro a boca...

"*Você é a moça de anos atrás*?"

Mas... Por que as palavras me escapam?

Um trovão soa no céu, quando olho para o alto, uma maldita chuva começa a cair, forte. Muito forte.

Levanto rápido e chamo ela, que me segue e corremos até uma grande árvore com a copa alta e larga, que tapa grande parte da chuva. Mesmo assim, até chegar lá nos molhamos bastante.

Parados debaixo da árvore, nos encaramos. A chuva cai torrencial do céu, com trovões e relâmpagos fortes. Malu se encolhe, não de frio, mas nervoso. Até eu ficaria se não soubesse que é uma pancada passageira. Sinto-me um adolescente do tempo de escola.

— Ok, não foi o melhor dia para o passeio.

— A culpa foi nossa, essa chuva está prometida desde ontem. — ela ri, arrumando os cabelos agora molhados.

— Acho que a culpa é minha então.

Rimos. Confiro o celular e olho a hora.

— Se a chuva não passar em trinta minutos, pelas minhas contas, a Betsy vai bater na gente.

— A culpa é sua mesmo! — ela diz, um sorrisinho cretino.

— É assim agora? — finjo ofensa — Se eu falar para ela que você me seduziu ela vai acreditar.

Malu coloca as mãos na cintura, fingindo brigar comigo.

— Não se finja de inocente, mocinho, todo mundo sabe que o sedutor aqui é você e eu sou apenas uma moça inocente fisgada por esses olhinhos bonitos.

Sabe quando você planeja falar algo super legal, mas só é legal na sua cabeça e você só percebe o quão vergonhoso é depois de falar, mas já é tarde demais? Essa foi a expressão de Malu agora, que cora e olha para o lado. Dou

um passo a frente.

— Eu fisguei a moça inocente, foi? — brinco, porém tem muita seriedade em minha voz. Seu olhar recua uma vez, mas um segundo de pensamento depois e ela me encara convicta.

— Só to esperando para saber o que você vai fazer com isso.

Meu sorriso é selvagem, em seguida, mais um passo, depois outro. Ela está contra a árvore, mas não acuada, apenas... Esperando. O que está esperando?

Malu me encara sob aqueles cílios longos e belos, olhos tão verdes, tão expressivos e a boca entreaberta, antecipando o que vem a seguir.

Desejando.

Beijo-a com delicadeza, testando, apenas... Saboreando as bordas dos meus limites. Malu puxa minha camisa, colando meu corpo ao seu, pressionando-a contra o tronco atrás. Sinto seu calor sob a roupa, jogo meu joelho entre suas pernas, apenas para colar meu corpo mais forte ao seu, como um só.

O beijo se torna voraz, impulsivo, como amantes as escondidas da multidão.

Aliás, não é o que somos?

Levo uma mão ao seu cabelo, dedos entre os fios negros e sedosos, puxando sua boca mais para a minha. Nossas línguas dançam, saboreando toda a extensão do meu desejo.

Eu a quero mais que tudo, tenho mais certeza agora.

Mais certeza do que nunca.

Não interessa quem a Malu foi. O que ela é agora deixa-me louco, sem ar, sem chão.

Um gemido escapa de seus lábios sufocados, dando-me um tesão incontrolável. Seguro-a pelas coxas e ergo seu corpo, ainda pressionado contra o tronco, trazendo-a mais para cima, mais para mim. Malu prende as pernas em minha cintura, segurando em meu pescoço, as mãos em meus cabelos.

Nos encaramos. Desejo puro em sua expressão ofegante. Há uma pergunta em meu olhar... O quanto eu posso ir? Só quero senti-la... Beijá-la... Tocá-la...

Uma de suas mãos alisam meu rosto, um dedo em meus lábios, contornando, admirando. Me sinto o cara mais... Sortudo dessa história. Sua atenção, foco e desejo todos em mim.

— O que você quer, Malu?

Seu sorriso responde melhor que palavras, mas como quem quer provar algo, sinto sua cintura se mover, esfregando-a em mim. Eu já estava duro, mas droga... Isso me deixa mais louco que nunca.

Entretanto...

— Ei, vocês!

Que porra!

Olhamos para trás, um vigia está com capa de chuva e uma lanterna apontada para nós, um guarda chuva na outra mão. De novo? O mundo nunca foi tão empata foda comigo.

— Oi? — digo, sem saber o que realmente falar em uma situação assim. Malu está rindo, o rosto se esconde em meu pescoço. Ainda bem que ainda usamos roupas.

— Vocês não podem...

— Estamos saindo, eu prometo!

— Tomem!

Ele estende o guarda chuva, que cara bacana... Que nada, está se certificando que vamos nos largar. Desço Malu e pego, esperando ele sair todo sem graça. Olho para ela que está mais vermelha que um tomate.

— O mundo não gosta de mim, não é? — pergunto. Ela da de ombros, não conseguindo responder nada. Meu telefone toca, sei quem é. Estendo a mão para ela e sorrio. — Temos todo tempo do mundo se assim você quiser.

— Eu quero.

Eu não esperava a resposta, mas ela veio com um calorzinho no estômago.

Dane-se o tempo que levou para isso, estou apaixonado por essa garota.



Quando chegamos no bar, ele esta cheio, mais cheio que o normal.

Claro, amanhã é feriado, então várias pessoas estão aproveitando o fim de noite para beber e dormir bastante depois.

O caminho até aqui foi rápido, mesmo na chuva, que agora não passa de uma garoa. Nós decidimos por assuntos mais banais, nada pessoal, mesmo que fosse tudo que queríamos. Temos tempo, não?

Pego meu lugar no balcão recebendo olhares suspeitos dos gêmeos. Cretinos. Manu nem esperou que Fred saísse muito de perto e veio correndo fofocar, eu não sabia que éramos tão amigas, mas ela parecia gostar de mim. Eu ri com isso, ela quer saber sobre meu passeio com nosso chefe, os dois. A fofoca chega rápido aqui, hein? Falei por alto que fomos no Rio, à trabalho, ela não acreditou, eu não acreditaria. Quando Betsy passou por mim, piscou confidente como se fôssemos adolescentes levados aprontando na escola. Gargalhei, não aguentei. Eu estava feliz de alguma forma.

Fred ficou na área vip um tempo, depois ficou comigo, conversando baboseiras e logo estávamos rindo e brincando com todos. Foi divertido, há tempos não me sinto assim. Nem vi o tempo passar.

— Ah, vá, se a Malu for a nova chefe eu vou amar. Ela é super atenciosa com a gente. — ouvi Marlan falando com o irmão, achando que eu não ouvia.

— Será que ela me apresenta ao amigo gato do outro dia? — Gabriel responde.

— Ele tava acompanhado! — Manu arregala os olhos. Eles pareciam bem amigos.

— Parecia recente — ele dá de ombros — Posso ter esperança.

Eu fiquei rindo, sem me meter, apenas admirando de longe os três.

Quando fechamos, estava caindo uma chuva forte lá fora. Luci me ligou e perguntou se eu ia para casa dela, estava com alguém lá. Droga, não da mais para atrapalhar sua rotina, não é?

Eu digo que vou passar para buscar minhas coisas, mas dormiria na minha própria. Nem ia olhar o quarto. Ela se sentiu culpada, mas não deveria. Está na hora de deixar de ser um fardo. Bom, é o plano.

Quando saio pelos fundos, os gêmeos se despedem de longe, sorrindo, Manu corre para alcançá-los, Betsy sai de carro *"Aproveita a noite"* ela grita de longe de maneira confidente. Sacana! Eu fui andando para a rua quando vejo Fred trancando a entrada, ele me olha, estamos ficando molhados. Ok, isso vai acabar...

— Espera aí que te levo! — grita de lá. Bateu no cadeado para conferir e veio correndo. — Vem! — ele joga a jaqueta por cima de mim e fomos para

o carro dele. Lá, entro primeiro e o estofado de couro me aquece, ele se joga do lado e balança a cabeça espalhando água. — Que merda! Tô ensopado. — eu ri, olhando-o todo sexy molhado da chuva. Pensei em várias coisas que não devia, mas guardei para mim.

— Não vou direto pra casa. Vou pegar minhas coisas na Luci e depois vou.

— Tá bom.

Ele sai com o carro e liga o rádio, tem um CD do *Red Hot* que começa a tocar a faixa. *Otherside* é a primeira que toca a partir do que ele já ouvia, claro. Seguimos rápido, de carro não demora, deixei-o esperando enquanto entro na casa atrás de minhas coisas. Não preciso entrar para ouvir os gemidos de Luci do lado de dentro, meu deus, ela é escandalosa. Só que não está errada, tem mais é que aproveitar. Entro de fininho, vejo a bagunça dos dois pelo primeiro cômodo, estavam no quarto. Começo a pegar minhas coisas agradecendo mentalmente por não ter deixado nada no quarto dela, recolho tudo em uma mochila e jogo nas costas, paro para beber água atrás da bancada da cozinha. Vejo que há um cigarro no balcão do lado da pia, era um daqueles antigos de embalagem preta e muito forte. Eu... Trouxe-me lembranças ruins, odiava quem fumava aquilo antes. Encaro a porta de onde Luci se esbalda em prazer, pensei em espiar e ver quem estava com ela, mas não consegui, não era certo. Amanhã descubro isso.

Saio correndo pela chuva e entro no carro me aninhando no estofado. Fred ria de mim, toda tremendo de frio.

— Vamos logo! Quero chegar em casa e tomar banho. — digo rápido. Ele sai com o carro acelerando e corremos pela rua cheia d'água. Viradas a frente e entramos na minha rua, tudo esta deserto, como já imaginava. Ele para em frente a entrada da vila dos kitnets, como Dan chama, e olha tudo lá dentro, esta mais escuro que o normal.

— Certeza que não quer ir lá para casa? — diz com um sorriso safado que me fez rir.

— Você precisa dormir e eu também, o universo não está ao nosso favor, então vamos ouvir? Tenho muito que arrumar lá dentro. — dou um beijo em sua bochecha, que respeitou e me deixou sair. Corro como uma doida atravessando o portão, nem olho se ele já foi. Paro na porta de casa e pego as chaves, entro e ligo o clique da luz.

Ótimo! Não tem energia! Olho ao redor meio assustada, ainda está tudo bagunçado e com algumas faixas de limitação dos policiais. Pego o celular e

caço no meu bloco de notas, eu paguei a conta de luz? Reviso até o final. Não, eu não paguei a conta de luz, nem de água e nem do telefone. Claro! Idiota! O que eu faço agora?

Bufo, olho para trás. Não consigo conter o sorriso ao notar que o carro ainda está lá com o farol aceso. Ele deve estar indeciso entre fazer algo ou ir embora. O que eu tenho a perder?

O que eu tenho a perder?

Por que não me permito aproveitar, uma noite que seja, ao lado de um cara bacana? Eu posso fazer isso, pelo menos uma vez, depois desses cinco anos todos, não? Sim, eu posso. Fecho a porta, tranco e saio correndo de novo como uma louca. Ele já ia acelerar o carro quando bato na porta do vidro, vejo seu olhar curioso lá dentro, dou a volta e entro no carona.

— Você acredita? Cortaram minha luz!

— Não paga da nisso. — ele brinca.

— Pior que esqueci mesmo. Com essa confusão toda.

— Amanhã vemos isso, então. Desconto do seu salário.

— Achei que ia ser que nem naqueles filmes de romance que o cara tenta pagar tudo para a garota. — brinco, ligando o rádio eu mesma.

— Não te contei que não sou um príncipe encantado? — ele sorri e eu acho maravilhoso. Ainda bem que ele não era, príncipes geralmente são chatos.



19.

Malu

A frente da casa dele é enorme e com um quintal bem amplo. Ele entra na garagem do lado, o carro pingando no chão limpo. Saímos e entramos pela lateral até chegar a porta, que ele destranca e passa a frente. A sala é grande com passagem para a cozinha e um corredor que da até os quartos, dois sofás arredondados rodeavam uma estante com tv e dvd, aparelhos de vídeo e vários enfeites de jogos e séries. Alguns móveis decoram ao redor e poucos quadros enfeitam a parede. Fico na entrada, tiramos o sapato e ele pega levando para a cozinha. Espero que nem uma boba sem saber para onde ir. Quando ele volta já está sem camisa e descalço. Acho que meu queixo caiu um pouco por causa do riso que ele deu, mas não dava para não ficar admirando. Os músculos de aço em um peitoral musculoso e definido todo ensopado daquela forma, me fez imaginar coisas. Ele para na porta, me

olhando como se eu tivesse fazendo alguma coisa errada.

— Não vai entrar?

— Vou... Eu... — olho ao redor de novo. — Posso tomar um banho?

Eu já estou ensopada, mas estou morrendo de frio.

— Vem. — ele chama. O corredor da em um espaço redondo que leva a dois quartos e um banheiro. Ele indica qual porta é a correta, indo buscar toalhas e alguma roupa que não tivesse encharcada.

Ok, definitivamente eu estou nervosa. O lugar é grande com uma banheira e espelho enorme. Pego sabonetes no armário e ligo o chuveiro, não ia me aproveitar tanto assim, então me lavei rápido limpando o cabelo e me aquecendo. Ouço a porta abrindo e ele deixa um roupão e toalha. Ri, pensando na reação dele lá fora, estou curiosa a seu respeito, mas não sei se posso me meter muito.

Quando acabo, me seco, me enrolo no roupão sentindo aquele toque quente e fofo do tecido branco. Seco o cabelo e penteio com os dedos, me olhando no espelho. Pelo menos estou limpa. Saio, olho pelo corredor, a porta do quarto dele — imagino eu — ficou aberta e ouço sons de chuveiro ligado lá de dentro. Claro que ele tem banheiro no próprio quarto. Esse lugar é grande.

Fico curiosa e vou para a sala xeretar. Olho os quadros na parede, são dele com amigos em viagens de trilhas e aventuras, Betsy está em uma delas. Os enfeites na sala são em geral de jogos de vídeo game, aliás, tem dois consoles ali desligados na tomada. A cozinha é grande e tem pouca coisa, penso em fazer um café para gente se aquecer, mas não sei se ele gostaria, então espero. Numa porta para os fundos, vejo que lá atrás há uma grande área com piscina, mas não posso ir para lá por conta da chuva. Volto e sento no sofá, o barulho do chuveiro continua sendo a única música do ambiente. Só que... Como se ele, de novo, adivinhasse meus pensamentos, eu começo a ouvir uma música vinda de seu quarto.

Era a maldita música que falei, sem querer, que era a música dele.

Far Away.

A melodia vem reconfortante. Eu sinto como se a voz do Chad Kroeger pudesse limpar minha alma de toda dor, como se naquela noite, com ele ali, eu pudesse me sentir livre por pelo menos algumas horas.

Ouço seus passos se aproximando, quando olho, vejo-o chegar na sala com uma garrafa de vinho e duas taças. Eu ri, pensei em uma piada boba, mas não quero falar nada.

— Ganhei ano passado de um amigo, mas não tive com quem dividir. Não até agora.

Eu ainda sorrio como uma boba quando pego a taça e deixo encher um pouco. Está usando apenas uma calça moletom e nada mais, o cabelo molhado, alguns pingos do banho que ainda escorrem por sua pele. Eu já estou tendo pensamentos pecaminosos só com o que vejo, e ele não ajuda nada daquela forma.

— Obrigada. — acabo dizendo, ele pisca para mim daquele jeito que me derrete. Suspiro. Bebo um gole, é meio amargo e descia com um calor absurdo, ou talvez fosse eu que estivesse excitada. — Sua casa é bonita. — me obrigo a falar algo.

— Foi dos meus pais quando se casaram, até que se mudaram para a cidade quando ele aceitou um cargo em uma empresa. — sentando do meu lado, ele enche a própria taça bebendo um gole e deixando a garrafa na mesinha de centro, continua. — Não consegui deixar meu pai vender depois que a mãe faleceu.

— Sinto muito. — acabo sussurrando. Não ter família já dói, imagina a dor que era ter tido alguém e depois perder. Não sei como me sentiria.

— Relaxa, já faz uns anos. — ele bebe outro gole. — E você?

— Morei em Petrópolis a vida toda até vir para cá, num orfanato católico. — encosto a cabeça no sofá, me deixando lembrar vagamente do lugar, das crianças, da dificuldade e as cuidadoras que tinham paciência total conosco. — Vim para cá depois que Dan nasceu para tentar recomeçar. Fugir dos problemas.

— Criou ele bem. É um garoto incrível.

— Faço o que posso. — bebo de novo, estou com saudades já. — E o que motivou a virar dono de bar? — brinco, o olhando de lado, a conversa vem fluindo mais leve aos poucos, conforme a companhia é mais confortável.

— Não sei, sempre gostei de ver a alegria das pessoas, e um espaço caprichoso e aconchegante onde você pode se reunir com amigos, sempre foi meu favorito, queria criar algo assim. — a voz dele é embargada de emoção. — Então, quando a oportunidade surgiu, chamei minha administradora preferida e consegui criar algo. — ele bebe mais um gole, pensando, eu não tinha muito o que falar. — Qual seu sonho? O que quer ser além daquele balcão?

Penso bastante, não é algo que eu fique planejando. Não sei ao certo e isso me pega desprevenida.

— Eu... Não sei, não penso sobre isso. Adoro arte, gostaria de aprender a pintar, criar, imaginar. Adoro música, mas... O que me fascina mesmo é artesanato, criar coisas do zero que dão um conforto gostoso a nossa vida. Porém... Nada disso é possível quando se cria um filho, sozinha, e tem um emprego recente. Só gosto de ter meu pé no chão.

— Você não pode fugir dos seus sonhos para sempre, ou não terá valido a pena viver.

— Ver meu filho crescer e ter um futuro é o suficiente para mim, por enquanto, quando isso acabar ainda farei o curso que quero, mas... Amo ele e tudo que importa é sua felicidade.

— E eu sei que ele te ama a ponto de querer o mesmo para você. Até tentou te arrumar um namorado... — joga no ar e gargalho. Era verdade, aquele pequeno ser maquiavélico.

Um silêncio de alguns segundos fica entre nós dois quando eu não tinha mais o que falar. Só que, olhando mais atenta para a estante onde havia uma coleção de CD'S empilhados, eu vi o meu favorito original exposto.

— AI MEU DEUS! Você tem a coleção especial do Guns?!

Levanto num salto para chegar perto e olhar. Não tive coragem de tocar, mas paro de frente para a estante olhando para cada CD ali. *Nickelback*, *Guns*, *Red Hot*, *Beatles*... E vários outros que nem consigo listar. Sua risada me atinge mais perto do que imaginava, ele está do meu lado olhando os CDs comigo. Pega o que falei primeiro e estende para mim.

— Presente.

— O que? Não, claro que não. Isso é caro demais! — estou meio nervosa.

— Com certeza vai aproveitar melhor que eu.

— Não, eu...

— Para de graça, vai! Só aceita e não discute. — ele ri de novo, olhando o cd na sua mão, sinto o meu coração acelerar mais ainda. Pegando, olho e penso duas vezes no que estou prestes a fazer. Quer saber? Que se dane o depois. Só sei o que quero agora.

Avanço sobre ele encontrando seus lábios em um impulso forte, a reação é imediata, já estou em seus braços contra seu peito quente sentindo todo o prazer de seu corpo no meu. Sua língua invade minha boca tão voraz que perco o fôlego e me agarro ao seu pescoço, suas mãos estão nas minhas costas, percorrem toda a minha espinha me dando arrepios imensos. Não sei mais se aguento esperar!

— Malu... — ele ofega nos meus lábios. Seu tom é um claro pedido de permissão, mas ele não sabia? Eu já estou entregue desde o primeiro dia que entrei naquele bar.

— Eu quero. Eu quero você... Que se dane o mundo — digo, mais ofegante ainda.

Todo o controle que ele tentava ter, se perde quando me ouve falar, sua língua me invade de novo, não respiro mais, não preciso. Suas mãos agora acariciam meu corpo, explorando cada centímetro das minhas costas, uma delas encontra minha bunda apertando firme enquanto a outra sobe uma de minhas pernas até sua cintura. Pulo em seu colo num salto me agarrando a sua cintura, de novo, que me leva até o sofá deitando-me de costas no estofado. Seus beijos se tornam mais vorazes, quentes, fortes. Sua boca deixa a minha, beijando meu pescoço, mordendo e me dando dor e prazer. Quente e malditamente maravilhoso.

— Última chance de desistir, amor... — seu tom é de brincadeira, nem tenho chance de responder quando ele puxa o roupão para os lados, deixando-me exposta. Seus lábios encontram meus mamilos duros e chupam tão forte que não aguento, gemendo. Sua língua rodeia minha pele tão firme, mordendo a ponta, me fazendo inclinar para cima buscando mais e mais.

Uma de suas mãos descem até minhas nádegas, apertando-a, estou com as minhas mãos em suas costas enterrando as unhas tão forte que ele geme como alucinado. Seus dedos apertam minha bunda de novo, subindo e encontrando o ponto certo lá embaixo, ele brinca comigo me deixando louca! Seu dedo circula meu clitóris, o polegar massageando e instigando, já estou encharcada e no delírio do prazer.

— Não é hora de brincar! — acabo falando. Maldito, maldito! Eu sinto seu sorriso contra meus seios, uma risada lhe escapa. Então, ele desce e beija minha vagina chupando com força e enterra dois dedos dentro de mim.

Meus gemidos não são mais abafados pelo som da chuva. Meus olhos se fecham com meu corpo inclinando e esticando, seus dedos se movem selvagens dentro de mim, sua língua circulando e chupando meu clitóris tão intenso que me derramo de prazer, gritando seu nome.

Já estou tremendo quando ele volta para cima de mim, seus olhos encontram o meu e só vejo o mais puro desejo ali. Sorrio, não tem nada que queria mais que ele, ali, enterrado em mim, mas vejo a preocupação em sua face. Ele me conhece, sabe como me sinto, sabe o quão fechada sou para o mundo.

— Você é linda, maravilhosa, viciante... — sussurra contra meu ouvido. Não aguento, uma risada me escapa. Vejo a confusão em seus olhos quando o empurro para cima e saio do sofá, mas logo ele está sorrindo quando entende o que quero.

De pé, de frente para ele, deixo o roupão escapar de meu corpo até o chão, não restando nada em mim. Jogo meus cabelos rebeldes para trás, ele se ajeita sentado no sofá, mas antes que possa me puxar estou inclinando para baixo e prendendo-o ali. Eu me ajoelho a sua frente, beijo seus lábios sentindo meu gosto doce em sua boca e deixo-o apertar com força meus seios. Minhas mãos percorrem suas coxas tão forte quanto posso, músculos de aço contra minha mão delicada, deliciosos e quentes. Subo até sua cintura e puxo sua calça para baixo, ele se ergue um pouco eu tiro tudo para longe. Sua ereção pula até mim, tão duro e quente que sinto sem tocar.

— Não é o único que sabe brincar. — solto, ele ri, está admirado me olhando. Seguro seu pênis com força, massageando para cima e para baixo, ouço seu gemido, levo a boca circulando a língua na ponta, instigando, provocando, molhando. Ele xinga e eu levo fundo até a garganta chupando num vai e vem contínuo. Sinto antes de ouvir seu gemido que percorre por minha espinha, seguro suas bolas massageando, enquanto chupo indo mais rápido, forte e fundo, usando a língua para provocar. Seu membro incha mais, excitado e pulsando, enlouquecido de prazer. Sem que eu perceba, ele puxa meu cabelo para trás e me beija, inclina meu corpo para frente me empurrando um pouco. Sou jogada contra a mesinha no centro, o vinho vai ao chão, eu gargalho. De quatro, apoiada na mesa de vidro, sinto sua mão prender meu cabelo de novo.

Eu grito quando ele se enterra fundo dentro de mim.

CARALHO!

Estou nas nuvens, delirando de prazer, seus movimentos rápidos e fortes enterrando estocadas firmes, puxando meu cabelo. A mesa treme sob mim, meus gemidos estão em sincronia com o som da chuva, meus seios balançando e batendo contra o vidro frio.

Sinto-o ir fundo, doloroso, prazeroso, enlouquecedor. Estou gemendo tanto que o bairro dever estar ouvindo, eu não me importo, eu quero mais.

Mais, mais, mais.

— Fred! — estou gemendo tanto seu nome que já estou rouca. Aperto os dedos do pé, o calor vem subindo em mim, ele acelera, está sentindo tanto quanto eu. Sinto uma onda de prazer irradiar por meu corpo! — Fred! — seu

orgasmo se derrama sobre o meu quando chegamos ao clímax juntos. Tremo toda, deliciada e cheia de espasmos com seu corpo se inclinando e abraçando o meu. Repiro fundo por alguns segundos.

Estou mais do que saciada, tremendo e ofegante. Não havia sentido tanto prazer quanto este em toda minha vida, ele é voraz e gostoso, quero apenas me deliciar em cada centímetro de seu corpo.

Ofegante, me levanto, encosto as costas em seu corpo. Suas mãos circulam meus seios, seus lábios beijam meu pescoço.

— Acho que vai soar clichê se eu falar que te amo... — ele sussurra. Eu ri, ele me puxa para o sofá nos deitando, viro de frente para ele abraçando seu peito. Seu corpo quente encostado no meu, me aquece.

— Às vezes um pequeno clichê deixa nosso dia mais alegre. — digo, meio sem graça, meu rosto escondido em seu pescoço.

— Ah, é? — ele brinca, seus dedos nas minhas costas acariciando muito de leve. — E o que mais vai deixar seu dia alegre?

— Não ter que limpar a sujeira que fiz no seu tapete... — sussurro em seu ouvido, ele gargalha. O vinho está todo derramado pelo tapete e pelo chão.

— Isso eu posso fazer. — ouço-o falar ainda rindo.

— Acho que... — mordo o lábio inferior pensando se falo ou não. Ele me aperta em seus braços dando a coragem que necessito. — Só de estar aqui com você fico feliz.

— Posso dizer que é recíproco. — ele diz. Dou um gritinho quando ele se levanta me puxando em seu colo, levando-nos para o quarto. — Não vou dormir no sofá. — ele balbucia no caminho, estou rindo quando nos deita na cama de seu quarto enorme. Os lençóis de seda são bem vindos em minha pele, deixando-me esparramar sobre a cama. Ele puxa a coberta para cima de nós dois, deita por cima de mim e me olha bem sério.

— Obrigada. — digo sincera, sentindo um aperto bom no coração.

Ele gargalha.

— A gratidão é toda minha.

Quando vi já estava beijando-o de novo, de novo, de novo, e de novo...



20.

Malu

"Eu não sei como cheguei aqui, mas abro os olhos e estou naquela casa de novo. Estou na cama, ferida, não me aguento em pé. A noite foi uma tortura e não sei se aguento levantar, mas preciso, estou destruída, mas ele pode destruir mais e mais se eu não fizer o que quer. E ele quer que eu aja como uma puta maldita dona de casa. Ele está dormindo, o cigarro está na mesinha do lado da cama, eu preciso levantar antes que acorde. Me esforço, estou de pé, mas dois passos são tudo o dou antes de cair no chão, desolada. Até tentei me segurar na mesinha, mas acabo derrubando um copo de vidro que se parte e corta meu dedo. Não grito, porém, é o suficiente para acordá-lo e sentar me olhando, encarando-me nua naquele chão frio. Tudo o que posso fazer é me encolher, já que não tenho salvação, ou escapatória. Ele se levanta e da a volta na cama, levando o maldito cigarro e se senta onde eu

estava deitada antes, acendendo com um isqueiro velho e cromado.

— O que pensa que está fazendo? — sua voz me dá nojo, tudo nele me dá nojo, como pude ser idiota e não fugi ainda? Claro, não posso, não tenho para onde ir.

— Eu ia no banheiro... — acabo falando — Não vou demorar, a não ser que queria que eu mije na cama. — ralho, bufando, droga. Por que falei isso? Só sinto quando a mão dele golpeia meu ouvido fazendo-me cair estatelada no chão, de novo, não tenho nem forças para gritar. Maldito seja!

— Porra, garota, quem olha assim até pensa que gosto disso, mas você é uma puta muito desobediente!

— Mas que droga, Érico! — solto num gemido, as lágrimas já não existem, não tenho mais forças para chorar.

— Eu devia ter deixado você com aquelas vadias da igreja e continuado a foder você no jardim, mas não! Tinha que fugir e vir atrás de mim, então agora aguenta.

Ele me vira de frente, ainda deitada no chão, o cigarro na boca e aqueles olhos ensandecidos no meu corpo.

— Por favor, para... Eu só ia no banheiro...

— Isso, agora sim. Adoro essa voz manhosa. — seu sorriso me dá náuseas e quase vomito, mas não há nada no meu estômago para sair. — Vem cá, vem cá. — o filho da puta tira o cigarro da boca e leva ao meu pescoço esmagando as cinzas ali. Sinto tudo queimar, grito, mas ele não solta, gira e torce até tudo estar apagado. — Vai ficar uma marca, tá bom? Aí você lembra dela sempre que pensar em me desobedecer de novo.

— Eu não fiz nada, porra! — eu não aguento mais, que me mate logo! Mas seus planos nunca envolvem se livrar de mim, maldito seja! Em dois movimentos e ele já está duro dentro de mim, fazendo-me gritar de novo.

— Cala a porra da boca, Luiza. É o mínimo que pode fazer depois de eu te acolher quando ninguém mais te quis.

Minha garganta racha de tanto gritar, mas eu não tenho para onde ir, o que fazer, como escapar.

Eu só quero morrer"

Frederick

O grito dela me acorda em um susto, sento na cama e olho tudo ao redor, seu corpo se debate assustado e desesperado, mas ainda dorme em um pesadelo horripilante. Segurando seus braços acima da cabeça com uma mão, com a outra puxo seu rosto para mim

— Malu, Malu! — chamo, mas ela não acorda.

Tento sacudir, ela acorda, mas não por meu chamado e sim pelo segundo grito que dá. Sentada, angustiada e com medo, ela me abraça chorando. Céus! O que aconteceu? Não sei como reagir, só a abraço e aperto forte em meu peito. Suas mãos me seguram firme, minhas costas arranham, mas não me importo. Só quero poder tirar aquele medo e o pânico de seu peito.

Seu corpo relaxa de novo, os soluços passam, e mais uma vez ela está dormindo. Deito-a na cama e fico do lado, suspiro, que horas são? Já é de manhã e o sol nasceu lá fora. Ouço barulhos na cozinha, deve ser Dona Carmen que chegou fazendo o café da manhã.

Malu se ajeita e aninha no meu colo, abraçando-me, o rosto em meu peito, ainda tem medo naquela face tão linda, mas eu sinto-a mais confortável comigo. Olho seu corpo pequeno, apertando-a ali e fico apenas acariciando seu cabelo.

Suas costas possuem cicatrizes, duas na horizontal e uma vertical, parecem cortes de faca que deixaram marcas profundas. Eu já havia visto uma de queimadura na coxa e outra estranha no seu pescoço. Céus, o que ela passou?

Meu celular toca, pego sem me mexer muito e vejo o número da Betsy.

— Oi?

— Ainda vamos comprar mais bebidas hoje? — ela fala sem muito cumprimento. Tinha esquecido disso.

— Tá, vamos. Que horas?

— Não sei, mas só vou poder ir se a Malu puder substituir a amiga dela agora de tarde. Não confio na outra menina nova sozinha, então vê com ela aí.

— Não vou nem perguntar como sabe disso. — ri, beijando a testa da pequena nos meus braços.

— Ah, Frederick! Quem te conhece está vendendo! — ri de novo — Você está radiante e ela também, só sejam felizes logo.

— Tá, chega. — ela se mexe, acordando. — Vou falar com ela e mando mensagem.

Desligo depois de sua gargalhada. Vou ter que aturar as piadinhas pela semana toda. Malu me olha meio desorientada ainda, está assimilando os últimos eventos. Com um sorriso, beijo sua boca bem de leve saboreando aqueles lábios macios.

— Bom dia.

— Oi... — ela me aperta mais. — Desculpa.

— O que? — questiono.

— Eu dei a louca agora a pouco. Não foi por mal. — sinto-a se encolher, droga, não a quero assim, recuando. Ela não pode se culpar por ter tido um pesadelo.

— Ei, tá doida? Não foi nada. — dou um beijo estalado em sua testa. — Quer contar? — ela balança a cabeça. — Então tá. Vamos tomar café?

Foi quando perguntei que nota os sons vindos da cozinha. Seus olhos se arregalam um pouco em uma pergunta silenciosa. Não aguento, rindo baixinho, tudo parece afetá-la intimamente.

— Se acalma, é só a governanta. — digo, sentando, cheio de preguiça. Ela gira na cama escondendo o rosto no travesseiro. — Preguiçosa. — brinco. — Vou tomar um banho.

O olhar que ela me dá diz tudo. Sedução, malícia e curiosidade. Dou uma risada e vou andando para a porta, sentindo-a me admirar de longe. Boba.

— Pode vir, se quiser.

Só precisou de uma frase para que corresse até onde estou e me beijasse. Seus lábios são viciantes, seus beijos são tão envolventes que posso ficar horas só nisso. De alguma forma chegamos à banheira e ligo o chuveiro, a água bate primeiro fria e depois vai esquentando, assim como nossos toques e apertos. Jogo-a contra a parede apertando cada centímetro que posso da sua perna e já estou duro contra ela.

Essa garota me enlouquece.

O gemido que Malu solta é quase um pedido, com um sorriso malévolo nos lábios. Ela me encara, parece precisar daquilo de uma forma que não sei explicar, como se pudesse afastar todos os demônios de sua cabeça, e não posso fazer menos que obedecer.

Levanto-a contra a parede, suas pernas em minha cintura, esfrego meu pau contra ela que geme tão envolvida e cheia de tesão, seus mamilos duros contra mim se esfregando mais forte a cada suspiro que dá.

— Você...

Sem a deixar completar, estoco firme, abafando um grito com meus lábios. Caralho, essa mulher me enlouquece. Nossos corpos estão em sincronia, aquecidos pela água. Empurro cada vez mais rápido entre gemidos e arranhões. Só sinto ela, só quero ela, estou louco por ela. Cada maldito centímetro de mim anseia aquele toque e aquele corpo, já é um vício.

Estou explodindo antes que perceba. Malu enverga o corpo apertando minha cintura enquanto goza tanto quanto eu. Aquela garota é o céu e o paraíso da minha vida. Seguro seu rosto a olhando, linda demais, seus olhos meio desfocados e os lábios inchados de prazer.

— Se deixar, não saio daqui hoje.

— Não provoca, se não te prendo aqui. — ela responde, maldita safada deliciosa. — Mas se não me alimentar, eu te bato. — brinca, me fazendo rir.

— Isso é tentador, sabia? — me movo ainda dentro dela que sorri, beijando-me.

Conseguimos tomar banho, com esforço. Visivelmente, quando não está distraída no sexo, Malu tenta esconder, de certa forma, o próprio corpo. Sabe quando a pessoa tenta estar sempre em posições contrárias, encostada na parede, nas minhas costas, deixando-me com menos visão dela? Não sei se me incomodo com isso, não quero deixa-la desconfortável. Pego o roupão reserva pendurado do lado e coloco nela, abraçando-a em seguida. Em seu ouvido, sussurro.

— Você é maravilhosa, tá bom? Não esquece.

Seu sorriso é recompensador, ilumina meu dia. Pego a toalha me secando e me enrolo, batidas na porta chamam e quando olho, é Dona Carmen.

— Vem tomar café, menino. Ah, oi! Que menina bonita. Vou colocar mais um prato na mesa.

— Obrigada — Malu diz, sem graça.

— Aquela é a Dona Carmen. — explico de novo. — Ela cuida da casa pra mim, sem ela eu estava morto de fome.

Malu ri.

— Que menino mimado. — brinca. — Pega minha bolsa na sala? Acho que tem uma muda de roupa lá.

Pego para ela trazendo para o quarto. No caminho, vejo que estava aberta e algumas coisas caem sem querer. Droga, desastrado. Malu corre para me ajudar um pouco envergonhada, tem cartinhas de amor ali? Ri, mas ela não entende já que só pensei e não falei. Começamos a guardar tudo, algo me chama atenção, um cupom de desconto para um curso de costura? Ela comentou que queria fazer algo do gênero, mas é teimosa demais para seguir seus sonhos

Nota mental, convencê-la.

Só que...

Quando vejo, por último, uma foto no chão, presa a um bilhete por clips, entendo o porquê ela não queria que eu visse o que tinha ali dentro. É meu pai, deitado em uma cama de hospital com acessos e soro, uma máquina mantendo sua vida. O bilhete tem a letra de minha irmã em um discurso que já conheço, o velho está em aparelhos, em coma, resistindo à morte que não o leva.

— Fred, eu... Desculpa! Olha, ela pediu para te entregar, mas ainda não sabia como... Eu acabei lendo e...

— Ei, relaxa. — abraço-a, que está bem receosa. Enquanto ainda seguro-a contra mim, leio o bilhete:

"Sei que o odeia, sei que ele errou. Ele encomendou a morte dos dois, eu sei, sei de tudo. Só que ele está morrendo, não acorda mais, os médicos querem desligar os aparelhos. Fred, eu sei que ele fez merda, mas da forma dele achava que estava ajudando. Ele não sabia o quanto a Sabrina era uma boa pessoa. Por favor, por favor, venha comigo. Não consigo fazer isso sozinha"

Certo. Se a Malu leu, faz todo sentido que não saiba como me entregar. Ela me olha meio entristecida, parece sentir tanto quanto eu aquela informação. Tento sorrir vacilante, seguro seu queixo dando um beijo de leve.

— Tá tudo bem.

— Ela me deu isso esses dias para te entregar, mas eu, curiosa, acabei lendo. Vocês parecem brigar tanto que nem sabia como te entregar isso. — confessa, meio tensa.

— É... Complicado — Não sei bem a palavra certa para descrever. — Vou resolver isso depois.

— Quer falar? — pergunta meio tensa ainda.

— Quer saber? — ela confirma. Está curiosa, mas vejo em seus olhos a compreensão. Ela não insistiria se eu não quisesse. — Fui casado há cinco anos, o nome dela era Sabrina. Uma moça linda e cheia de vontade, que morava na favela do Rio. Nos conhecemos em uma festa e ela me arrebatou no mesmo dia. — suspiro, lembrando, ela ainda olhava curiosa. — Só que meu pai com todo aquele preconceito idiota dele, não aceitava. Eu ia sair de casa, mas esperava o momento certo quando juntasse dinheiro suficiente para levá-la comigo. Até que descobrimos a gravidez e acelerei tudo. Só que meu pai descobriu e certa noite, me mandou para Petrópolis resolver um assunto com um cliente da empresa que abriu após anos de esforço. Aproveitou que eu estava longe e mandou um motorista buscá-la para me ver, tudo mentira, ele quebrou o freio do carro de propósito e ia fazer tudo parecer um acidente, mas minha irmã descobriu, só que não a tempo de impedir o acidente.

Suspiro, ainda me lembrando de tudo. Esta fresco na memória, parece que foi ontem que a encontrei no hospital toda quebrada e inconsciente.

— Quando Eleanor descobriu e me ligou, peguei o carro e voltei desesperado para o Rio. Fiz uma merda no caminho, mas não podia parar. Eu tive que voltar correndo, mas quando cheguei... Só consegui me despedir por cinco minutos. Ela morreu comigo lá.

— Meu deus... — Malu me aperta mais. É lindo sua preocupação, ainda dói em mim. Abraço-a forte e deixo a tensão passar, até que algo surgiu em sua cabeça e ela me afasta, olhando séria.

— Espera aí! — Malu começava a ligar os pontos. Eu ri, não aguento. — Você... Foi você mesmo?!

— Não tinha certeza até o dia que invadiram sua casa. Não é algo que se esquece, esse seu olhar de pânico. — digo sincero. Ela tapava a boca meio pasma, ainda assimilava.

— Você me atropelou! — fala alto, brincando. Ela já ria também.

— Olha, em minha defesa, você correu para a rua. — eu acabo rindo. — Mas você foi o melhor acidente que já causei na vida.

— Você não sabe o quanto... — ela suspira, cruzando os braços, olha

para o lado e toda a alegria se vai com qualquer lembrança que tenha surgido.
— Acho que se você não tivesse feito à denúncia naquele dia, eu estava morta.

— Eu não poderia ficar quieto, podia? — a olho.

— Muitos ficaram, tinham medo dele.

— Eram babacas. — falo sério. — O estado que ele te deixou, Malu... Acho que só não matei ele porque não o encontrei.

— Você voltou na casa? — pareceu curiosa.

— Sim, logo depois de deixar você no hospital. — ri, meio sem graça. — Voltei lá para descontar a raiva e ódio de tudo que estava acontecendo, mas ele já tinha fugido como um covarde.

— É, pegaram ele uma semana depois voltando na casa para buscar algo. — falou meio sem graça. Peguei-me pensando uma coisa.

— Acha que foi ele? Que entrou na sua casa? — ela confirma, se encolhendo.

— Tem a chance dele ter fugido da cadeia, teve um incêndio, sabe.

— Ontem também foi ele quem a assustou?

— Uhum... — sussurra — Mas... Bom, não quero pensar nisso.

Puxo-a, não aguentando, abraçando e envolvendo-a bem forte.

— Se acalma. Ele não vai fazer nada. Estou aqui.

— Obrigada. Você foi meu anjo da guarda.

— O anjo mais sexy que você poderia pedir. — brinco, ela ri. Adoro quando ela ri.

— Convencido.

— Meninos! Venham logo comer! Quem faz sexo demais sem comer nada, fica doente.

Não aguento, gargalho vendo o quanto Malu fica desconcertada com o grito da Carmen, mas é assim que gosto de vê-la.

Feliz.



21.

Malu

Estávamos no carro indo para o bar quando meu telefone tocou.

— MAMÃE! EU ANDEI DE BARCO! FOI MUITO LEGAL, O TIO TIAGO ME DEIXOU TOMAR SORVETE DE NOITE E EU FIQUEI JOGANDO VÍDEO GAME COM ELE A NOITE TODA!

"Dan, se quer me ver vivo amanhã, não pode contar essas coisas"

Eu gargalho alto demais. Dan nunca conseguiu esconder nada de mim, Fred me olha curioso, dirigindo pela rua pouco cheia.

— Ah, que menino travesso. Estou morrendo de saudade.

— Ah, é, o tio quer falar com você — ele passa o telefone e Tiago ainda está rindo.

— Desculpa, ele quem ligou afobado.

— Estava morrendo de saudades mesmo.

— Malu, posso entregá-lo hoje um pouco mais cedo do que o combinado? Meu chefe ligou para uma emergência, tenho que ir trabalhar.

— Ta, mas hoje vou substituir a Luci no trabalho que ela tá meio gripada, aí você deixa ele em sua casa? Se ela não tiver lá você entrega no bar que me viro.

— Tudo bem, até mais tarde, então.

Desligo com um sorriso, Fred me olha com aquele orgulho de quem me vê feliz.

Chegamos ao bar mais rápido que pensei, ele não mora tão longe assim. Estou arrumada com o jeans de sempre e uma blusa roxa da Luci, veio comigo por engano. Saio e entro primeiro deixando-o estacionar. Betsy está no balcão e me lança um olhar muito suspeito. Eu queria me enfiar na terra.

— Ah, se não são os pombinhos apaixonados.

— Ah, para!

— Desculpe roubar seu pet tão rápido, mas como você vai ficar de tarde vou te liberar de noite, então deixa eu ir às compras rápido.

— Tá bem! Vai lá que cuido de tudo.

Ela ri, saindo, confiava em mim e gosto disso. Apresentei-me a menina do caixa, seu nome é Rosa e ela parece meio desligada, mas boa com números. O movimento a tarde não é tão grande, então fico tranquila e sem muitas tarefas. Em um momento mais sossegado, peguei o telefone e mandei mensagem para Luci, avisando que Dan ia chegar. Ela me responde que tudo bem, ficaria em casa o dia todo. Perguntou se posso ir vê-la mais tarde, é claro que eu ia! Tinha que buscar meu filho, mas não disse isso, só disse que sim. Acho que o boy deu um pé na bunda e ela está mal com isso. Sinto-me até mal por estar tão feliz, tirei a sorte grande.

Alguns caras entraram no bar, um deles era o babaca que estava naquele dia e passou a mão em mim, e também que derrubei na rua... Caraca, mundo, você age estranho comigo. Ele veio pedir desculpas e perguntar se podia ficar, que gostava do bar e esteve bêbado. Ok, não era fácil, mas perdoei e levei as cervejas para todos. Quando volto para o balcão, um cara está sentado no banco de frente com jaqueta preta, touca, óculos escuros e todo encolhido. Parece querer se esconder. Paro perto.

— Oi, tá tudo bem? Já pediu?

Ele estende uma folha para mim, esta escrito que ele é mudo e queria cervejas para viagem. Algo naquele jeito dele, o rosto que virava para eu não ver... Pego as cervejas e entrego o cartão para passar no caixa. Senti um mal

estar enorme na barriga.

Quando ele sai pela porta, vi que esqueceu os cigarros.

Era o maldito cigarro de caixa preta antigo. O mesmo que Érico fumava sempre e...

Não. Não era. Estou vendo coisas. Continuo trabalhando, tentando me distrair, mesmo que minha mente vacilasse e eu ficasse doida pensando nisso. As horas foram passando e já estava quase na hora de eu ser liberada quando Betsy e Fred chegam. Os materiais estão sendo descarregados pelos fundos, ele vem e me beija sem problema algum, bem no meio do salão. Fico vermelha na hora, ele ri, saindo para a sala do escritório.

— Betsy! Vai ficar mesmo? Tenho que buscar o Dan!

— Tranquilo, amor. Pode ir.

Pego minha bolsa e passo na sala dele. Está no telefone com a irmã em uma discussão problemática, parece ser sobre o Théo, seu sobrinho. Melhor não atrapalhar.

Saio de fininho e vou andando para a casa de Luci, é bom andar. No caminho, uma garoa começou a cair e me fez correr mais rápido. Chego na casa da Luci entrando rápido para escapar de uma gripe. Não posso ficar doente, tenho que trabalhar. Chego de frente para a porta dela, está tudo muito silencioso.

— Luci! — chamo. Ninguém atende.

Pego a chave reserva no vaso de flor e abro a porta. Meu choque foi imenso quando vi a casa toda destruída. Os móveis estão jogados ao chão, copos quebrados, roupas espalhadas e o sofá está rasgado. Igual...

— Oi, amor, que bom que chegou, estava ansioso para te ver de novo.

Puta que pariu.

Érico vem andando de dentro do quarto, uma mão está pendida ao lado do corpo e a outra segura algo no colo. Algo não, alguém.

Daniel estava desacordado em seu colo.

Frederick

— Cara, Léo! Me deixa pensar! Se você continua me pressionando assim, só me faz querer ignorar sua existência.

— Fred, por favor, não posso fazer isso sozinha.

— Final de semana vou na sua casa, tá bom assim? Manda um beijo para o Théo.

Desligo, irritado. Sério, ela pressiona demais. Uma ligação para saber sobre meu sobrinho se torna essa discussão calorosa. Deixo as coisas ali na sala, guardo o telefone no bolso e pego os papéis do recibo. Tenho que tirar xerox de tudo, deixo a máquina copiando e volto para o salão. O babaca do outro dia está ali, mas está tranquilo, então tudo bem.

O balcão está limpo e organizado como Malu adora, mas Betsy quem está ali, assinando alguns papéis e conferindo contratos.

— Cadê ela? — pergunto, curioso.

— Foi buscar o pirralho. — responde, distraída. — Deve ter visto sua discussão acalorada com a Léo e correu de tu.

— Ah, para. Não gritei tanto. — ela ri. — Ela quer que eu desligue os aparelhos, mas não sei se quero.

— Devia estar maravilhado com isso. — diz malvada. — Posso ter a honra?

— Idiota. — eu ri junto, sempre teve o dom de me animar. Ficamos ali um tempo, apenas batendo papo e atendendo os clientes que chegavam a cada minuto. Envio mensagem para Malu, avisando para voltar quando acabar e irmos para casa depois, preciso dessa noite de folga com ela e o Dan.

Não demora muito e Betsy grita, perguntando onde está a máquina reserva de cartão que deveria estar guardada no balcão, não sei dizer já que também não estava ali. Ela pede que ligue para Malu e pergunte, mas procuro primeiro para não perturbar e não encontro. Droga, não quero parecer um cara chato que fica ligando para controlar a garota, mas não tenho opção.

Estou ligando para seu celular quando alguém entra um pouco apressado no bar, é o mesmo cara do outro dia que a levou para casa e estava com o Dan. Ele parece suado como se tivesse corrido, mas acho que é por conta da garoa que cai lá fora. Desligo o celular quando o vejo vir em minha direção.

— Oi, cara. Você é o Fred? — meu celular vibra, não olho por educação.

— Sim, eu mesmo.

— Mandei mensagem para a Malu agora a pouco falando do jogo do Dan que ele esqueceu no carro e queria devolver, ele está empolgado com isso. É aqueles da Nintendo, sabe? Então, ia passar na casa da Luci para entregar, mas ela disse que era melhor deixar aqui.

— Ah, claro. Você deixou o Dan por lá?

— Sim! A Luci me recebeu, ela tá mal, mas ficou com ele. — ele puxa o aparelho do bolso e me estende. — Ela esteve chorando, pelo que vi, mas tinha um cara dentro da casa e acho que estavam brigando.

— É, eu soube que ela está saindo com alguém. — pego o aparelho e deixo no balcão, com a Betsy, que olha curiosa para a situação. — Espero que ela melhore logo, estamos com o movimento em alta. — puxo assunto. Ele sorri e se despede, saindo andando. Pegando o celular, olho a mensagem que recebi, é da Malu.

"Não vou com você hoje, vou ficar com minha amiga que está doente. Por favor, não venha, não quero te ver. O Gabriel está comigo já, ele está bem, vamos ficar bem sem você. Até amanhã"

Gabriel? Paro, olhando a mensagem e a leio duas vezes. Essa não é a Malu, ela nunca erraria o nome do Dan.

— Já volto! — digo para a Betsy e corro para fora. Na rua, está chovendo fraco, olho ao redor e vejo o cara ao fundo andando com o capuz do casaco. Grito por ele que me olha e para, correndo até lá, eu paro afobado na sua frente. — Ei, cara, desculpa perguntar, mas a Malu já trocou o nome do Dan alguma vez com você?

— Jamais. Ela não é disso, tem uma memória excelente. — diz surpreso, sabia, algo está errado. — Por que isso? — mostro a mensagem. — Essa não é a Malu, cara. Ela não gosta de mandar mensagem, então manda frases curtas.

— Puta merda! Tem algo de errado e vou lá olhar.

Sem nem esperar, estou correndo até meu carro pegando a chave no bolso. Quando entro e ligo, ouço a porta do carona abrir e o cara entra, sentando ao meu lado.

— Vai, vai!

Não penso duas vezes antes de pisar forte no acelerador.



22.

Malu

O filho da puta está com o meu filho no colo!

— O que você tá fazendo aqui?! Me dá meu filho!

Uma onda de terror percorre todo o meu corpo. Eu quero esmagar o cérebro daquele maldito. Todas as lembranças daquele dia infernal me perseguem, eu sei que ele vai me matar, mas não posso deixá-lo chegar perto do meu filho. Não, o Dan não. Estou imóvel de frente para ele, penso em fazer algo, dou um passo para frente, mas ele segura o cabelo ruivo de Dan e puxa para trás em uma clara ameaça de matá-lo. Paro, não posso arriscar.

— Isso, adoro assim, obediente. — diz. Tenho vontade de vomitar! Meu corpo está tremendo, todo o medo que perdi ontem a noite começa a retornar em uma avalanche de emoções. As lágrimas querem vir, mas não dou esse gostinho a ele. — Sabe, me surpreendeu a semelhança que nós temos. — diz,

olhando meu filho. Não, eu não quero pensar nisso, sempre evitei pensar nisso.

Só que agora é inevitável comparar. Dan tem os mesmos cabelos ruivos que ele, encaracolados, mas o maldito usa gel jogando para trás. Ele tem um cigarro apagado na boca e os olhos negros me fitam com malícia.

Eu o odeio com toda minha alma.

— O que você quer aqui? Não pode só me esquecer e me deixar em paz?

— Ah, não, não, não... Eu ainda tenho que dar o troco, amor. Por causa de você fiquei esse tempo todo na gaiola. — só agora noto a queimadura no lado esquerdo de seu pescoço, ainda cicatrizava. — Você não sabe o quanto senti sua falta enquanto estava lá. Pensei em você todos os dias.

— Graças a Deus eu esqueci que você existia! — minto em um grito. Quero gritar bem alto para que todos ouçam que estou em perigo, não, meu filho está em perigo.

— Ah, claro. Não tente fingir que pode, amor, sempre serei seu grandioso salvador, não? Tirei você daquela sarjeta de orfanato caindo aos pedaços e te dei um lar. E olha! Um filho também. Não somos o casal perfeito?

— Vai te foder, Érico! Me dá meu filho e some daqui!

Grito, ele abre a boca para responder, mas antes que faça isso já estou correndo em sua direção. Me choco contra ele agarrando sua blusa, tento puxar o Dan, mas ele não deixa. Quando vejo, estou caindo para o lado e ele chuta minhas costas duas vezes. Arfo de dor, mas não posso parar, não enquanto meu filho está em suas mãos. Porém, ele segura Dan pela blusa e joga em cima da mesa.

Ele joga meu filho em cima da mesa como se fosse um objeto qualquer. Eu quero matá-lo!

Coloco a mão para o lado e caço qualquer coisa pelo chão, encontro um cinzeiro e seguro firme. Quando ele se vira em minha direção, leva a mão até minha blusa e me puxa para cima erguendo meu corpo, meus joelhos tocam o chão.

— Você está mais selvagem, gostei...

— Então, vou melhorar pra você! — grito em sua cara e bato com toda a força que tenho em sua cabeça. O cinzeiro de vidro quebra em seu ouvido, sangue explode em minha mão e estou levantando para correr até meu filho enquanto ele cambaleia. Só que antes que eu corra, sua mão segura no meu pé e puxa, caio de barriga no chão, gritando de dor. Bato o pé tentando me

soltar, mas ele não deixa e trava meus pés com as mãos. Em segundos, ele está se arrastando para cima, me puxando e jogando o peso do próprio corpo no meu. Eu grito, não adianta de nada. Giro e tento bater em sua cabeça, mas ele segura minhas mãos, me imobilizando, me vira de frente para ele e coloca o joelho sobre minha barriga.

Grito de dor quando solta todo seu peso em cima de mim. Estou imobilizada, ele é forte demais, as lágrimas me invadem quando vou perdendo as forças.

— Me solta!

— Se você tem um pingo de amor a vida do seu filho, melhor parar de lutar, vadia! — ele grita em minha face e segura meus braços com uma mão só. Não, não! Ele leva a outra no meu cabelo e puxa forte, dor explode em minha cabeça quando ele a bate contra o chão. Estou explodindo, tonta, zonza, não posso desmaiar. — Viu só? Bem melhor assim, não é?

Não tenho forças para resistir.

Uma vertigem maldita me ataca e estou quase desmaiando, balbucio o nome do meu filho, mas não tenho forças para gritar. O sangue de sua ferida começar a pingar e escorrer em meu rosto, elas se misturam com as lágrimas que não aguento segurar, ainda estou presa sob seu corpo. A mão que segurava meu cabelo passa por meu rosto e desce até meu seio, ele aperta até doer, eu quero vomitar na cara dele, poderia se não estivesse tão fraca.

— Não sabe o quanto senti falta disso... — estou com nojo de cada toque de sua mão.

— Vai para o inferno! — falo, ainda arfante.

— Ah, eu vou, mas vocês vão comigo. Acredite.

Ele levanta e me puxa junto, não me aguento em pé, sinto o sangue escorrer para minhas costas da ferida em minha cabeça. Estou tonta, caio para o lado, mas ele segura e me joga por cima do ombro, andando para o quarto de Luci. Seus passos são lentos, também está zonzo pela ferida que deixei e anda mais devagar. Dentro do quarto, sou jogada na cama redonda de Luci e quase caio no chão. Só que... Uma onda de pânico passa por mim quando olho para o lado e a vejo deitada na cama... o corpo da minha amiga...

Puta que pariu!

A cama está encharcada de sangue que escorreu de seu pescoço, ela está jogada de bruços, seu corpo nu, cheio de hematomas e cortes pela pele e uma faca no pescoço, que fez transbordar sangue até mata-la.

Sim, matar.

Luci está morta e eu era a próxima!

— Seu desgraçado! — falo, mas não passa de um choramingo por conta das forças que me faltam. Ouço seus passos, que param do meu lado e puxam minhas mãos, sinto algo gelado em meus pulsos, ele me algema e me joga na cama de novo. Olho para o outro lado e vejo-o andar até a mesinha, ali tem uma mochila que pega e confere alguma coisa. Meus documentos, os mesmos que ele roubou. Maldito, maldito. O que ele quer?

— Vamos fazer uma viagem, amor. Que tal? Só temos uma parada no caminho — ele diz, jogando a mochila nas costas e voltando até onde estou. Meu celular toca lá na sala, o som é bastante audível e chama sua atenção. Ele vai rápido e volta com o aparelho na mão, lendo alguma coisa. Maldita hora que tirei a senha daquela merda por causa do Dan. Depois de digitar algo, me olha e sorri.

Puxando-me, sou colocada de pé, mal consigo me manter.

— Vamos voltar para casa, vamos recomeçar desde o momento que paramos, tá bom?

— Eu vou matar você... — digo, sussurrando em seu rosto. — Eu devia ter feito isso desde o dia que me deu o primeiro golpe...

— Sim, e esse foi seu maior erro, achar que eu a amei, ou que eu ia mudar! — ele gargalha na minha cara. — Querida, isso só acontece em filmes de criança.

Cuspo na cara dele que fecha os olhos e respira fundo. Sei o que vem a seguir, o golpe acerta bem na minha bochecha, cortando, e caio na cama de novo.

Pegando-me e jogando no ombro de novo, ele sai andando me arrastando junto. Passando pela sala, vejo meu filho ainda desmaiado. Balbucio seu nome de novo, droga, droga, ele não acorda. Érico me coloca no chão ao lado do sofá, tento levantar e ir até meu filho, mas não consigo por tão fraca que estou. Meus sentidos estão se apagando, não posso desmaiar, mas é uma questão de tempo.

Ele matou a Luci! Droga, ele matou a Luci! Minhas lágrimas aumentam e sinto uma dor horrível no peito, nunca mais poderei tomar café na varanda com ela e falar sobre nossa vida.

— Ah, não fique assim, para onde nós vamos terá muito tempo de fazer novas amigas. — ouço a voz dele Ao fundo, eu devo ter choramingando algo.

— Não vou a lugar nenhum com você. — sussurro e sei que ele ouviu.

— Não é como se você tivesse opção.

Ouço um barulho, quando olho, ele está quebrando várias garrafas de bebida no chão. Depois, abre todos os trincos do fogão e vem andando até a mesa, leva Dan com um braço e me puxa de pé com o outro.

— Vamos fazer uma viagem. — ele repete. Ouço um barulho, meu celular toca no seu bolso, ignorando, sou puxada para fora da casa e vamos andando pelo quintal até chegar na rua. Quase não consigo andar, mas não posso recuar ou ele machuca meu filho. Andamos até um carro, tem uma garota na rua que ignora o que está acontecendo. As pessoas sempre ignoram quando algo está acontecendo. Malditos, também.

Abrindo a porta de trás, ele me joga lá dentro e coloca Dan por cima de mim, abraço meu filho com todas as minhas forças restantes. Ele pega meu telefone e olha a tela, digita, mas parece ficar intrigado com algo.

— Qual o nome do moleque? Não gravei ainda — pergunta. Não respondo, mas ele ameaça levar a mão até Dan e eu logo grito.

— Gabriel! — eu minto. Se ele vai mandar mensagem, que faça isso errado e chame atenção. Vejo-o termina de digitar e joga o celular no chão, quebrando, e pisa em cima.

Érico sai andando após fechar a porta, abraço Dan de novo e respiro fundo. Tenho que fazer alguma coisa, o que? O que?

Estou perdida.

Ele vai nos matar!

Sinto cheiro de fumaça, quando olho, a casa de Luci está pegando fogo. Érico entra correndo no carro e acelera o máximo que pode.

Sim, ele vai nos matar.



23.

Frederick

Acelero o carro ao máximo, sinto no fundo da minha alma que algo não está certo. Tiago sente o mesmo, não consigo pensar que as coisas estão bem, mas rezo para que seja apenas alarme falso.

Atravesso o sinal vermelho sem nem olhar, viro a esquina e sigo correndo pela rua da casa de Luci. Quando estamos chegando perto, Tiago xinga tão alto que me assusta antes mesmo do que vejo. A casa está pegando fogo, tudo consumindo pelas chamas.

Puta merda!

A rua está lotada de gente que assiste a bombeiros tentando apagar as chamas. Policiais estão fechando a área e tentando afastar as pessoas, largo meu carro no meio da rua e saio correndo para o meio da confusão. As pessoas estão fofocando, falando, mas não consigo assimilar nada. Droga!

Atropelo todos e paro na calçada da casa, as chamas lambem até o teto e tudo queima. Os policiais tentam conter os curiosos, um dele me empurra, quando olho, é o vizinho de Malu que parece bem preocupado.

— Ei, ei! — chamo, ele me olha e me reconhece, mas ainda está bem ansioso com o que está acontecendo. — Cara, sou eu! — chamo de novo.

— Eu sei quem é você, mas por favor, me deixem colocar a faixa antes que algum acidente ocorra.

Um policial parceiro dele passa com a faixa, bombeiros tentam controlar as chamas. Tudo está um caos.

Passo por baixo da faixa e corro de novo na direção de Sandro, alguém tenta me segurar, mas empurro sem me importar e puxo Sandro de novo.

— Cadê a Malu?!

Eu grito com ele, droga, sei que estou gritando e estou errado, mas nada importa além de saber que ela está bem.

— Malu? — ele fica confuso.

— Sim, cara! Ela devia estar lá dentro! Com a Luci!

— Desculpa, cara, não temos informação de alguém lá dentro. Assim que soubermos de algo, avisamos.

Sou empurrado de novo para fora da faixa. Droga! Não posso ficar só assistindo. Volto para onde deixei o carro, Tiago está ali, olhando tudo com pânico estampado na cara. Devo estar igual, fico andando de um lado para o outro, mais do que angustiado. Eles tinham que entrar logo na casa e achá-la!

Soco o teto do carro, Tiago nem se assusta de tão abalado que está.

— Eu devia ter percebido algo, se eu não entregasse o Dan, Malu não teria vindo para cá... Tenho certeza que foi aquele vagabundo!

Ele sussurra. Droga, não tô com cabeça para consolar ninguém.

— Você não conhecia o cara?

Já estamos no mesmo raciocínio. O único maldito que faria isso é aquele ex bosta dela. Deus, que ela não esteja naquela casa.

— Não, nunca vi, não haviam fotos e Malu nunca falava dele, não da parte física. — ele diz, nervoso, olhando o chão. — Droga, cara... A culpa vai ser minha se ela estiver morta...

Paro do seu lado e coloco a mão em seu ombro, ia falar algo, mas vejo uma mulher ao fundo que está sentada na calçada, longe de todos, chorando muito. Ela olha para a casa e chora, depois olha para a rua e chora mais ainda, como se tivesse tentando entender alguma coisa. Bato duas vezes no ombro de Tiago e vou em sua direção, ele fica esperando. Atravesso a rua bem

rápido antes que os policiais vejam, paro do seu lado, assustando-a sem querer. Tento não passar tanto pavor, mas estou falhando miseravelmente.

— Ei, você viu alguma coisa? Sabe o que tá acontecendo? — pergunto. Ela me encara e chora mais. É uma adolescente, deve morar por perto e com certeza sabe de alguma coisa. Ela limpa o rosto e joga os cabelos loiros para trás.

— Eu devia ter feito alguma coisa. Devia. Aí meu deus. — as lágrimas escorrem abundantes.

Abaixo de frente para ela e olho em seus olhos castanhos. — Ei, se acalma e me conta. Se você souber o que aconteceu, eu posso tentar mudar alguma coisa.

— Eu... — ela fica nervosa e engole em seco, seu soluço é forte, mas respira fundo e consegue falar. — Eu vi quando um cara tirou uma mulher e uma criança da casa, corri e me escondi atrás da árvore, liguei para a polícia, mas não fiz nada além disso. Ele tacou fogo na casa e saiu com o carro. Eu devia ter feito algo, devia sim! Agora eles vão morrer e eu não fiz nada!

Ela chorava muito e estava apavorada.

— Ei, calma, não tinha o que pudesse fazer. O cara é um psicopata e você apenas se colocaria em perigo. Relaxa, tá?

Ela me olha e começa a confirmar. Depois de ver que vai ficar bem, volto correndo e Tiago está esperando

— Malu tá viva. O desgraçado a levou!

A polícia ao redor está ajudando os bombeiros a conter o incêndio, isso vai durar a noite toda. Olho ao redor, para onde aquele maldito a levaria?

— Cara, isso é até pior. Não quero pensar o que esse maldito vai fazer com a Malu...

Eu penso a mesma coisa, se ele fizer o mesmo que fez no dia que a salvei, no mínimo, ele vai mata-la. Droga!

— O que vamos fazer? — Tiago pergunta. — Há alguém que podemos recorrer?

Penso, sim, há alguém. Pego o telefone e disco o número, o mesmo que liguei há anos atrás quando minha esposa morreu e quando Malu foi salva no acidente.

— Alô? — delegado Faria atende, irritado.

— Por que não me contou que conhecia a Malu? Eu procurei ela depois do dia que a atropelei.

Ele para alguns instantes e respira fundo.

— Ela merecia esse descanso e ficar longe de tudo que lembrasse aquele filho da puta.

Processo toda a informação, discordo, mas nesse exato momento não importa mais. Tudo aconteceu como tinha que acontecer.

— Preciso de você de novo, Faria. — digo, sério. — O desgraçado a levou. — minha voz é pura fúria. — Ele levou a Malu.

Era minha única jogada possível.



24.

Malu

Acordo assustada com o choro de Daniel. Não sei onde estamos, mas estou deitada em uma cama fedorenta. Olhando ao redor, meu filho está do meu lado, repousado na mesma cama que eu. Sinto uma vertigem enorme pelo movimento rápido, minha cabeça lateja, coloco a mão tentando me lembrar do que aconteceu. Quando sinto o curativo sobre o machucado, eu me lembro.

Érico nos sequestrou.

Ao redor, era um quarto barato de algum motel de estrada. Não sei onde estamos e tenho até medo de saber. Pego meu filho no colo, uma de minhas mãos está algemada na cabeceira da cama, puxo-o como posso. Dan acorda e se aninha no meu colo, cheio de medo, não sabe o que está acontecendo e é novo demais para entender.

— Vai ficar tudo bem. — sussurro.

— Ele machucou a mamãe. Quem é ele, mamãe? — diz, com a voz chorosa, quero me partir em duas. Não posso ver meu filho assim, sofrendo comigo. Por favor, que seja só um pesadelo.

Mas toda a esperança se vai quando a porta abre e ele vem entrando. Está com roupas novas, pretas e de seu estilo gangster. Uma bandana em sua cabeça tapa o ferimento que causei, mas ainda vejo uma ponta roxa que inchou. Bem feito, fiz pouco ainda.

Parando de frente para a cama, ele me olha. Estou um desastre de cabelo bagunçado e feridas horríveis. Dan o encara como se ele fosse o demônio, e de fato o é.

— Vista isso. — ele joga na cama o vestido que comprei há um tempo, não, aquele não. Maldito! — Vai ficar linda.

— Por que deveria?

Ele acende um cigarro e vai até a cabeceira da cama, me soltando. Agarro meu filho com tudo, temendo que ele queira pegá-lo.

— Porque estamos de partida e você está horrível, cadela. Então, seja boazinha e não teste a minha paciência.

Penso em questionar, mas com Dan presente, tudo se torna diferente. O maldito sabe que faço de tudo por meu filho e não posso vê-lo se machucar. Respiro fundo, ele continua ali e sei que não vai sair, depois dele me soltar começo a tirar a roupa suja não me importando com as roupas íntimas na sua frente. O olhar dele sobre meu corpo me enoja, estou mais do que marcada e machucada, tudo sempre por causa dele. Filho da puta. Eu o odeio.

— Mamãe, mamãe! — Dan chama desesperado. Termino de arrumar o vestido em mim e puxo-o para o colo, eu adorava aquele vestido, agora só quero rasgar cada tira de pano.

— Vai ficar tudo bem.

Digo, sem esperança alguma. Olho o maldito, que vai até a janela e confere alguma coisa, parece temer que estejamos sendo seguidos. Droga, espero que sim, não sei o que posso fazer sozinha.

— Vamos. — levanto, estou tonta, mas me mantenho firme com meu filho no colo. Ele para na minha frente e puxa um revólver da cintura apontando para a cabeça de Dan, arregalo os olhos e o puxo, mas ele segura meu cabelo me travando ali. A dor invade meu ferimento ainda aberto. — Uma única gracinha. — Dan chora de novo, ele ignora. — Uma única gracinha e eu estouro os miolos do pivete.

Eu confirmo, as lágrimas querendo escapar. Ele aponta com a cabeça para a saída e vou andando, não posso arriscar, eu vou esperar o melhor momento e eu mesma matarei aquele filho do diabo.



— Conseguiu alguma coisa?

Já é de manhã e não preguei o olho um minuto. Delegado Faria entra pelo bar olhando ao redor, ele tem um rádio na mão e está usando farda de policial. Dispensei todos os funcionários, apenas Tiago e Betsy estão ali comigo. Não tenho cabeça para abrir o bar hoje.

— Sim e não. — ele diz furioso. — Recebemos chamadas dos filiais, ainda não temos o paradeiro dele, mas uma denúncia anônima nos leva para a estrada da serra. O maldito dirigiu a noite toda, essa hora deve estar bem longe.

— Onde ele quer chegar? — Betsy questiona. Paro, pensando no exato ponto onde aquele maldito está indo, o caminho que tomou e estava tomando. Ele...

— Está voltando para Petrópolis. — penso nervoso. — Está indo para a casa que eles moraram.

— Mas por quê? O que ele pode querer lá? — Tiago questiona. — A casa foi vendida um mês depois, Malu recebeu uma parte do dinheiro e foi o que usou para se manter até arrumar os clientes daqui que a sustentasse.

Delegado Faria olha para o vazio, meio perdido em pensamentos.

— O vagabundo era traficante, esse tipo só recebia dinheiro vivo, talvez haja algum escondido na casa. — diz. — Mas o principal é, qual o destino dele depois da casa? Pela distância que tomou de nós, correr para lá vai apenas nos desencontrar.

Paro, pensando de novo, batendo o pé no chão continuamente. Fico me lembrando de todas as informações que temos até aqui. O dia que conheci

Malu, os registros dela de quando a contratamos, o dia que saímos, o dia que ela teve a casa assaltada... Sim, ele assaltou a casa dela, mas o que ele queria?

— Acho que ele vai tentar fugir. — todos me encaram sem entender. — Pensem bem, se ele tiver algum dinheiro grande guardado e roubou todos os documentos da Malu na casa dela, eles são casados ainda e a certidão de casamento serve para os dois, ele quer fugir para algum lugar. Nada melhor que deixar o país, do estado, sei lá, e ir para algum lugar que ninguém o conhece.

— Esse cara é doente... — Betsy balbucia, abraço-a, está gelada de nervoso.

— Faz sentido. — o Delegado fala, saindo dali, comunicando algo pelo rádio em sua mão. Levanto-me, beijo a testa de Betsy.

— Onde vai? — ela questiona.

— Atrás da Malu. — digo, sério.

— O que? — ela e Tiago falam juntos.

— Não vou deixar aquele filho da puta fugir com ela. Chega de ficar aqui parado. — já estou saindo pela porta, os dois me seguem.

— Fred... — Betsy está nervosa, sei que parece loucura, mas não aguento ficar parado enquanto ela está em perigo.

— Vou com você. — Tiago declara. Não questiono. Entro no carro, ele do meu lado. Quando estou para sair a porta traseira abre e Betsy entra.

— Somos irmão, não?

Sorrio para eles e acelero o carro.



25.

Malu

Entro no carro, estamos em um motel que não conheço, para onde ele está nos levando? Dan ainda chora baixinho no meu colo, o abraço e sento no banco traseiro, não quero ficar ao lado daquele traste. Érico entra no lado do motorista e começa a dirigir em alta velocidade, o maldito nem me olha e estamos correndo pela estrada. Tudo é desconhecido para mim. Por que fui desmaiar? Não que eu quisesse, apenas aconteceu. Sussurro baixinho para meu filho que tudo ficará bem. Estamos correndo e uma batida de carro nos faria capotar diversas vezes, se meu filho não tivesse ali, já tinha feito isso. Só quero acabar com aquele inferno.

O dia está claro, a manhã passa e ainda estamos dirigindo em uma estrada que começa a fazer sentido para mim. Estamos subindo a serra, o caminho é íngreme, tudo fica mais frio. Érico não diz nada, não fala nada, só

dirige.

Em algumas horas reconheço onde estamos: Petrópolis. O maldito nos trouxe de volta para a minha cidade natal. Maldição. O que ele quer com isso? Seguimos pelas ruas movimentadas, vários adolescentes estão tirando fotos e selfies nas praças do lugar, já é de tarde e vejo que a gasolina está acabando. Ele também nota, pois se dirige ao posto local. Vejo várias senhoras paradas em uma esquina, conversando, quero gritar, mas sei que ele vai me matar se fizer isso.

Quer saber? Pior não fica.

Quando Érico sai e começa a abastecer ao lado do atendente, abaixo o vidro do carro e deixo meu filho no banco do lado. Grito o mais alto que posso, peço socorro. Elas me ouvem, o atendente também, ele encara Érico assustado e me olha de novo, sem reação. O maldito empurra o homem e da a volta no carro, abrindo a porta e entrando. Ele me olha muito enfurecido, sobe o vidro e da partida de novo. Está correndo mais que antes agora. Ele vai me matar, ah, vai.

— Você está mais atrevida, não é?

— Não tenho mais medo de você. — rufo séria, abraço Daniel de novo e escondo o rosto dele no meu peito. Sua barriga está roncando, está com fome, não tenho nada ali para dar a ele. — Aguenta firme.

Érico está rindo na frente, debochando de mim. Maldito.

Em minutos, estamos na casa. Ele para na entrada, ela tem moradores novos, mas parece vazia agora. Érico sai e tranca a porta indo até o portão, pula a mureta e caminha pelo quintal olhando ao redor. Parece conferir alguma coisa, vejo um sorriso em seu rosto constatando o que queria.

— Merda, o que ele quer aqui? — questiono-me nervosa. Aproveito que ele distraiu e chego para frente olhando o banco do carona, procuro por qualquer coisa que me comunique com alguém, mas não acho nada. Tem um celular com ele, eu tenho que pegar.

Aproveito que ele está longe e puxo meu filho, que me encara com os olhos vermelhos de tanto chorar baixinho.

— Eu vou tirar a gente dessa, tá bem? — ele confirma. — Eu vou fazer uma coisa e preciso da sua ajuda. Preciso muito da sua ajuda. — outra confirmação, mais lágrimas saem e meu coração está apertado. — Quando ele nos colocar dentro da casa, vou distraí—lo, quero que aproveite e procure qualquer telefone lá dentro e disque um, nove, zero. É a polícia. Não grite, fale baixinho, diga que precisa de ajuda e que um moço sequestrou você e

que está com muito medo, pode chorar bebê, eu sei que está com medo, mas a mamãe vai salvar a gente, tá bem?

Ele confirma mais uma vez. O abraço e digo o quanto o amo, ele é a razão da minha vida.

— Mamãe, eu sei o número do Fred. — sua voz vem em um sussurro amedrontado. Deus abençoe a memória ótima desse garoto!

— Se conseguir, liga pra ele, tá bem?

Sua cabeça balança. A porta do meu lado abre e Érico me puxa forte para fora. Quase caí por cima de meu filho, ele nos segura antes da queda. Não tem ninguém na rua, o lugar é pequeno e afastado do centro, pela hora estão todos trabalhando. Encaro o maldito, me apoio na mureta segurando meu filho no colo, que se gruda em mim.

— Se tentar algo, já sabe, né? — ele diz, não respondo. Encaro o redor, aquela rua me trás lembranças. Visualizo em minha mente os olhos azuis cristalinos de Frederick, tento me agarrar a isso para manter o controle. Suspiro. Ele nos puxa, passamos pelo portão que ele arrombou e vamos para a entrada da casa. Não é um lugar grande, cômodos básicos de uma casa básica. A porta é de vidro, paramos na frente dela e Érico quebra a fechadura com tiros. A maldita arma tem silenciador, ótimo! Ele ainda pode nos matar sem ninguém ouvir.

— Entra, anda, rápido! — diz afobado. Entro pela cozinha da casa com meu filho de olhos fechados para não ver nada. O lugar está mudado, mas a mesa e a bancada são as mesmas. As lembranças vem retornando em um turbilhão, cada maldito segundo que aquele maldito me chutou, bateu e espancou naquele mesmo lugar.

Viro de frente para ele que puxa as algemas da mochila nas costas. Ele olha ao redor, parece averiguar o lugar. Puxando-me, vamos andando para a sala, está cheia de estantes com enfeites e incensos. Pelas fotos nas paredes, um casal vive ali com a filha adolescente.

— Fica aqui, quietinha. — fala. Eu paro no meio da sala, e enquanto ele vai até o quarto, começo a olhar ao redor em busca de qualquer sinal de telefone. Avisto um telefone sem fio na parede próximo da porta de saída. Puxo Dan, aponto, mas antes que fale alguma coisa Érico já está ali de novo. — Boa menina. — ele beija minha testa, não aguento, cuspo em sua cara. O maldito me olha com tanto ódio que sinto na pele.

Encolho-me, antecipando, quando o soco vem e caio por cima do sofá, me equilibro, não deixando meu filho cair ao chão. Ele grita e chora, droga!

Não posso ser impulsiva, tenho que ser racional.

— Eu tento, tento não te bater, mas você age como uma vagabunda toda hora!

Érico grita, irritado, se limpando. Dan já está chorando, me coloco de pé e o abraço mais forte. Meu rosto começa a inchar. Droga.

— O que você quer aqui, Érico? — pergunto séria, tento controlar minha voz.

— Já vai descobrir. Vem.

Ele me puxa e vamos pela porta da sala para o quintal dos fundos. Sim, a sala que dá na parte de trás da casa e a cozinha é a entrada. O quintal é pequeno, tem algumas plantas de jardim e vasos de flor. O dono é bem meticuloso e cheio de toque, está tudo organizado e bem posicionado. Érico me empurra contra a parede e para na minha frente.

— Solta o moleque. — o encaro séria. O que ele vai fazer? A pergunta está estampada em meus olhos. — Anda! — grita no meu rosto, Daniel chora mais alto. Colocou-o no chão, que se gruda em minha perna. Rápido e forte, Érico puxa meus braços e coloca para o alto, prendendo a algema em meus pulsos e depois em um prendedor de vaso de planta. Meus braços ficam esticados e presos, não posso sair dali. Droga! Suas mãos vão descendo pelo meus braços e param no meu rosto, obrigando-me a olhar sua face horrenda. Quero cuspir de novo, mas penso no meu filho antes disso. — Está acabando, amor. Está acabando. Você devia agradecer, porque eu planejei fazer coisa pior com você, mas estou com pressa.

Ele dá um beijo estalado em meus lábios, quero vomitar só de tê-lo tão perto. Maldito! Virando e andando para o fundo, ele puxa dois vasos de planta e retira da terra jogando na parede. Abrindo um espaço, olha ao redor. Distraído, ele sai dali do quintal entrando na casa e vai para o carro buscar alguma coisa. Olho Dan, ele treme e se agarra forte em mim de tanto medo que sente.

— Bebê, bebê. É sua chance, vai, vai...

Ele me olha e balança a cabeça, está com medo, mas tenta ser corajoso. Olhando pela porta, Daniel fica observando onde Érico está e vejo-o sair correndo. Fico aguardando, meu coração acelera, me arrependo logo em seguida. Droga! Ele vai ver meu filho. Se ele ver o que estamos planejando vai matá-lo antes que eu possa gritar seu nome. A porta abre lá atrás, mas Dan está do meu lado com o telefone na mão antes que o outro chegue. Respiro fundo, merda, ele esconde o telefone dentro do vaso de planta e me

agarra de novo. Érico retorna com uma pá na mão e me encara, ele sente que tem alguma coisa errada, mas não diz nada, só vai até a terra do lado e começa a cavar.



A estrada está deserta, pela época do ano, não há tantos turistas ou moradores que fiquem subindo e descendo. Estou correndo tanto que já chamei atenção de vários moradores e pedestres, por pouco não atropelei um cachorro.

— Tenta não nos matar antes de chegar lá! — Betsy grita, preocupada, sei que ela está certa, mas meu medo por Malu é maior.

— Não temos tempo. —repito sempre que ela ralha comigo.

Não temos tempo para sermos cuidadosos. É tudo ou nada.

Meu telefone toca e atendo rápido, a voz do delegado está mais do que séria.

— O QUE DIABOS PENSA QUE ESTÁ FAZENDO?!

— O que você está enrolando para fazer.

— Seu filho da puta! Estou fazendo tudo ao meu alcance, mas estou agindo com a razão e não como maluco!

— Não farei nada, merda! Nada idiota! Só não posso ficar parado!

— Recebemos um comunicado, mulher e criança presos dentro de um carro na cidade logo pela manhã. Ele deve ter parado antes, chegou mais tarde na cidade do que eu presumi. — eu estava dando graças a Deus por isso — Foram vistos em um posto de gasolina.

— Estou chegando.

— Não faça nada que vá piorar a situação, Frederick. Acabei de mobilizar a polícia local, espero que eles estejam por lá.

— Tudo bem, não sou idiota.

Desligo, passo aos dois o que foi dito. Betsy está nervosa, batendo o pé

descontrolada, Tiago reza baixinho para que eles estejam a salvo. Eu só penso nisso, não posso perdê-los.



26.

Malu

Não sei quanto tempo passei pendurada ali enquanto o maldito cavava o chão. Parecia tonto, ele para de vez em quando e respira fundo, coça a cabeça onde eu machuquei e continua a cavar. Horas parecem ter passado. Isso não faz diferença, só atrasa meus planos. Quando ele cava, olho para Dan que não desgruda de mim. É arriscado mandá-lo ligar agora, droga. Não posso deixar meu filho em perigo.

— Acho que estou chegando aonde quero. — o outro balbucia dentro do buraco.

Olho curiosa, minhas mãos doem e só de tentar me esticar para ver melhor, sinto uma pontada. Minha nuca sangra depois do golpe dele, deve ter reaberto a ferida de ontem. Ótimo, só precisava ficar tonta para piorar a situação.

Érico sai de lá com uma caixa na mão, parece um pequeno baú cheio de terra e comido por traças, tem um cadeado com segredo por números. Lembro-me de já ter visto há uns anos quando ainda morávamos juntos, era onde ele guardava seus pequenos tesouros. Ele é louco.

— Aqui estamos, querida. — diz, vindo em minha direção, os grãos de areia caindo no chão produzindo um chiado baixo. — Tudo acaba a partir de agora. — parando a minha frente, ofegante, ele me encara cheio de malícia e loucura naqueles olhos negros. Olhos que um dia eu já amei, mas tenho nojo agora. — Isso aqui me garante que eu suma da existência dessa cidade de merda e jamais fique na gaiola de novo.

— Então, por que você não some de vez, seu maldito? Me deixa em paz, a mim e ao meu filho! Só esqueça que existimos.

— Ah, não, não, não... Você me fodeu naquele dia, eu fui preso porque a vadia aqui decidiu tentar fugir e chamar atenção. — ele puxa um maço de cigarro, acende um e traga forte. — Você não sabe nas coisas maravilhosas que pensei para nós dois.

Érico cospe a fumaça no ar e me encara, eu preciso ser esperta, não posso bobear agora. Pegando a caixa do lado de novo, ele sorri para mim.

— Vamos, lembre-me, lembre-me aqueles quatro números que você adorava repetir...

Eu sei do que ele está falando. Quando nova, idiota, eu vivia repetindo a maldita data do dia que começamos a namorar.

2104.

Eu sou mesmo muito babaca.

— Eu... Não sei...

Érico não fala nada, apenas acaricia a cabeça do meu filho. Eu choro. Sinto a ameaça.

— Deixe-me colocar...

— Você me acha idiota, não é? — cospe mais fumaça em meu rosto. — Vamos, Luiza, vamos lá. Quais os números?

Penso em mentir, mas... do que adianta? Eu falo, sussurrante e ele abre a caixa. Bolos de dinheiro enrolados em montinhos, muito.

— Com isso, tenho minha saída triunfal. — ele joga tudo dentro de uma mochila.

— Foi por causa disso que você voltou uma semana depois do acidente?

— Claro, vadia, achou que voltei por você? — não, não achei, mas era o que eu queria que ele pensasse. Fiz beiço choroso, deixei mais lágrimas

caírem, fingindo frustração. — Ah, Luiza, eu amo você. Amo principalmente foder essa boquinha aqui... Mas não dá, não é? Você me sacaneou legal. — sua mão está no meu rosto, quero vomitar, mas finjo tentar me aproximar dos seus dedos. Ele sorri. Sim, pense que te amo, seu vagabundo. — Agora, vocês dois vão queimar nessa casa, como eu quase queimei naquela porra de gaiola que você me colocou.

Eu tremo, não da para evitar. Preciso manter o foco.

— Érico, eu... — finjo inocência, como ele gosta. Fisgo seu dedo com os lábios e mordo. Ele geme.

É agora ou nunca, só tenho uma chance. Daniel tem que fugir, ele precisa sair correndo daqui e se esconder, mas o maldito não pode segui-lo.

Érico ri, ele não é idiota. Ele sente que estou fingindo, tenho certeza. Provocando-me, ele leva a outra mão no meu seio. Encolho-me e fecho os olhos, em seguida sua boca está na minha. Não, não consigo! Mordo seu lábio e cuspo na sua cara, ele gargalha.

— Ah, aí está a nova Malu! — sinto-o segurar meu rosto muito forte. — Onde ela estava quando uma adolescente pirada bateu na minha porta, falando que me amava e queria ficar comigo?

— Ela morreu no dia que foi atropelada e o filho dela nasceu. — rosnei em sua cara.

— Dessa Malu eu não gosto, ela é idiota demais e não tem metade da beleza que aquele bichinho sonhador tinha.

— Diferente de você, que sempre foi esse psicopata filho de uma puta, que só sabe se aproveitar em cima dos outros. — eu senti quando Dan começou a me soltar, abaixou e pegou o telefone escondido. Ele estava sentindo que aquele era o momento de distração. — Você sempre foi desprezível.

— Ah, amor... — ele segura meu rosto, fazendo-me ficar olhando em seus olhos desprezíveis. Tragando de novo o cigarro, ele solta a fumaça em mim. Ele não sabe o nojo que tomei disso. — Você fala como se tivesse sido a maior das mocinhas. Você quem era a burra, idiota, que correu atrás de um cara achando que ele fosse seu príncipe encantado. Que ele ia levar você nas alturas! Tão idiota... — ele ri, trinco os dentes para não cuspir de novo. — E agora, depois de todos esses anos, eu quem vou te dar a maior experiência da sua vida.

Eu queria não tremer, falar que sou durona e não me intimido com ele, mas eu estaria sendo falsa. Ele me dá ânsia, medo, pavor, ele me dá nojo e

pesadelos. Só que, eu preciso continuar esse jogo, porque Dan não está mais ali, ele está tão distraído comigo que não nota que meu filho saiu de fininho, como combinado. Então, me permiti continuar sendo o centro das atenções. Por meu filho, eu seria uma leoa se necessário. Só por ele.

— Você não intimida ninguém, maldito. Só é um louco, e em breve vai apodrecer na prisão, de onde nunca deveria ter saído.

— Não se preocupe, estarei bem longe de você depois de hoje. — ele riu de novo. — Aliás, você estará bem longe de todo mundo depois de hoje.

Ele ouviu um barulho, eu também, alguma coisa caiu na sala. Droga! Se for o Dan, ele vai notar. Antes que olhasse, cuspo em sua cara para irritá-lo. Olhe para mim, desconte em mim, não olhe para lá, você não pode ver o meu filho.

Ele abaixa o rosto por um momento e suspira. Tudo o que eu quero é soltar minhas mãos e voar em cima dele.

Entretanto, infelizmente, um barulho alto de uma porta batendo chama mais atenção ainda. Ele olha ao redor, vê que Dan não está ali. Droga, não! Ele se afasta de mim e faz menção de correr pela porta, jogo minha perna tentando parar seu caminho, tenho que soltar minha mão. Ele me empurra, grito para o Dan correr e o chuto. Érico segura minhas pernas e me encara firme.

— Parece que toda essa bravura, você também ensinou ao moleque, não é? — ele riu, louco, estava louco. — Vamos começar por ele então, Malu. Ai você vai conhecer o inferno de verdade.

Suas mãos apertam minha coxa forte demais. Debato-me e tento chutá-lo de novo, mas ele não para por isso. Não, não, não, não.

Daniel!



Já estamos nos redores da cidade quando meu telefone toca. Tiago pega

e atende por mim, não posso parar de olhar a estrada pela quantidade de pessoas que posso acabar atropelando. Ele atende rápido, afobado, deve achar que se trata do policial.

— Alô?

— FRED, SOCORRO. TEM UM HOMEM MAU MACHUCANDO A MAMÃE!

— Caralho, Dan! Onde você está?

— Dan? — grito, nervoso. Meto a mão no celular e puxo colocando no ouvido, Tiago segura o volante comigo, com medo de acidentes. — Daniel, onde você tá?!

— Não sei, uma casa, eu... Eu não conheço, eu durmi. — ele diz, nervoso, ouço um barulho de vidro espatifando, ele derrubou alguma coisa. — Ele tá com a mamãe, salva a gente, salva a gente.

— Dan, onde quer que esteja, corre pra longe dele e se esconde em algum lugar muito bem escondido. — digo nervoso. Se ele está conseguindo me ligar, o que o maldito não está fazendo com a Malu... — Corre, Dan!

Ouvi-o ofegante, respirando com dificuldade, ele está correndo, uma porta bate e ele grita de susto.

— Ele tá com a mamãe, ele tá com a mamãe. — ainda ouço seus passos correndo em desespero.

— Estou chegando, Dan. Estou chegando.

Ouço latidos de um cachorro, uma mulher gritando, Dan grita de novo.

— AAAAAAAHHHH! Socorro!

O telefone desliga.

PUTA MERDA!

Acelero mais do que posso, Tiago está em desespero, Betsy chorando. Eu não sei do que sou capaz, se aquele maldito tocar no Dan... Eu juro que mato ele.



Droga. Droga. Droga.

Ouço o grito do meu filho, eu tenho que correr e salvá-lo.

Não, não, não.

Eu sou muito idiota, o coloquei em perigo, a culpa é minha. Droga, ele vai matar meu filho!

Com dificuldade, puxo um vaso de uma planta do lado, a arrasto até a parede onde estou e respiro fundo. Estou sentindo muita dor. Subo em cima ganhando altura, a algema que prende minha mão solta do suporte na parede, fraca como estou eu caio no chão. Respiro fundo, levanto, tenho que focar a minha mente. Droga de maldição!

Levanto com dificuldade, vou andando pela porta, passo pela sala e vou até a cozinha. Olho ao redor, a porta aberta por onde ele passou atrás do meu filho. Vou andando para alcançá-lo, vejo um faqueiro, um sorriso se ilumina no meu rosto.

Ele não vai matar meu filho.

Pego uma faca de churrasco e a seguro firme em minhas mãos. Um grito de uma mulher corta todo o silêncio do ambiente. Levo um susto, corro até a porta e olho para longe, vejo os cabelos ruivos do meu filho sumindo para dentro de uma trilha do bosque do morro, que cobre toda as costas das casas da rua. Érico está parado com a arma erguida, um disparo em uma mulher e ela está caindo ao chão.

Puta merda!

Ele já não se importa com mais nada nem ninguém.

Ele está simplesmente eliminando tudo que fique no caminho de sua vingança. Corro até lá, não tenho tanta velocidade, estou tonta e cheia de dor. Érico some atrás do meu filho, não ficarei para trás, ele não vai pegá-lo.

Não se eu pegá-lo antes.



27.

Frederick

O carro desliza pela rua parando no meio dela, desço correndo, largando a porta aberta, conheço aquela rua e jamais me esquecerei daquele lugar, não quando ali, realmente, tudo mudou em minha vida.

A casa está aberta, o portão fechado. Corro até a calçada e olho ao redor, ouço um choro estranho, não vejo ninguém, mas Tiago me chama e aponta outro quintal. Pulamos a cerca, uma mulher está sangrando com um tiro na barriga.

— Merda! Deve ser o grito que ouvi. — constato, no susto.

— Temos que levar ela para o hospital! — Betsy está em choque.

— Tiago, me ajuda a colocar ela no carro. Betsy, segue a rua principal e olha pelo celular. Leva ela, leva ela!

Colocamos a mulher no banco traseiro, estou para sair correndo de novo

quando Tiago me grita. Olho para trás, ela está sussurrando alguma coisa no ouvido dele. Ele fecha a porta e Betsy da a partida, desesperada, ela está chorando, mas ainda age e não se deixa parar. O outro me chama, acenando com a mão.

— Eles correram para lá! Vem, vem, vem!

Eu simplesmente segui. Achei ter ouvido sirenes atrás de mim, mas não me importo, a polícia teve todo tempo do mundo para agir.

Tenho que encontrar os dois.



Perdi o maldito de vista.

Droga!

O barranco desce, algumas árvores espaçadas, é longo e denso, não vejo nada muito distante, mas não posso desistir.

Minha vista está embaçada, estou com um zumbido no ouvido que me deixa louca, mas ainda assim, não posso desistir. Meu filho depende de mim e não deixarei aquele maldito fazer nada com ele.

A arma tem silenciador, mas que droga! Se ele atirar, não ouvirei de onde vem, preciso me guiar pelo lugar sem saber para onde ir.

— DAN!

Grito em desespero.

— DAN! DANIEL!

Tento de novo. Estou correndo, olhando ao redor, a faca na minha mão pronta para fazer o que fosse preciso.

Ouço um grito do meu filho, corro na direção, passo por três árvores e ofegante, me apoio em uma delas. Vejo mais abaixo Dan escondido atrás de uma pedra, ele está segurando a perninha como se estivesse doendo. Érico

está andando calmamente em sua direção. Maldito! Não posso deixar.

Começo a correr, mas contenho meus passos para não fazer muito barulho, a surpresa vai ser minha aliada, pois a força dele é maior. Dan grita meu nome, grita o nome do Fred, ele está em desespero. Eu quero chorar e abraçar meu filho, mas não posso.

— Achei você, garotinho... — Érico diz com um sorriso. — Vamos voltar, vamos? Temos um estouro para fazer.

— Quem vai estourar você, sou eu!

Grito quando já estou caindo em cima dele. Tento acertá-lo com a faca, mas ele me segura e a lâmina cai no chão junto comigo, escorregando morro abaixo. Rolamos pelo barranco, sinto meu corpo bater nas pedras, lama e raízes do chão. Paro quando me choco contra uma árvore, ele está do meu lado, tão aturdido quanto eu. Perdeu a arma, a faca também caiu em algum lugar, olha ao redor buscando meu filho.

— CORRE, DAN! CORRE!

Grito, Érico faz menção de segui-lo, passo a mão pelo chão e seguro uma pedra. Arrasto-me na direção dele, uma lembrança me atinge do sonho que tive dias atrás.

"*Ele é tão imbecil, que um chute em seu joelho esquerdo e ele desaba. Operou há uns anos, sei cada ponto fraco dele."*

Graças a isso, eu também sabia. Ergo meu corpo sobre os joelhos, espero ele levantar, ele acha que sou uma fraca inútil e não dá bola para mim, está com alguma fixação obsessiva pelo meu filho.

Ótimo, olhe para lá, o real perigo está aqui atrás.

Quando Érico fica de pé, eu seguro a pedra mais firme, jogo o corpo para frente e bato com todas as minhas forças em seu joelho, pelo lado. Dor explode em sua face, cai para frente, urrando em agonia. Eu caio junto, mas me apoio com as mãos. Respiro fundo, estou tonta e muito dolorida. Ele me encara com ódio e desprezo enorme.

— Eu vou matar você, vadia!

Sua perna está quase inútil ao lado, vejo a dor em seus olhos. Percebo algo naquele momento.

Eu não tenho mais medo dele.

Olha ele, desprezível e inútil, um ser humano vazio e sem alma. Por que eu temeria? O que temo é perder meu bebê, mas ele está longe agora e sei que

com aquela perna machucada, não vai alcançá-lo.

— Você perdeu a chance de ser livre quando veio atrás de mim, Érico. — digo, ofegante, ouço-o se levantando. Afasto-me, não posso baixar a guarda, ele ainda tem a capacidade de me matar se quiser. — Você nunca será livre, porque a podridão em seu coração supera qualquer razão que sua mente pudesse ter.

— A única coisa que me dá clareza real dos fatos, amor, é que vou matar você, aquele pirralho, e aquele vagabundo que fodeu o que é meu. Depois disso, posso pegar minha grana e sumir do mapa em paz.

Sorrio, isso o irrita mais. Érico avança até mim, mancando e me puxa pelo vestido, batendo meu corpo contra a árvore.

— E você vai queimar no inferno, vadia, sabendo que eu vou rir e beber todos os dias, rindo da *sua* cara.

Vejo alguém correndo ao fundo en nossa direção. Um sorriso estampado em minha cara é tudo que consigo dar. Ele não vai conseguir, tenho confiança disso.

— Tudo que você vai ter nessa vida, Érico, é o desprezo de todos os seres humanos que o rodeiam, porque você não é nada mais que um verme podre e sem alma.

Ele ergue a mão para me socar, porém outra mão segura a dele antes que o faça e puxa seu corpo para o lado.

Frederick explode um soco em sua face e enterra o punho em seu nariz, joga-o contra o chão. Érico cai em agonia. Fred para um segundo a minha frente, inspiro seu cheiro, como se pudesse recarregar minhas energias físicas. Seu sorriso me deixa anestesiada, me deixa forte e feliz.

Ele se vira, Érico está de pé, ele avança sobre Fred e mesmo ferido, tem uma força desumana. Ele ignora a dor que sente, ignora o joelho, o rosto ou qualquer coisa.

Érico avança sobre Fred, que encara e não recua. Os dois trocam socos, golpes e empurrões. É feio, Érico não para e parece não sentir nada! Ele soca o rosto de Fred, ouço seu maxilar estalando, este segura-o pela gola e o enforca impedindo seus movimentos.

— Foi bom foder com a garota que eu treinei? — ele diz, sinto nojo de suas palavras. Ele é louco e desprezível. Olho ao redor, não posso ficar parada apenas assistindo.

— Foi bom amar e conhecer a garota mais incrível do mundo, foi você quem perdeu e não sabe, imbecil.

Érico se solta e tenta socar Fred, mas este desvia com mais facilidade. Olho pelo chão, onde está a pedra que acertei em sua perna? Movo-me do lugar, me obrigo a me mover, vejo uma luz ao fundo de algo que reflete a fraca luz do sol.

A faca.

A faca que peguei na cozinha.

Vou mancando até lá, vejo quando os dois se chocam contra a árvore mais próxima, paro do lado da lâmina e a pego.

Fred está com Érico contra a árvore, socando-o, raiva transborda de seus punhos, ele está vazando tudo aquilo que sentiu por cinco anos.

Mas Érico é traiçoeiro. Ele bate o pé direito contra Fred o distraindo, empurra-o para socá-lo, mas eu me movo antes.

Eu avanço para frente e não penso, só consigo agir.

O avanço de Érico para frente o faz vir de encontro a lâmina em minha mão. Enterro-a em sua barriga, ele trava e me encara, espanto em seus olhos. Eu só sinto o prazer de finalmente descarregar tudo, todo o sofrimento, todas as surras, todas as brigas e todos os abusos.

Eu só descarrego.

E vejo seu corpo cair.

Ele me olha do chão, agonizando, meu corpo cai fraco para trás, mas Frederick me segura.

Ele sempre me segura.

Ele me afasta para trás, longe do maldito, e me jogo em seu colo, deitada no chão. Ele senta me abraçando. Dali debaixo eu vejo, como há uns anos atrás, os seus olhos cristalinos tão azuis me fitando com preocupação. Os mesmos olhos que me salvaram aquele dia e me salvou hoje, mas hoje eu consegui usar isso de ponte para me livrar por mim mesma.

— Seria muito clichê eu dizer que te amo? — falo baixinho, em meio aos seus sussurros preocupados comigo. Ele segura meu rosto, sorri e eu acho lindo.

— Às vezes um bom clichê deixa nosso dia mais alegre. —responde. Eu consigo rir, ofegando. Ele beija meus lábios com carinho, estalando beijos, ficando mais tranquilo comigo ali, segura em seus braços.

Porém, ouço barulho das raízes estalando. Quando olho, Érico está levantando. Ele puxa a faca, sangue jorrando como rio de sua barriga. Ele treme e avança com a faca em sua mão, como se oferecesse algum perigo.

— Eu... Vou... Matar...

Eu não ouço o disparo, apenas o zumbido da bala atravessando o ar. O tiro pega bem no peito, atravessando o coração e derrubando o corpo no chão.

Quando busco, Tiago está com o revólver do maldito na mão, Dan agarrado a sua perna de pé, olhando tudo.

Cubra os olhos dele...

Penso, mas não consigo falar.

Estou fraca demais e minha cabeça latejando.

Érico está morto e eu consegui sobreviver.

Eu consegui sair.

De novo.

Eu desmaio, mas com um sorriso.

Eu venci.



28.

Frederick

Tudo terminou com um borrão.

A felicidade que me atingiu quando consegui recuperar os dois não cabe em mim mesmo. Levei Malu e Dan até os policiais que chegaram, muita burocracia, mas Betsy e Tiago estavam ali comigo. Tudo o que me importava era que os dois ficassem bem, e faria de tudo para vê-los 100% ao final.

Eles foram levados para o hospital geral da cidade, mas logo fiz o pedido para transferi-los para o Rio, onde poderiam se recuperar com o médico da minha família. Malu estava fraca, precisava de cuidados urgentes. Os ferimentos em sua cabeça pioraram, o traumatismo poderia precisar de uma cirurgia, eu daria tudo de melhor que ela precisasse.

Fiquei com Dan o tempo todo, ele tomou mais susto e não se machucou tanto, apenas alguns arranhões de quando caiu no barranco fugindo do

maldito. Tiago respondeu por legítima defesa e cuidou de todo depoimento, Faria intercedeu por nós, e tudo começava a chegar ao seu fim.

Uma semana depois, estou entrando no hospital com Dan no colo. Malu ganhará alta hoje, vou levá-la para casa e mimá-la de todas as formas possíveis. Rindo com esse pensamento, passo pela recepção falando com as enfermeiras. Elas me cumprimentam, falam que Léo já chegou e está assinando os papéis por mim, agradeço e vou para a sala de Malu buscá-la.

Quando entro, Betsy já está lá, o quanto eu me atrasei? Rindo, deixo Dan ir ao chão e correr até sua mãe.

— MAMÃEEEEE! — ele se joga em cima dela, abraçando forte. Malu faz cara de dor, mas ri e o suspende, apertando com toda força que tem.

— Meu bebê preferido!

— Viuuuuuuuu! — Dan vira para mim, encarando firme — Eu disse que ela prefere eu ainda.

— Ela bateu forte a cabeça. — implico com ele. Os dois riem, estamos nos dando muito bem depois dos dias comigo.

— Vou levar as coisas dela para o carro. Dan, vem comigo?

— Ah, eles vão se beijar, tia Bet?

— Vão sim! — eles gargalham e saem andando, reviro os olhos e paro na frente dela.

Malu tem um brilho naqueles olhos verdes tão lindos, que faz eu me apaixonar mais e mais a cada dia.

— Bom dia, minha princesa.

— Podia ser melhor. — ela faz beiço. — Você podia não ter se atrasado.

— Já tentou dar banho no Dan quando ele não quer? Ele é um cretino! — ri, brincando, ela gargalha.

— Ele é um malvado quando quer. — concorda. Beijo seus lábios bem de leve. Malu me abraça tão forte que sinto um alívio imenso no coração.

— Vamos para casa?

Ela confirma, me abraçando de novo com certa urgência, não querendo soltar nunca mais. Porém, eu sei uma nova forma de deixa-la animada e esquecer dos problemas.

— Ah! Tenho um presente de saída de hospital. — falo, mexendo no bolso.

— Ah, para, não precisa... — falava, enquanto estendo a mão com o documento de inscrição nas aulas de costura que ela queria. Seus olhos se arregalam em choque. — Você... Você não... Não devia...

— Feliz sobrevivência ao inferno. — brinco. Ela chora e a abraço, beijando sua testa. — Você merece toda a felicidade que eu puder proporcionar.

— Obrigada....

Ela me beija, rápido e voraz com o que sua força permite, porém alguém bate a porta. Quando olho, vejo minha irmã. Suspiro, ela não me dá sossego.

— Só vim ver como estava. — Léo diz, nervosa.

— Estou bem, Léo. Obrigada. — Malu responde.

— Bom retorno. — ela me fita, sei o que quer falar, mas opta por não dizer e sai andando. Suspiro de novo. Não posso deixar as pendências acumularem.

Malu está me encarando igual quando olha para Dan, quando ele está aprontando e vai lhe dar uma bronca. Reviro os olhos, ela ri. Linda demais!

— Não acha que já está na hora de fechar esse ciclo? — pergunta séria. — Vai lá, eu vou me trocar. Todos temos que enfrentar nossos demônios.

Suspiro, ela sabe bem sobre isso. Beijo-a de novo, demorado, cheio de desejo e amor. Malu se entrega a cada beijo nosso, se abre mais, me deixa entrar em seu coração.

Eu a amo, não há sentimento maior.

Ela se levanta e vai para o banheiro, meio sem opções, vou saindo pela porta. Eram literalmente dois corredores do lado, não duvido caso ela já tenha estado aqui. Vejo Léo ao fundo, de frente para uma parede de vidro, olhando uma sala privada. Ando até ela, seu rosto tem dor e sofrimento. Não falo nada, mas quando ela me vê corre e me abraça. Aninho-a ali como fazíamos na infância, mesmo com mães diferentes, ainda somos muito ligados.

— Eu não quero mais brigar. Não quero mais ficar longe. Só não consigo mais aguentar isso sozinha.

Confirmo, sei como é difícil para ela, também é para mim, mas ela sempre se mostrou mais forte. Fomos andando até a sala, paro encarando o lado de dentro. Meu pai está lá, deitado, a vida mantida por um aparelho do coma que o levou e não devolve mais. Suspiro, Léo ainda agarrada a mim de lado.

— Juntos?

Ela confirma, chama o médico e conversa com ele. Apenas espero enquanto ela realiza todo o procedimento e assina os papéis, apenas espero e fico fitando o homem que tanto fez na minha vida desde o dia que nasci. O homem que não se importou quando minha mãe morreu, que sempre teve

preconceitos enraizados em seu sangue, mas que graças a mulher maravilhosa que me criou eu me tornei algo melhor. Mais que ele.

Quando entro na sala privada, o cheiro dos remédios e da morte me atingem. Paro do lado da maca, ouço passos atrás de mim e sinto-a antes de vê-la. A química entre nós e forte.

Malu me abraça por trás e esconde o rosto nas minhas costas. Ela se tornou o pilar que me sustenta e me dá forças para seguir em frente.

— Vou sempre estar aqui ao seu lado. — ela diz. Eu confirmo, espero minha irmã, ela para ao meu lado.

Aperto o botão.

Ouço quando os aparelhos vão desligando e o apito se torna um som agudo, fino e contínuo. Ele se foi.

"Não posso perdoá-lo, não posso tirar nem tão cedo esse rancor do meu coração, mas posso libertá-lo do castigo que a vida lhe deu. Não o desejo mal, só não quero mais pensar em você. Espero que tenha ido para o lugar que merece, e lá no além, você se desculpe com as duas vidas que tirou. Eu ainda estarei aqui, resistindo, vivendo, sentindo"

Penso.

Fecho o ciclo. Estava mais do que na hora.

Minha alma está liberta.



Epílogo

Malu

O carro segue pela rua, mas não consigo ver para onde estamos indo. O cretino do meu noivo vendou meus olhos e está fazendo segredo com o Dan há duas semanas. Como ele conseguiu fazer o pestinha ficar quieto? Ele sempre me contava as coisas.

Sinto que o carro para, a porta abre e ouço-o saindo, quando a porta do meu lado abre eu sinto sua mão no meu ombro, desço e paro de frente para ele.

Frederick fez eu me arrumar para um encontro, já estamos há um ano juntos, mas ele ainda me surpreende a cada dia como se fosse o primeiro. Às vezes parece irreal, mas coisas assim acontecem, você precisa primeiro valorizar a si mesma que a resposta chega.

Ele tira a venda dos meus olhos, ouço sua risada com minha cara

emburrada.

— Pode abrir.

Olho ao redor, estamos em uma rua estranha, há uma linha do BRT do lado e não conheço nada. Está movimentado, cheio de gente, mas não há um carro sequer passando.

— Eu deveria entender?

Ele ri.

— Vem que vai entender logo.

Ele segura minha mão, sigo-o, aquele calor natural me invade por estamos juntos e tão próximos. Ele faz eu me sentir a mulher mais fantástica do mundo, ele sim é um amor.

Seguimos andando, algumas pessoas falando, mas não consigo assimilar as informações.

Só que, não demora muito, caminhadas depois, eu começo a entender para onde estamos indo.

A cidade do rock!

Puta merda!

É o show do Rock In Rio!

Eu grito de emoção, ele gargalha alto e me abraça, puxando nós dois para a fila. Tiago já está lá com Michael, eles fazem o casal mais fofo! Estão guardando nossos lugares. Depois, Betsy e uma garota chegam também. Amo estar com eles.

Tudo se torna uma loucura, nós entramos e seguimos andando por todas as atrações locais. Eles beberam, todos dançamos, corremos e nos divertimos. Me permiti tattoar uma frase em meu antebraço.

"Veni Vidi Vici"
"Eu vim. Eu vi. Eu conquistei."

Estamos agora no meio do povo, *Nightmare* começa a tocar, o show ao vivo do *Avenged Sevenfold* que sempre sonhei em assistir. Frederick me abraça por trás, fico admirada encarando aquele palco enorme, mágico, tão maravilhoso.

— Vai ser clichê dizer que te amo agora?

Ele sussurra em meu ouvido, eu ri alto demais. Viro de frente para ele, beijo seus lábios tão apaixonada e cheia de calor.

Sim, eu o amo. E acima de tudo, eu me amo! Aprendi a sentir e me amar

e me valorizar. Todas precisamos sentir isso, ao menos aprender.

— Nós também te amamos, papai.

— Ah, Malu! Eu te... — ele então prestou atenção na frase que eu disse. Eu vejo cada emoção que transborda por seu rosto. Surpresa, curiosidade, confusão, alegria. — O que...

— Sim...

Ele põem a mão sobre minha barriga, admirado, extasiado.

— Você está...?

— Sim. — repito. — Vai se chamar Luci, se for menina, e você escolherá o nome se for menino.

Ele gargalha de felicidade e me ergue no ar, feliz e sorridente, gritando de tanta alegria e euforia.

— Eu te amo acima das estrelas, Maria Luiza.

— E eu sempre te amarei, Frederick Cross.

Ele me beija de novo.

Eu sinto.

Eu vejo.

Eu amo.

Eu amo cada lindo pedaço da minha vida.

Você a ama a sua?



Agradecimentos

Primeiramente, sempre agradeço a Deus por todas as coisas na minha vida. E principalmente, por colocar pessoas maravilhosas em meu caminho.

Minha amada mãe merece todo o agradecimento do mundo e sempre o farei, pois se tenho base e incentivo para escrever e colocar todas as minhas inspirações no papel, é por causa dela. Gisele, você é minha musa inspiradora de toda vida e a minha eterna rainha.

Quero agradecer especialmente a Karen, minha beta amada por me apoiar tanto. E urgentemente a Yasmim, porque você me inspira e me apoia tanto que não sei se mereço!

E por fim, aos meus leitores magníficos que dão o melhor feedback da história. Que comentam, curtem, compartilham e se emocionam comigo.

Amo vocês.

Muito obrigada.



Sobre a Autora

Thamires é como toda pessoa comum: batalhadora, pisciana, leitora voraz, mãe, porém, principalmente é sonhadora.

Nascida no estado do rio de janeiro, sonha com suas histórias fantásticas e apaixonantes, e em lança-las ao mundo alcançando todos os que querem sonhar em conjunto.

Pois, é sonhando que se idealiza e torna o mundo um lugar melhor.

Siga também nas redes sociais! E fique de olho em novos lançamentos:

Instagram: @thamirescrystallis

Facebook: Crystallis – Thamires Santos
https://www.facebook.com/Crystallis—Thamires—Santos—627836670988488/

Conheça outra obra da autora: Crystallis, a Joia Real

Saga Crystallis:

"A joia real foi quebrada, e o destino de uma caçadora tragicamente destruído. Agora, ela precisa lutar ao lado dos seus amigos para desvendar os mistérios de seu passado, e também, seu futuro"

Valerie Labonair é humana, mas corre magia em seu sangue, e isso a torna especial visto que humanos não possuem o dom da magia em Distópia. Entretanto, esse poder nunca foi necessário, até o dia que orcs brutais estão pelas redondezas de sua moradia, levando inocentes a morte precoce.

Sua vida continuaria a mesma, mas ao salvar um lobo inocente e um soldado ferido, se vê envolvida em uma trama de conspiração e corrupção pelo trono de Édera, que após a destruição da Joia Real, a joia que coroa o Rei, se vê a mercê de nobres corruptos, seduzidos e controlados por uma misteriosa bruxa poderosa.

Embarque nessa aventura épica, cheia de magia, emoção, romance e muito amor!

https://amzn.to/2Wk86qE